

## CHAMADAS POR DEUS

### Histórias de Ministras Adventistas do Sétimo Dia

Josephine Benton

#### Para meus pais

Sr. e Sra. A. C. Griffin

com quem aprendi pela primeira vez as alegrias do ministério

Traduzido por  
Victor Hugo Nery Martin

#### Apreciação

Parentes e amigos das mulheres apresentadas neste livro tornaram o projeto possível por meio de cartas, fitas, telefonemas e fotografias. Algumas dessas pessoas prestativas são creditadas em notas de rodapé. Aos outros, não mencionados, também.

Meus colegas do *Columbia Union College* deram um apoio maravilhoso: os escritórios do Programa Noturno para Adultos, o reitor acadêmico e de admissões da Biblioteca Weiss, para mencionar alguns, não sendo possível mencionar todos. Greg Ingram e David Wright, dos serviços de informática, foram facilitadores gentis e eficazes.

A equipe dos Arquivos da Conferência Geral, especialmente Bert Haloviak, ajudou a tornar a minha pesquisa agradável e frutífera.

A Biblioteca *Review and Herald* me permitiu pesquisar lá, e na Biblioteca da Universidade Andrews tive o privilégio de pegar emprestada a autobiografia de Minnie Sype.

Art Hauck conseguiu fazer meu computador Wang rodar WordPerfect. Saudosas memórias deste meu amigo.

David e Jo Byrkit me mostraram como converter o conteúdo do Wang WP para WordPerfect e permitir que a tecnologia híbrida funcionasse.

Minha família ofereceu sugestões valiosas e me apoiou em todos os sentidos.

Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus Gálatas 3:28.

#### *Ponderações Iniciais*

“Eu Conheci Uma Ministra”

Em junho de 1973, o irmão N. R. Dower e eu nos encontramos em um corredor lotado da exposição de livros na reunião campal da Conferência de Potomac. Ele era diretor ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia; eu tinha acabado de ser convidado pelo Comitê da Associação de Potomac para me tornar pastora associada na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Sligo, algo muito inovador para a maioria das pessoas.

“Josephine,” perguntou-me o Irmão Dower com seu jeito cordial, “Você sabia que comecei no ministério sob a orientação de uma mulher?”

Fiquei chocada demais para fazer perguntas. Mas consegui escrever: “Irmão Dower estagiou no ministério sob a orientação de Jessie Weiss Curtis na Pensilvânia.” Olhando para aquela nota depois, me perguntei: “**Quem era essa ministra? Por que** nunca ouvimos falar dela?”

Vários meses depois, ao cumprimentar fiéis que saíam da Igreja de Sligo, uma convidada apertou calorosamente minha mão e exclamou: “Eu conheci uma ministra!” Ela me garantiu que, como pastora, eu não era a única, pois sua cunhada também foi ministra adventista. Ela se ofereceu para me enviar a licença ministerial de sua parente.

Sugerindo que a família guardasse o documento original, ela disse que ficaria feliz em receber uma cópia, junto com outro material que estava sendo oferecido. Assim aprendi mais sobre Jessie Weiss Curtis.

Durante os anos oitenta, entrevistei vários membros da família da Sra. Curtis e tive o privilégio de pregar na igreja que ela criou em Drums, Pensilvânia. Lá visitei diversos convertidos, amigos e parentes dela. O que aprendi sobre esse evangelista capaz, dedicada, mas humilde, me emocionou muito (capítulo 5).

A seguinte carta ao editor da revista *Insight*, em 1974, com o título sob o qual foi publicada, despertou meu interesse a respeito de outra ministra:

### **Uma Verdadeira Pregadora**

Então me interessei nas discussões sobre as mulheres ministras na nossa denominação. Quero que saiba que minha mãe foi batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia no início de 1900 por uma ministra ordenada, Sra. Minnie Sype. Cito uma carta recente de minha mãe:

“Conheci Sra. Sype em Hawarden, Iowa, em 1908. Foi quando ouvi pela primeira vez sobre a fé adventista. Ela era uma ministra. Seu marido fazia o trabalho doméstico e também dirigia os louvores nas reuniões da tenda. Ela era uma oradora poderosa, pelo que me lembro.”...

—Thomas E. Durst, Colville, Washington. “A Real Lady Preacher,” *Insight* (7 de maio de 1974): 2-3.

No Anuário de 1908, encontrei o nome de Minnie Sype entre os ministros da Associação Iowa. Embora não fosse ordenada, era significativo atuar em 1908 como ministra licenciada; além disso, ela não estava sozinha, pois a Associação Iowa também teve outra ministra licenciada naquele ano, Sra. G. R. Hawkins.

Ficando curiosa para saber se as mulheres ministras também poderiam ter servido em outras associações, folheei o pequeno Anuário de 1908. Encontrei Sra. Bertha Jorgensen entre os ministros licenciados da Associação Dakota do Norte; na Associação Geral, Sra. E. G. White aparece como ministra ordenada e Sra. Sra. J. S. Wightman está listada como ministra ordenada da Associação Califórnia.

Naturalmente surge a pergunta: Como Sra. White e Sra. Wightman estão incluídas entre os ministros ordenados? Toda a informação que consegui coletar para responder esta pergunta aparece no capítulo 7 sobre Ellen White e no capítulo 3 sobre Lulu Wightman.

Foi uma surpresa feliz, encontrar seis mulheres listadas como ministras em 1908; então procurei em outros Anuários. Liste os nomes que pareciam obviamente ser de mulheres. Ela não é de forma alguma exaustiva e muito mais trabalho poderia ser feito nesta área.

Como cacos de vidro, há poucas informações sobre essas mulheres, um pouco aqui e um pouco ali, gradualmente formando camafeus de vitrais de mulheres ativas no ministério ao longo dos anos, mas cuja história foi em grande parte esquecida.

Diversos ministérios femininos são descritos com detalhes nos capítulos 1–7; uma breve cobertura de outras mulheres

evangelistas e pastoras pioneiras é aparece no capítulo 8. O relato é trazido até o presente no capítulo 9 com a mais breve menção de um grupo de mulheres vivas que são ministras ativas ou aposentadas. Capítulo 10 considera uma analogia bíblica, e, na conclusão, olhamos para o futuro à luz do passado e do presente.

Meus objetivos ao escrever são três:

1. Acredito as vidas dos leitores serão inspiradas na dedicação demonstrada por estas ministras em tempos de desafio, crise e ricas recompensas, à medida que responderam aos seus apelos individuais para o ministério.
2. Para as mulheres que hoje se consideram chamadas para o ministério, essas corajosas que lideraram o caminho podem servir de modelos.
3. Espero que os líderes da igreja e os membros leigos percebam que as ministras não são uma novidade da década de setenta na Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas antes foram entrelaçadas na trama da nossa fibra denominacional desde os primeiros anos. Embora em minoria, serviram com distinção, trazendo centenas, sim, milhares de convertidos para se regozijarem em Cristo e na igreja. Hoje, as ministras adventistas continuam esta tradição.

Não fazia muito tempo que estava em Montana quando o irmão Watt começou a me incentivar a falar ao povo. Tanto ele quanto o Sr. Williams ficaram muito satisfeitos com minha primeira tentativa.

—Helen Williams, 1922

#### Convocada a Pregar

### **Helen Williams: 1868 a 1940**

#### *Ministra licenciada 1897 a 1914*

Helen May Stanton chamava a atenção: uma bela jovem de cabelos dourados que sempre parecia confiante. Ela nasceu em 1868, a quarta filha de um próspero fazendeiro de Michigan. A árvore genealógica remonta ao secretário de Estado Stanton, que serviu no governo de Abraham Lincoln.

Desde a infância, Helen May demonstrou um notável entusiasmo pela vida. Essa garota confiante e inteligente começou a lecionar depois de terminar o ensino médio, aos 15 anos.

Aos 17 anos, a jovem professora decidiu continuar seus estudos frequentando o *Battle Creek College*, localizado em seu estado natal. Ela chegou para o ano letivo de 1885-86 para fazer parte de um corpo discente composto por 184 senhoras e 220 senhores.

O Curso Bíblico para calouros incluía língua inglesa, matemática, palestras bíblicas ou instrução missionária, seleções de leitura e redação. Cuidado com a saúde era o centro do currículo. Helen estava se preparando para compartilhar o que aprendeu com pessoas que não estavam familiarizadas com os ensinamentos bíblicos de sua igreja.

Helen pagava aproximadamente 75 centavos por semana pelas mensalidades, 50 centavos pelo aluguel do quarto e U\$ 1,75 pelas refeições da semana. Durante o ano letivo, os custos dos livros didáticos variaram de U\$ 3 a U\$ 7, a lavanderia custava U\$ 8,50, enquanto o combustível e o óleo custavam cerca de U\$ 6,60 anualmente. Tais valores foram um sacrifício tão grande para os pais em 1885 quanto atualmente. Contudo, o Sr. e Sra. Stanton ficaram felizes em matricular Helen no Colégio Adventista do Sétimo Dia. (Eleventh Annual Catalogue, *Battle*

*Creek College, 1885-86.)*

Helen ajudou a custear suas despesas trabalhando no Sanatório de Battle Creek, atendendo hóspedes que vinham descansar e fazer terapia. Ela costumava servir refeições para Ellen G. White, que regularmente visitava o sanatório. Helen passou a gostar muito da Sra. White.

Uma anedota relembra com considerável prazer pelo filho de Helen, o irmão Hugh Williams, diz respeito à sua mãe e líder da igreja, Ellen White (*Extraído de uma conversa gravada enviada ao escritor pelo irmão Hugh Williams e pelo Dr. Earl Williams, filho e neto, respectivamente, de Helen Williams, julho de 1985*). Helen Stanton comprou um vestido de seda cinza que, à moda da época, tinha uma cauda em miniatura; alguns irmãos da igreja criticaram o vestido, talvez porque estivesse na moda. Certo dia, enquanto usava o vestido cinza, Helen entrou no quarto de Ellen White para entregar uma refeição. Helen ficou surpresa quando pediu: “Vire-se, querida, e deixe-me ver esse vestido”. Respirando fundo, esperando alguma repreensão da Sra. White, Helen ouviu seguintes as palavras: “Meu Deus, você tem muito bom gosto! Que vestido lindo!” Após Helen se certificar de que os críticos soubessem que Sra. White aprovou seu vestido, ela não ouviu mais nada sobre.

Talento para a moda e aparência naturalmente atraente não diminuíram a dedicação de Helen ao serviço de Deus. Tendo aprofundado seu compromisso de compartilhar o evangelho com o mundo, ela terminou seus estudos em Battle Creek e conseguiu um emprego em 1887 como obreira bíblica na Associação Michigan. Irmão G. I. Butler, que convidou a Srta. Stanton, foi presidente não apenas da Associação Michigan, mas também da Associação Geral.

Durante dois anos, Helen ensinou princípios bíblicos às pessoas em Grand Rapids e Saginaw, preparando-as para o batismo. Posteriormente, a Associação Geral a chamou para Indianápolis. Ao mesmo tempo em que dava estudos bíblicos fielmente, Helen também conseguiu frequentar aulas universitárias em Indianápolis. Não temos certeza o que ela estudou; seu filho dizia que provavelmente foi discurso ou elocução, no qual ela se tornou muito competente.

Além do trabalho e dos estudos, Helen tinha ainda outro interesse importante na vida. Eugene Williams, a quem conheceu no *Battle Creek College*, ministro licenciado na Associação Michigan, se encantou pela obreira bíblica de cabelos dourados. Eugene era o único filho de James Williams, um imigrante do País de Gales que prosperou em Michigan como empreiteiro de pontes.

Eugene era um ano mais velho que Helen. Embora a distância geográfica entre os dois aumentou quando Eugene foi transferido para a Missão Montana, o sentimento cresceu.

Em agosto de 1890, Eugene Williams e Helen May Stanton se casaram e passaram a lua de mel no Parque Nacional de Yellowstone. Helen passou a cuidar da casa com seu novo marido em Montana e trabalhou ao lado dele no ministério.

Pouco tempo depois, o diretor missionário, irmão Watt, pediu que Sra. Williams realizasse conferências evangelísticas. Ela aceitou alegremente o desafio. Tanto o presidente da missão como o seu marido ficaram satisfeitos com a forma como Helen conduziu a sua primeira conferência (*Extraído de uma carta que acompanha a Solicitação do Fundo de Sustentação, de Helen Williams, 1922. Arquivos da Associação Geral. Este importante documento, cartas e fitas da família Williams fundamentam os fatos e as citações não creditados neste capítulo*).

Por que um diretor missionário no início da década de 1890 incentivou uma jovem a realizar conferências? Primeiro, Helen Williams era uma incrivelmente habilidosa, uma oradora notável desde pequena. Ler em público era uma forma de entretenimento comum naquela época, a qual fazia tinha muita experiência.

Segundo, ela recebeu treinamento profissional em princípios bíblicos e ministério de saúde no *Battle Creek College*. Tudo isso somado à orientação e à bênção do Espírito Santo, vemos uma mulher chamada para o

ministério. De acordo com o seu filho Hugh, Helen sentiu este chamado cedo e achava que casar com um ministro ajudaria a abrir portas e ela usar os seus dons no ministério (De uma fita transcrita das memórias de Hugh Williams, enviada à autora por Phyllis Vineyard, agosto de 1989. Ver o apêndice A, 1.1).

Como obreira bíblica, Helen Stanton se tornou uma oradora popular em reuniões campais. Havia poucos ministros campo, então a jovem Helen Williams era necessária como evangelista.

Embora Helen e Eugene Williams construíssem suas vidas unidas em torno do ministério, a família também era importante para eles. Em 1891, nasceu o primeiro filho deles, Irwin. Pouco tempo depois, os Williams voltaram para Michigan para cuidarem do pai de Eugene, que estava doente, mas ele viveu apenas mais alguns meses. O segundo filho do casal, Lewis, nasceu em 1893, em meio à intensa atividade ministerial de seus pais.

Dois anos depois, os Williams foram chamados para a comunidade Bell's Corners, perto de Elsie, Michigan, para realizar conferências evangelísticas. Naquela pequena cidade, havia apenas uma casa disponível para alugar, inadequada para o casal missionário com dois, já esperando um terceiro em breve. Felizmente, mulheres bondosas da comunidade deram uma ajudada na casa, e, com carinho, prepararam-na para a jovem família ministerial. O terceiro filho, Hugh, nasceu lá em 1895.

Em 1897, os Williams se mudaram para Grand Rapids, onde Eugene pastoreou a congregação adventista na cidade enquanto supervisionava a construção de uma igreja. Helen pregava intermitentemente, dava estudos bíblicos e ajudava no ministério tanto quanto podia enquanto criava três meninos.

Irmão Williams ficou conhecido como “pároco casado” em toda a Associação Michigan, que tinha uma equipe pastoral limitada na década de 1890. Ele era ocasionalmente chamado para realizar casamento ou funeral, em outros distritos. Nessas ocasiões, Sra. Williams pregava no culto de sábado ou em qualquer outra reunião na Igreja de Grand Rapids. Isso passou a ser cada vez mais frequente.

Certa ocasião, quando Helen Williams estava escalada para pregar, o presidente da associação, irmão foi ouvi-la pregar. Ele entrou despercebido, com o culto já em andamento, sentou-se no fundo e se retirou no final do sermão sem que Helen soubesse da sua presença.

Um ou dois dias depois, o irmão Gowell visitou a casa dos Williams. Helen e Eugene ficaram surpresos ao saber que o presidente da associação ouviu o sermão dela no sábado anterior. Para o alívio deles, ele ficou satisfeito.

Irmão Gowell recomendou que os Williams contratassem uma pessoa competente para ajudar nas tarefas domésticas e cuidar dos meninos, a fim de que Helen pudesse trabalhar mais no campo missionário. Irmão Gowell prometeu que, na próxima comissão da associação, providenciaria para que Sra. Williams recebesse o valor necessário para pagar a ajuda doméstica.

Helen contratou Clara, uma babá de confiança. O presidente fez mais do que prometeu. Durante a comissão da associação, Sra. Williams recebeu uma licença ministerial e foi paga retroativamente pelo ano anterior (*De Helen Williams, carta que acompanha a Solicitação do Fundo de Sustentação, 1922*). Isso parece ter ocorrido em 1897.

Os desafios comuns em famílias com crianças pequenas não passaram despercebidas aos Williams, como mostra um incidente relatado pela neta de Helen Williams (*De uma gravação feita para a autora por Phyllis Vineyard, 22 de julho de 1985. Ver o apêndice A, 1.2*). Certo dia, Helen percebeu que precisava de fermento enquanto assava o pão. Não podendo sair, ela chamou Hugh, de três anos, colocou duas moedas na mão dele e lhe pediu que fosse à loja da esquina comprar um pacote de fermento. Ele fez como ordenado. O homem do mercado tirou as moedas da mão de Hugh e colocou um bolo de fermento.

Em vez de virar a esquina em direção a casa, Hugh estava sonhando acordado (ele explicou mais tarde) e simplesmente seguiu em frente. Não conseguindo encontrar sua casa, ele continuou perambulando. Quando

finalmente chegou às ruas pavimentadas da cidade, começou a chorar porque a calçada quente queimava seus pés.

Um homem gentil notou a angústia de Hugh e o ajudou a voltar para a loja da esquina. Lá, o proprietário colocou cuidadosamente o menino cansado sobre sacos de farinha, onde ele adormeceu imediatamente, e chamou a polícia.

A próxima lembrança de Hugh foi estar sendo abraçado por seus pais, aliviados por encontrar o filho perdido. Hugh inventou uma musiquinha sobre estar perdido e ser encontrado por papai e mamãe. Embora os pais duvidaram de capacidade deles para cuidar dos filhos, o menino de três anos celebrou o amor em seu lar naquela crise.

Um retrato de família daquela época mostra Eugene Williams, cerca de 1,70m de altura, como um homem bonito, com cabelos escuros, bigode e barba cuidadosamente penteados. Helen Williams, um pouco mais baixa, chamava atenção com seus cabelos loiros ondulados e olhos azuis. Todos os meninos eram bonitos, Irwin com cabelos escuros e olhos como os do pai, Lewis com cabelos e olhos castanhos, e o pequeno Hugh com olhos azuis e cachos dourados cacheados.

Eugene Williams aceitou o chamado para ser superintendente da Missão Norte Michigan; conseqüentemente, os Williams se mudaram de Grand Rapids para o norte, para Sault Sainte Marie. Eles fizeram o trajeto por trem. O pai foi primeiro, para preparar o caminho. Mais tarde, sua esposa e filhos chegaram. As crianças adoraram a longa viagem de trem até sua nova casa, vendo a bela e selvagem região passando pelas janelas. O trem foi colocado em uma balsa para cruzar a parte superior da península; esta aventura proporcionou uma lembrança que as crianças nunca esqueceram (*Das memórias de Hugh Williams, gravadas, recebidas em agosto de 1989*).

Imagine a emoção dos meninos quando o pai os encontrou com uma carruagem puxada por um cavalo, Patsy, que passou a fazer parte da família! Na carruagem, o pai levou a família para a nova casa deles em Dafter. Eles moravam a 11 quilômetros de Sault Sainte Marie e da fronteira com o Canadá, cercados por florestas e belezas de tirar o fôlego.

Enquanto Eugene provou ser um administrador eficaz, Helen pregava aos sábados e continuava se desenvolver como ministra. Nos Anuários Adventistas do Sétimo Dia de 1904 a 1906, tanto o Sr. Williams quanto Sra. Williams estão listados, ele como ministro ordenado e ela como ministra licenciada da Missão Superior e depois da União do Lago (*Ver a listagem da Sra. Williams para esses anos no apêndice B*).

Uma mulher chamada Grace, que posteriormente se tornou Sra. Cremens, cuidou das crianças. A família se mudou para uma cabana de madeira no meio da floresta, onde podiam ver veados e ouvir lobos e a raposa da vizinhança. À medida que os pais ministravam, os filhos acumulavam experiências infantis em contato próximo com a natureza.

Posteriormente, os Williams viveram em tendas enquanto construíam uma casa nos arredores de Sault Sainte Marie. Era uma casa grande, então decidiram alugar uma parte. Da casa deles, eles viam as corredeiras do rio que transpassava no Lago Superior. Os meninos amaram aquela casa. Eles costumavam descer até uma baía rasa onde poderiam nadar com segurança. Com a ajuda do pai, os meninos construíram uma canoa na qual os três poderiam navegar juntos. Durante o verão, eles pescavam. Srta. Arnet, Agnes White e Srta. Campbell, obreira bíblica, assumiram a responsabilidade pelas crianças em vários momentos.

Em 1905, Eugene decidiu concentrar seus esforços em Menominee (a outra área de sua missão onde havia um centro adventista); a família mudou-se para lá, na divisa com Wisconsin. Seguindo o costume de seu novo local, os meninos procuraram na floresta até encontrarem uma árvore bem reta; usando-a como mastro, eles construíram um barco para gelo. Ter dois ministros como pais não impediu as crianças terem uma infância animada e repleta de experiências.

As reputações de Eugene e Helen cresceram, a dele como pastor e administrador, a dela como excelente oradora e ministra licenciada. Em 1906, ambos receberam chamados para pastorear igrejas na área de Chicago. Uma grande adaptação deve ter sido exigida de toda a família quando eles se mudaram do norte de Michigan para a florescente Chicago; no entanto, eles pareciam estar à altura do desafio. Helen pastoreava a Igreja Harvey enquanto Eugene cuidava da congregação de West Side. Os meninos que estavam crescendo aprenderam a se locomover pela cidade no “El”, um sistema de ferrovias elevadas.

Visto havia poucos pastores, o presidente da associação fez um cronograma para que cada ministro pregasse duas vezes todos os sábados em locais diferentes da associação; conseqüentemente, Helen pregou em várias congregações. Contudo, ela concentrava seus esforços durante a semana em sua missão especial, a Igreja Harvey. Ministrando estudos bíblicos fielmente dois ou três dias por semana, conduzindo reuniões regulares de oração e proporcionando um ministério geral, Helen Williams teve o prazer de ver sua congregação crescer à medida que recebia novos convertidos.



Mas nem tudo foram flores na vida da pastora, que se esforçava para manter a calma. Certo dia, quando Sra. Williams foi ao escritório da conferência, foi recebida por uma secretária, Pearl Hallock, que disse: “Quero falar com você”. Quando encontraram um lugar para conversar, Pearl informou a Helen: “Seu nome não está no novo Anuário”.

Helen May Stanton, canto inferior esquerdo, integrante de um grupo de alunos do *Battle Creek College* durante o ano letivo de 1885–86. As bandejas provavelmente eram usadas para entregar refeições aos pacientes do Sanatório de Battle Creek.

*Foto foi cortesia do Dr. Earl R. Williams.*



*Helen May Stanton Williams, pastora e evangelista nos Estados Unidos e na África do Sul. Ministra licenciada 1897–1914.*

*Foto foi cortesia do Dr. Earl R. Williams.*

“Por que não?” Perguntou a pastora Williams. “Você não enviou meu nome com os outros?” “Achei que sim,

tenho quase certeza que sim”, respondeu Pearl, começando a chorar. “Não importa”, disse Helen. “Você tem certeza de que tenho uma licença ministerial?” “Realmente tenho.”

“Tem certeza de que estou na folha de pagamento?”, perguntou Sra. Williams. “Sim”, afirmou a senhorita Hallock.

“Então para que serve aquele anuário velho?” concluiu a ministra. “Se Deus me deu um trabalho para fazer, homem ou pessoa alguma pode tirar esse trabalho de mim. E se ele não deu, não quero nem saber.” O assunto acabou (*De Helen Williams, carta que acompanha a Solicitação do Fundo de Sustentação, 1922*).

Helen Williams não dependia de status para atuar como ministra. Ela nunca ouviu uma explicação sobre por que seu nome, que havia sido listado junto com os outros ministros licenciados nos anuários, deixou de aparecer por vários anos. No Anuário de 1907, apenas E. R. Williams está listado. Mesmo assim, o trabalho de Helen Williams continuou e ela recebeu uma licença ministerial.

Informações sobre o ministério da Sra. Williams podem ser encontradas no Northern Illinois Recorder. Nas reuniões da Semana de Oração do inverno de 1906, Helen Williams foi responsável pelas igrejas em Harvey, Elgin e Hinsdale. Quando Sra. Williams visitou a Igreja do Sanatório Hinsdale no sábado de 22 de dezembro, ela ficou feliz ao se deparar uma Escola Sabatina bem organizada com 25 pessoas. Ela pregou, e quase todos testemunharam depois. Sra. Williams escreveu sobre os trabalhadores do sanatório: “Ao olhar para esses jovens rostos felizes e brilhantes, orei para que Deus os mantivesse fiéis ao seu chamado, pois eles certamente têm acesso a uma classe de pessoas que não é tão facilmente alcançada por outros trabalhadores” (*da Sra. E. R. Williams, “Hinsdale Sanitarium”, Northern Illinois Recorder, 19 de fevereiro de 1907:1*).

Durante o verão de 1907, os Williams se mudaram para Milwaukee, Wisconsin, para fazer parte de uma equipe evangelística na cidade. Poucos meses depois, aceitaram um convite para a Associação do Cabo, na África do Sul.

Helen, sempre pronta para aventuras, gostou da viagem à África. Ela escreveu cartas para os pais dela em janeiro de 1908 durante os vislumbres da viagem de barco. A viagem para a Inglaterra no Báltico de 220 metros foi agradável, exceto por uma gripe que infectou todos os membros da família, exceto Irwin.

Helen descreveu a navegação pelo belo País de Gales, resplandecente de casas brancas e castelos aninhados entre montanhas, e depois cercada por uma impenetrável neblina inglesa.

Na Inglaterra, os Williams foram até a *Union Castle Line* para navegar para a África do Sul. O navio, bem menor, enfrentou mar agitado. Escrevendo com dificuldade enquanto estava confinada em seu beliche por causa da turbulência, Helen agradeceu pelas duas cabines adequadamente equipadas para ela e sua família. “Acho que a Associação Geral é simplesmente incrível com a gente, não é?”, perguntou ela à mãe e ao pai. Ela descreveu as refeições generosas e frequentes, sete por dia, ressaltando que ela e o marido evitavam a maioria delas.

Helen se referiu ao toque periódico do sino do navio. “Acho que havia relógios no outro barco, mas não tocavam o sino”, observou ela. “É muito bom, entretanto, quando você está sendo balançada no berço das grandes profundezas, ouvir o sino dizer: ‘Está tudo bem, está tudo está’” (*Extraído das cartas de Helen May Williams em Londres, Inglaterra, para seus pais, 10 de janeiro de 1908, e de cartas escritas a bordo do navio na Union Castle Line a caminho da África do Sul, 14 de janeiro de 1908*).

Poucos meses da chegada na África do Sul, o irmão Eugene Williams foi eleito presidente da Associação Colônia do Cabo. Helen Williams conduziu trabalho missionário em Grahamstown, cidade onde a família morava.

O quarto filho deles, Eugene, trouxe alegria à família na África do Sul. Foram contratadas trabalhadoras locais

competentes para cuidar das crianças, para que Helen Williams pudesse continuar a pregar. Ela era muito querida e reconhecida como uma pregadora por mérito próprio. Seu marido era conhecido principalmente como administrador, admirado e respeitado; como presidente da associação, ele demonstrou considerável capacidade administrativa. Em geral, era reconhecido que seus sermões e discursos públicos não eram tão convincentes e eficazes quanto os de sua esposa. Felizmente, ele era bem seguro e não tinha ciúmes das habilidades oratórias de Helen, acolhendo com satisfação os pedidos para os trabalhos dela. Às vezes, ambos riam do fato das pessoas gostarem mais da pregação dela (*Gravação de Vineyard*).

Sra. Williams, às vezes assertiva, também era humilde, cortês e disposta a servir. Ela tirava onda” de vez em quando ao expressar ideias um tanto controversas, estimulando as pessoas a pensar. Contudo, sua pregação estava bem fundamentada na Bíblia.

Pastora Williams falava com espontaneidade, baseada em anotações curtas. Ela tinha um sistema de arquivamento simples, mas eficaz, para guardar as anotações do sermão. Numa seção intitulada “Tópico” há um conjunto de notas manuscritas sobre o tema “Humildade”, consistindo de perguntas numeradas seguidas de referências bíblicas (*Extraído de Helen Williams, “Humildade”, notas de sermão não publicadas. Ver apêndice A, 1.3*). Começa assim:

## **Humildade**

1. Onde Deus habita? Isaías 57:15.
2. É natural sermos humildes? Romanos 8:7.
3. Por quê? Gênesis 2:17, 3:6.
4. É razoável que sejamos humildes? Romanos 12:1.

O tom deste sermão cristocêntrico é alegre. Falar a partir de anotações curtas permitia à Sra. Williams ter contato direto com seus ouvintes. Pode-se imaginar como, através da inspiração do Espírito, ela deu vida a este esboço simples, acrescentando ilustrações, aplicações e um apelo. De aparência marcante, ela falava com voz convincente e dramatizações, ao mesmo tempo em que expressava pensamentos espirituais e persuasivos. Ouvir e vê-la foi era uma experiência marcante.

Helen Williams escreveu tempos depois, a respeito desse período de serviço missionário, que sua licença ministerial e seu trabalho continuaram sem qualquer interrupção, mas que seu pagamento foi suspenso após a sua chegada à África. Intrigante, ela não está listada nos Anuários de 1908–10, porque a família possui as licenças ministeriais de Helen para 1908 e 1910, a primeira emitida pela União Sul-Africana e assinada pelo Presidente W. S. Hyatt, a segunda emitida pela Associação Colônia do Cabo e assinado pelo marido da Sra. Williams, o Presidente E. R. Williams.

Irmão Eugene Williams, em meio a um itinerário movimentado, reservou o domingo, 20 de novembro de 1910, para passar com seus dois filhos mais velhos. Irwin e Lewis foram colportar em Malmesbury, e o pai deles quis ir vê-los. Ele pedalou de Worcester, onde organizou uma igreja no sábado. Fazia calor enquanto Eugene Williams pedalava por um bom tempo. Mas a cerca de quinze quilômetros de Worcester “ele caiu prostrado à beira da estrada com apoplexia, encontrado algumas horas depois por um estranho que passava” (*South African Missionary, 28 de novembro de 1910:1*). Irwin e Lewis, esperando pela chegada do pai, receberam, em vez disso, a trágica mensagem notícia da sua morte. Seu amado pai faleceu, no auge, aos 43 anos.

Como a lei exigia o enterro no dia seguinte, Helen Williams, Hugh e o pequeno Eugene não conseguiram sair de Grahamstown a tempo para o funeral. Assim, tamanha fatalidade ficou ainda mais traumática. Posteriormente, foi realizado um funeral em Grahamstown para a viúva comparecer.

Helen Williams, aos 42 anos, tornou-se mãe solteira de quatro filhos com idades entre 18 meses e 18 anos.

A Comissão da Associação Geral aprovou uma ajuda de 500 dólares para trazer Sra. Williams e os seus filhos de volta aos Estados Unidos, supondo que seria melhor para eles. Contudo, a decisão afirmava que se a União Sul-Africana conseguisse encontrar formas “para a Irmã Williams prestar um bom serviço no campo sul-africano, e se os filhos dela recebessem treinamento adequado para a obra missionária”, os 500 dólares poderiam ser usados para ajudar a alcançar esses fins (*Decisões do Comitê da Conferência Geral, 27 de dezembro de 1910*).

Helen Williams estava convicta do seu chamado. Apesar de sua dolorosa perda, assim que o período de luto terminou, ela voltou para Grahamstown com os dois meninos mais novos e voltou a pastorear a Igreja de Grahamstown. Os dois filhos mais velhos continuaram a colportar. Quando a decisão da Conferência Geral mencionada acima foi tomada em 27 de Dezembro, Helen já havia retornado ao trabalho. Pastoreando uma igreja urbana e realizando serviço missionário para sul-africanos indígenas, ela cumpriu o período de sete anos para o qual ela e seu marido foram enviados como missionários. Ela trabalhou sozinha na África do Sul durante quatro anos.

Frequentemente, Helen Williams encorajava pessoas em circunstâncias difíceis, assegurando-lhes: “A batalha não é sua, é de Deus!” Sua fé nesse princípio foi severamente testada durante esse período, mas manteve-se firme.

Após a morte do marido, Helen Williams voltou a receber salário em seu próprio nome. Seu nome também reapareceu no Anuário como ministra licenciada a partir de 1911.

No outono de 1914, Helen Williams e seus filhos retornaram aos Estados Unidos. Sra. Williams dirigiu o programa de treinamento de obreiros bíblicos no Washington Missionary College em Takoma Park, Maryland, e pastoreou uma pequena igreja na área de Washington, D.C.

Posteriormente, quando o irmão Votaw ficou doente, Helen Williams aceitou o convite para dar aulas bíblicas na faculdade. Ela saiu da obra pastoral para dedicar todo o seu tempo e energia a uma pesada carga letiva, da qual gostou. Neste emprego, seu salário atingiu um novo máximo de US\$ 25 por semana.

Uma anedota lembrada por Ethel Longacre Hannum, refere-se ao lado humano da professora Helen Williams (Extraído de uma carta à autora por Ethel Longacre Hannum, 25 de julho de 1985). Era costume que o professor de Bíblia na faculdade ensinasse a mesma matéria na academia. Ethel Longacre frequentou uma das aulas bíblicas da academia da Sra. Williams; três de seus colegas de classe eram Donald Griggs, Arthur Walters e George Harding, que depois se tornou cardiologista, proprietário de um necrotério e fundador do Harding Hospital, respectivamente; todavia por mais impressionantes que fossem suas futuras realizações, aqueles jovens ainda eram adolescentes normais.

Arthur era o comediante da turma, com muitas pegadinhas na manga. Certo dia, ele estava ainda mais animado e criativo do que de costume. Finalmente, Sra. Williams colocou uma cadeira perto de sua mesa, de frente para o quadro negro atrás dela, e pediu a Arthur que ficasse ali sentado, em silêncio, até o final da aula.

Arthur foi até a cadeira conforme solicitado, conseguindo pegar um pedaço de giz no caminho. Sra. Williams estava parada ao lado dele, mas não conseguia vigiá-lo quando se virava para a classe. Ela estava usando um vestido vermelho atraente, com grandes bolsos na saia. Inclinando-se com muito cuidado, Arthur desenhou com giz um rosto sorridente no bolso mais próximo. Os alunos, sem conseguir segurar as risadas, saíram no final da aula antes que Sra. Williams descobrisse a obra de arte improvisada. Ela encarou com bom humor, nunca parecendo guardar ressentimento contra os alunos por suas pegadinhas em sala de aula. Dificilmente ele conseguiriam fazê-la passar por algo que os seus quatro filhos ainda não a tivessem feito passar.

Sempre graciosa e agradável, Sra. Williams era amada e respeitada como professora de Bíblia. No entanto, depois de cinco anos, o cargo de professor foi atribuído a outra pessoa, sem dúvida um homem, talvez com educação mais formal. Teria sido tão bom se a faculdade tivesse investido mais na capacitação acadêmica da Sra. Williams. Nada apropriado foi fornecido para ela fazer; tudo o que lhe foi oferecido foi o trabalho de reitora do conjunto residencial da faculdade onde ela estava sendo substituída. Sra. Williams estava disposta a tentar. Infelizmente, ela não tinha preparo nem experiência para isso. Portanto, obviamente, as coisas não fluíram bem. A autocrítica dura de Helen diz: “Fui muito tola ao pensar que tarde na vida poderia mudar de ramo e ter algum sucesso. Foi um verdadeiro fiasco” (*Extraído de uma carta que acompanha a Solicitação do Fundo de Sustentação, de Helen Williams, 1922*). É triste que uma obreira com tanta experiência no pastoreio tenha sido direcionada a fazer algo nada a ver com as suas aptidões.

No final do ano letivo, apesar da experiência turbulenta como preceptora, mantiveram Sra. Williams no preceptorado e ainda aumentaram a sua carga de trabalho com o ensino da Bíblia, no Sanatório Melrose. Ela tentou, mas teve muitos problemas. Seu breve comentário (encontrado em uma carta que acompanhou seu pedido de apoio anos depois): “Fiz uma tolice ainda pior. Originalmente, o texto dizia: “Fui feito de idiota”, mas o texto está riscado (*Ibid.*). Helen Williams assumiu a responsabilidade por suas ações. É lamentável, mas compreensível, que, sob a pressão de um emprego inadequado para ela, a saúde de Helen se deteriorou.

Com bons motivos, quando foi chamada novamente, Sra. Williams foi cautelosa. Ela disse que estudaria a proposta durante duas semanas; o convite era para trabalhar na equipe do sanatório adventista de Middle Town, Nova York, enquanto pastoreava a igreja local. Ela percebeu que as condições não eram promissoras nem no hospital nem na igreja. Além disso, o diretor do sanatório tinha ouvido relatos tão exagerados sobre o sucesso de Helen, tanto como pastora quanto como obreira bíblica, que acumular dois cargos não faria mal a saúde dela. Recusando o convite com pesar, ela foi para a casa de seu filho mais velho, Irwin, em Michigan, para descansar e se tratar.

Após vários meses de recuperação, seu filho Hugh veio visitá-la. Hugh, tendo seguido o chamado de sua mãe, trabalhou como ministro ordenado na Associação Indiana. Hugh perguntou sobre a saúde de sua mãe.

“Estou bem,” ela respondeu, “e continuarei muito bem se eu ficar longe do preceptorado e ter”.

“Mãe”, disse Hugh convicto, “você deveria voltar a trabalhar. Gostaria de ser a obreira bíblica do seu filho?”

“Seria o maior prazer do mundo,” disse Sra. Williams. Depois acrescentou: “Mas há alguma perspectiva?”

“Sim”, assegurou-lhe Hugh, “falei com o presidente da associação e ele ficará feliz.”

Poucos dias depois, Helen Williams estava em Indiana; ela encontrou um lindo quarto em uma casa perto da grande tenda evangelística e logo foi trabalhar, trazendo a riqueza de sua experiência para ajudar seu filho evangelista. Trabalhar na ocupação para a qual foi chamada, onde era talentosa e na qual tinha experiência, revigorou o espírito de Helen Williams. A equipe mãe-filho funcionou esplendidamente, graças à graciosa aceitação de Helen de um papel secundário.

Enquanto isso, a preocupação da Sra. Williams com seu filho mais novo crescia. Eugene, aos 16 anos, era estudante na *Michigan State University*. Nada o convenceu a frequentar a faculdade adventista em Berrien Springs, Michigan. A mãe sentiu que não adiantaria forçar a barra. Contudo, ela continuou orando, pois seu “bebê” não era cristão. Sendo mãe solteira desde a infância dele, Helen se sentia muito responsável por Eugene e se preocupava com a alma dele.

Sra. Williams pensou que, se ela se mudasse para tão longe a ponto Eugene não pudesse conseguisse vê-la com

frequência, ele sentiria saudades dela e talvez decidisse frequentar uma faculdade adventista para ficar perto dela. Enquanto participava da Sessão da Associação Geral em Milwaukee, Helen recebeu e aceitou um chamado para trabalhar na Associação Upper Columbia, composta pelo leste de Washington e Oregon e parte de Idaho. Apenas um ano depois, Eugene concordou alegremente em frequentar o Walla Walla College, no estado de Washington (*Ibid.*).

Enquanto frequentava o Walla Walla College, Eugene aceitou a Cristo. Tempos depois, ele foi estudar medicina na *Universidade de Loma Linda*, na Califórnia. Em pouco tempo, o Dr. Eugene Williams estava usando suas energias na obra médica da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Todos os quatro filhos alegraram o coração da mãe: Eugene, o médico; Hugh, o ministro; Lewis, o artista; e Irwin, o músico e fazendeiro.

No Noroeste, Helen Williams atuou na obra em que se destacou: pastoreio e evangelismo. Ela passou seus anos na Associação Upper Columbia preparando conversos para o batismo, pastoreando e pregando nas manhãs de sábado, como nos anos de sucesso. Seu título pode ter sido o de obreira bíblica, mas sua função era ministra.

Trabalhando no distrito de Viola, em Washington, Helen Williams ensinou aos membros em potencial as crenças dos Adventistas do Sétimo Dia. Às vezes, os ministros direcionavam especificamente pessoas interessadas à igreja da Sra. Williams para serem nutridas.

Em seu campo, Sra. Williams organizou o discipulado de Plantio e Colheita. Ela ensinou os membros leigos sobre como abordar as pessoas e o que dizer. O curso durava vários meses, terminando perto do Natal de cada ano. Já na casa dos sessenta, Sra. Williams continua com energia e entusiasmo inabaláveis.

Além da dolorosa experiência anterior que Helen Williams havia sofrido em relação à sua licença ministerial enquanto estava em Chicago, outro acontecimento frustrante ocorreu perto do fim do seu ministério. Uma mulher a quem ela instruiu na obra missionária lhe perguntou: “Irmã \_\_\_\_\_ tem licença ministerial; você tem uma?”

“Não”, respondeu Helen Williams simplesmente.

“Por que não? Mas você faz o mesmo trabalho,” indagou a mulher. “Ah, não sei”, respondeu Helen. “No passado, tive por muitos anos.”

Vários meses depois, a mesma mulher abordou Sra. Williams e perguntou: “Você não me disse que lhe foi emitida uma licença ministerial há vários anos?”

“Sim,” respondeu Helen, “eu lhe disse isso. Por quê? Que diferença faz?”

“Bem, eu disse ao Pastor \_\_\_\_\_, então respondeu ele: ‘Procuramos o histórico da irmã Williams e ela nunca teve uma licença ministerial em sua vida. E se ela disser que teve, ela está mentindo.’”

Sra. Williams ficou surpresa e magoada.

Apesar da confusão e mal-entendidos causados pelo licenciamento intermitente, as experiências de Helen Williams foram majoritariamente positivas e gratificantes durante os seus 35 anos de ministério oficial. Após a aposentadoria, ela permaneceu ativa porque amava seu trabalho e também para complementar sua renda para poder ajudar Eugene a pagar a faculdade de Medicina.

Ela foi ministra licenciada de 1897 a 1914.

Helen Williams morreu em 23 de dezembro de 1940, aos 72 anos. O obituário desta obreira dedicada na *Review*

contém as seguintes informações a respeito de seu ministério:

Enquanto seus filhos ainda eram pequenos, Sra. Williams contratou uma cuidadora e voltou a trabalhar como obreira bíblica regular. Ela ganhou uma grande reputação como oradora, foi encarregada de igrejas e recebeu uma licença ministerial da Associação de Michigan. Williams,

—Helen May Stanton, obituário, *Review and Herald*,  
30 de janeiro de 1941: 24.

Uma nora resume dizendo que Sra. Williams viveu “uma vida plena e ativa como pregadora e professora pioneira” (*Extraído das cartas ao autor por Katherine D. Williams, St. Joseph, Michigan, 22 de julho e 3 de agosto de 1985. Ver apêndice A, 1.4*). Ela preparou muitas pessoas para serem membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia e do reino dos céus, enquanto pastoreava e evangelizava em dois continentes. Quão sábio foi o presidente da missão que incentivou a jovem Helen Williams a realizar reuniões evangelísticas em Montana, e quão esperto foi o marido que a incentivou a fazer uso gratuito de seus dons ministeriais!

“Melhoramos as oportunidades à medida que surgiram.”

—Minnie Sype, 1908

### **Esposa de Fazendeiro se Torna Evangelista**

#### **Marinda (Minnie) Day Sype: 1869 a 1956**

##### *Ministra licenciada de 1902 a 1956*

Não havia dúvidas: os batistas estavam ansiosos por um debate. Minnie Sype suspirou. Do fundo seu coração, ela não gostava de debates.

Sra. Sype passou por Putnam, Território de Oklahoma, para pregar no sábado pela manhã e no domingo à noite. Ela realizou reuniões em tendas em Putnam a partir de 23 de maio de 1902, e Deus a abençoou com sucesso. Em julho, ela convidou o presidente da associação para organizar uma nova Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Imediatamente depois, preparou-se para realizar uma série de reuniões em Taloga, tão grande era a urgência de levar a boa notícia do regresso de Jesus a todas as comunidades. Entretanto, quando ela retornou a Putnam para fortalecer os novos crentes, ela soube que os batistas haviam montado uma tenda e trazido um pregador, Dr. Ellison, que pretendia mostrar que os adventistas estavam pregando heresia do início ao fim.

Debater religião pareceu a Minnie Sype, esposa de um agricultor de 33 anos, chamada para o ministério, como a forma errada de abordar o assunto certo. Ela evitava esse tipo de confronto teológico público sempre que possível. Contudo, as verdades que ela pregava estavam sendo atacadas e seus convertidos eram o alvo. Portanto, ela orou pedindo sabedoria e depois respondeu que manteria o que havia ensinado e permaneceria tanto tempo quanto o doutor.

O ministro batista parecia ansioso para debater. Por fim, na presença de testemunhas, os dois ministros chegaram a acordo sobre as orientações da sua polêmica. Os batistas sugeriram discutir “fé”. Sra. Sype disse que acreditava na “fé” como os batistas; seu oponente negou, mas Sra. Sype pensou que sabia melhor no que ela mesma acreditava. De qualquer forma, este foi o tema escolhido para a primeira noite.

A grande multidão estava entusiasmada com a expectativa enquanto o ministro adventista mostrava a importância e a natureza da fé baseada na Bíblia. Então o pregador batista se levantou para responder. No início, ele teve dificuldade em provar que havia algo de errado com a apresentação da Sra. Sype; então ele trouxe sua “munição” reservada, uma carta sobre Guilherme Miller.

Após lê-la, o Dr. Ellison condenou os adventistas do sétimo dia por ensinarem que o mundo acabaria em 1844. Ele passou um bom tempo criticando os ensinamentos de Guilherme Miller e ridicularizando os adventistas. Ele se sentou, certo de que seu material sobre Miller havia desacreditado os adventistas do sétimo dia.

Calmamente, Minnie Sype, com sua postura majestosa, reconheceu que William Miller, embora fosse um bom homem, cometeu alguns erros, como a maioria das pessoas. Ela então apontou que quando o Dr. Ellison condenou William Miller, ele estava falando sobre um membro de sua própria denominação, pois William Miller era batista, não adventista do sétimo dia; os adventistas do sétimo dia não surgiram em 1844. Esta informação decepcionou o ministro batista, ao mesmo tempo que divertiu os ouvintes.

Após várias noites, os debatedores chegaram ao tema “A Origem, História e Destino de Satanás”. O orador batista se recusou a continuar, e assim o debate foi encerrado. Ele anunciou, porém, que continuaria falando separadamente contra os ensinamentos adventistas relativos ao sábado e à imortalidade da alma.

Não tendo condições de alugar a tenda dos batistas para responder às suas apresentações, Minnie Sype anunciou que reservaria a escola local na noite de domingo para revisar as afirmações do Dr. Ellison. Naquela noite de verão, em 1902, a escola em Putnam, Território de Oklahoma, estava lotada. Eles ouviram atentamente a Pastora Sype enquanto ela defendia os ensinamentos da sua igreja contra a acusação de heresia.

Este confronto foi usado pelo Espírito Santo para avançar ainda mais o trabalho iniciado pela Sra. Sype em Putnam. Vários defenderam a verdade. Logo depois, os batistas perderam o interesse e mudaram a tenda para outro lugar (*Minnie Syp\**, “Putnam, O. T. [Território de Oklahoma]”, *Southwestern Union Record*, 8 de setembro de 1902. \*A grafia do sobrenome, originalmente *Syp*, foi alterada para *Sype* quando o filho Ross estava na faculdade, a pedido dele).

O pequeno grupo de crentes em Putnam se alegrou com a sua fé recém-descoberta, e o povo da cidade ficou mais amigável, alguns admitindo que os ensinamentos adventistas eram corretos. No final desta difícil luta pela verdade, Minnie Sype ainda estava animada em seu louvor ao Senhor pela sua Santa Palavra e pelo seu poder de prevalecer.

Esta talentosa comunicadora da verdade bíblica se tornou sem perceber uma evangelista adventista do sétimo dia. Existem poucas pistas de seus primeiros anos como uma tímida camponesa que prenunciem seu chamado, além do persistente desejo dela de conhecer a Deus.

Quando Elias e Mary Day deram as boas-vindas à sua primeira criança na fazenda perto de Thayer, Iowa, em 18 de abril de 1869, eles a chamaram de Marinda. No entanto, “Minnie” pareceu mais apropriado para a menina tímida e feminina; e por esse nome ela foi chamada durante toda a sua vida. (*Minnie Sype, Life Sketches and Experiences in Missionary Work (Hutchinson, Minnesota: Seminary Press, 1916), 15*). Muitas informações biográficas deste livro são baseadas na autobiografia dela. A Biblioteca da Universidade Andrews possui uma cópia. A Biblioteca da *Review and Herald Publishing Association* possui uma cópia da edição de 1912.

Por ser a primeira de dez irmãos, sendo todos os filhos mais velhos meninas, Minnie ajudava seu pai nos campos. Ela levava a turma para arar o solo, sentava-se no milharal tentando fazer fileiras retas no amplo campo, saía com relutância de uma cama quentinha para colher milho antes da escola nas manhãs de outono. Embora o trabalho fosse pesado, Minnie trabalhava fora de casa desde os 13 anos para contribuir com a renda familiar; as crianças sentiam amor e segurança na família.

Sra. Day costumava ler a Bíblia para os filhos, mas Minnie cresceu querendo mais instrução religiosa. Após ouvir sua mãe ler a história do dilúvio no Gênesis, Minnie percebeu que sua mente girava em torno de perguntas e mais perguntas, as quais ela não encontrava respostas.

Às vezes, ao reunir as vacas na pradaria para levá-las para casa para serem ordenhadas, Minnie olhava para o céu azul e sentia um forte desejo de conhecer Deus. Ela desejou que as pessoas ao seu redor falassem mais sobre Deus. Aos 10 anos, a criança se sentia uma pessoa má que ninguém conseguia compreender ou ajudar.

Quando as reuniões eram realizadas na Brethren Church, Minnie respondia ansiosamente ao chamado para entregar seu coração a Deus. Embora ela se sentisse um pouco melhor, após o término das reuniões ela ainda não estava satisfeita porque não entendia o básico de como acreditar em Deus.

Aos 13 anos, Minnie ficou feliz quando seus pais finalmente consentiram que ela fosse batizada na Igreja Cristã. Ao tentar viver uma vida piedosa, a menina problemática conseguia paz. Todavia, frequentemente, ela se sentia dominada pela sua pecaminosidade. A certeza reconfortante de que ela estava perdoada lhe desaparecia.

Sra. Day queria muito que seus filhos recebessem educação. Ela ensinou Minnie a ler e incentivou a menina a frequentar a escola tanto quanto possível. Eventualmente Minnie teve a oportunidade de frequentar a escola normal para formação de professores. Deste programa, ela recebeu um certificado que lhe permitiu começar a lecionar pouco antes de completar dezoito anos.

Minnie Day ensinou em diversas escolas. Na maioria delas, foi uma professora de sucesso. Ela encontrou alguns problemas disciplinares desafiadores. No seu primeiro dia de aulas, um rapaz de 14 anos afirmou a autoridade dele sobre os rapazes mais novos, desafiando a professora, com 17 anos. Minnie decidiu que deveria dar uma boa bronca no rapaz que não cooperava. Ela ficou com ele depois da escola, fechou todas as portas e janelas e começou a tarefa com determinação. Ela ficou aliviada que o jovem não causou mais problemas. Minnie resolvia todas as crises com criatividade. Ela passou a considerar a sala de aula um local de treinamento eficaz tanto para professores quanto para alunos.

Posteriormente, lecionou em Sand Creek Township, onde Minnie conheceu um jovem promissor e de boa reputação, Logan P. Sype. Um dos motivos pelos quais ela gostava dele era que ele não fumava nem bebia. Minnie jurou que nenhum pretendente jamais sopraria fumaça de tabaco em seu rosto.

Logan era religioso; mais especificamente, ele e seus pais eram adventistas do sétimo dia. Esta religião parecia estranha para Minnie, mas ela admirava muito os princípios cristãos de Logan a ponto de ficar feliz em sair com ele. Dono de uma voz esplêndida, era frequentemente convidado a cantar solo ou liderar o canto em algum evento, e pedia a Minnie que o acompanhasse. Eles formavam um belo casal, ela com cabelo castanho-escuro e 1,70m de altura, ele com cabelo preto, mais ou menos da mesma altura.

Minnie Day e Logan Sype se casaram em 6 de março de 1889, um mês antes do vigésimo aniversário de Minnie. Os noivos concordaram em discordar em questões religiosas, sendo ela membro da Igreja Cristã e ele adventista do sétimo dia.

Eles se comprometeram a respeitar a religião um do outro e acompanharem um ao outro em ambas as igrejas. Eles adoravam juntos com oração e leitura da Bíblia, evitando cuidadosamente assuntos controversos.

Quando Minnie visitava a igreja de Logan, ela percebia que os membros eram fervorosos estudantes da Bíblia. Eles conseguiam citar muitos textos em apoio às suas crenças. Ela começou a se perguntar por que seu marido adorava no sétimo dia da semana, enquanto ela adorava no primeiro dia. Não era estranho quando ambos baseavam sua prática na mesma Bíblia?

Esperando ajuda para encontrar apoio bíblico para suas crenças, Minnie consultou o pastor dela. A incapacidade do ministro de atender a este pedido de evidências bíblicas que apoiassem a observância do domingo foi uma decepção dolorosa para Minnie; secretamente, ela esperava poder convencer o marido a adorar com ela no domingo.

O sogro de Minnie, Sr. J. L. Sype, estudou a Bíblia com ela. Ele era ancião da igreja de Afton, Iowa, há anos e estava bem preparado para orientar sua jovem e ansiosa nora. Minnie estudou a Bíblia como pessoas famintas procuram comida. Enquanto lavava a louça, ela memorizava versículos bíblicos. Muitas vezes, após o término do dia de trabalho, o sogro dela vinha de sua fazenda, do outro lado da estrada, e respondia às perguntas bíblicas de Minnie até meia-noite. Eles examinavam o milênio, a ressurreição, a segunda vinda de Cristo e as profecias bíblicas para os últimos dias. Minnie se apaixonava cada vez mais pela Palavra de Deus. O desejo de saber mais sobre Deus que a fez sofrer durante toda a infância estava finalmente sendo satisfeito.

Após vários meses de estudo bíblico intensivo, Minnie viu claramente que o sétimo dia é o sábado. Isto a colocou numa posição difícil: por um lado ela teve que escolher entre manter a consciência limpa, por outro permanecer numa tradição confortável.

Certo sábado, Minnie adorava com o pequeno grupo o qual seu marido pertencia; então, no domingo, ela ficou na porta observando amigos muito queridos se dirigirem à igreja em que ela frequentou com eles durante anos. Seus amigos estavam indo para um lado, literalmente, enquanto ela estava prestes a ir para outro. A separação parecia mais do que ela poderia suportar. Em sua angústia ela clamou: “Oh, meu Deus! Por que me pediu isso?”

Minnie foi para a sala de estar e se ajoelhou com a Bíblia aberta nos Dez Mandamentos. Ela disse a Deus que não poderia quebrar conscientemente um desses mandamentos enquanto vivesse como uma cristã comprometida. O quarto mandamento clamava na superfície da página: “O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus” (Êx 20:10, *ênfase acrescida*). Ela sabia que deveria guardar o sábado do sétimo dia. De joelhos ela suplicou a Deus forças para guardá-lo.

Em julho de 1889, Minnie Day Sype se tornou parte do corpo de Cristo na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Participando de sua primeira reunião campal adventista do sétimo dia, Minnie ouviu um pregador ler a Bíblia: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1:9). Ele continuou: “Tu, porém, amaste a minha alma . . . lançaste para trás de ti todos os meus pecados” (Is 38:17). Então Minnie ouviu o pregador perguntar: “Deus pode mentir?” Não, respondeu Minnie, certamente não. Deus fará a parte dele, explicou o pregador, que é perdoar os nossos pecados. Então devemos fazer a nossa parte: crer que estamos perdoados. Jesus pagou pelos nossos pecados com o seu sangue, destacou o ministro; portanto, depois que os confessamos, *eles não são mais nossos*. Se ainda nos preocupamos com os pecados perdoados, é obra de Satanás tentando nos desencorajar.

Por fim, Minnie Sype compreendeu a certeza de que Deus a perdoou. A paz e a alegria que entraram em sua vida junto com a compreensão que ela nunca perdeu, apesar das severas provações. A vida valeu a pena ser vivida daquele dia em diante, de uma maneira nova e mais rica.

Além disso, esta garantia do amor e da salvação de Deus deve ser partilhada. Verdadeiramente, Minnie carecia de tempo e dinheiro. Suas responsabilidades domésticas aumentaram à medida que as crianças nasciam na casa da fazenda: Ross nasceu em 1889, James, em 1892. No entanto, o coração de Minnie Sype carregava um verdadeiro fardo pelas almas. Como ela já ansiava pela ajuda cristã, ela jurou que não faltaria a outras pessoas a assistência e o incentivo que ela pudesse fornecer.

Ela reconheceu que seu primeiro campo missionário era seu lar. Ela adorava observar o sábado na fazenda, preparar-se na sexta-feira e ir à igreja com a família no sábado de manhã.

Por mais que o ministério familiar fosse importante para Minnie, ela também procurava maneiras de alcançar outras pessoas. Ela e o marido perceberam que a viagem de 11 quilômetros até a igreja lhes dava uma excelente oportunidade para distribuir literatura; eles separavam folhetos da igreja e os deixavam em caixas de correio ao longo do caminho. Ross e James gostavam de separar Nosso Amiguinho para deixar em casas onde havia

crianças. O interesse das crianças cresceu a tal ponto que às vezes elas entravam para frequentar a Escola Sabatina com Sype's; a charrete ficava lotada quando iam à igreja.

Minnie Sype era engenhosa no gerenciamento do tempo. Ela organizava suas inúmeras tarefas domésticas com tanta eficiência que conseguia dedicar as quintas-feiras ao trabalho missionário. Em algumas quintas-feiras ela visitava os doentes. Outras vezes ela vendia livros adventistas; o lucro era revertido para pagar selos postais para cartas missionárias (Sype's não tinham dinheiro para esse fim) enquanto os livros e jornais levavam a verdade diretamente para as casas das pessoas. Acrescentando, ela fazia chapéus de sol para vender e fornecer literatura para a estante perto de sua porta. Caso tivesse companhia em casa, ela guardava conjuntos colchas prontos, para que pudesse passar algum tempo enquanto conversavam; as colchas e edredons eram vendidos para apoiar o trabalho missionário.

Nos dias chuvosos, Minnie escrevia cartas missionárias, anexando um folheto, um poema que ela havia recortado ou qualquer coisa que ela achasse que poderia direcionar a mente de uma pessoa para Deus. Como resultado da leitura de tal carta e do folheto anexo no sábado, uma mulher decidiu santificar o dia de sábado. Outra mulher que estava prestes a desistir da sua vida cristã, após ler a carta de Minnie e um poema anexo, ajoelhou-se e renovou seu compromisso com Deus.

Minnie Sype providenciou para que uma recém-chegada na vizinhança ministrasse sua primeira série de lições bíblicas. Quando a senhora pediu que os estudos fossem mudados para o período noturno para que o marido pudesse assistir, toda a família Sype apresentou as aulas. Sr. Sype cantava e orava, Sra. Sype ensinava o conteúdo, e as crianças ajudavam ficando quietas; a mãe deles até lhes pagou alguns centavos pelo silêncio delas. O casal aceitou as verdades apresentadas e compartilhou as boas novas com outros.

Quando o Sr. Sype levava uma carga pesada de grãos para a cidade, fazendo uma viagem lenta, Sra. Sype ia junto para vender revistas Sinais dos Tempos e pequenos livros para pessoas de casa em casa à beira da estrada. Ela era muito versátil em encontrar maneiras de servir ao seu Mestre, que lhe deu liberdade e alegria.

Outro meio de vida que Minnie encontrou foi enlatar frutas para guardar no porão; assim, um estranho nunca saíria de sua porta de mãos vazias. Quando recebiam viajantes, ela e o marido conversavam abertamente com os convidados sobre as verdades bíblicas. Às vezes, tempos depois, um convidado escrevia pedindo mais informações e publicações. Como a capacidade de Minnie de visitar outras pessoas era limitada, ela confiou em Deus para trazer até sua casa pessoas sedentas da água da salvação. Ela realmente gostava de sua vida na fazenda. Ela gostava de criar galinhas, ordenhar vacas, trabalhar na horta, cuidar da família e fazer trabalho missionário. Ela queria ministrar especialmente aos seus pais e irmãos (*Ao longo dos anos de oração e testemunho, Minnie viu três de suas irmãs se tornarem adventistas do sétimo dia. Muito tempo depois, seu pai também aceitou o adventismo*).

Em 1898, nasceu a pequena Anna, completando a família de Logan e Minnie Sype. Pouco tempo depois, Minnie ficou doente e passou um tempo internada no Sanatório de Nebraska, que, junto com o *Union College*, era administrado pelos Adventistas do Sétimo Dia em Lincoln. A pequena Anna foi junto com a mãe. Quando Minnie se tornou paciente ambulatorial, ela providenciou para que uma mulher da comunidade cuidasse do bebê em determinados horários; então Minnie aproveitava para estudar no *Union College* enquanto continuava os tratamentos terapêuticos no sanatório. Assim, ela voltou para casa mais bem preparada do que quando partiu para os afazeres da vida que, sem ela saber, estava pela frente.

Logo depois que Minnie e Anna voltaram para casa, o Sr. Sype conseguiu um emprego que exigia a mudança da família para o campo de mineração de Higby, perto de Sheridan, Wyoming. Num cenário de montanhas de beleza deslumbrante, Sype's se viram entre pessoas que não pareciam não ter esperança nem experiência com Deus. Embora a vida no casebre de um mineiro fosse bem diferente da vida na agradável casa de fazenda em Iowa, que Minnie acabara de deixar, ela se concentrou no trabalho que Deus colocou à sua disposição. Quando a cólera atacou as crianças no campo, as mães confiaram nos cuidados e na sabedoria

dela.

Minnie exercia um ministério mesmo quando Anna estava doente há vários meses devido a complicações decorrentes do sarampo. Ela convidava as mulheres do acampamento até a sua casa costurar colchas; enquanto elas costuravam, Minnie plantava as sementes da verdade lendo a Bíblia para elas.

Ela se deparou com situações que a levaram a defender a temperança, uma virtude pouco comum no assentamento. Embora no início ela tenha sido ridicularizada, após um tempo, outras mães, observando o exemplo de Minnie, pararam de se embriagar e se interessaram em cuidar mais de suas famílias.

Com a esplêndida contribuição musical do marido, Minnie dirigia uma Escola Sabatina e uma Escola Dominical. Sype's também convidaram as famílias mineiras para cantar em sua casa Certa noite por semana. Logan liderou o grupo em canções cheias da esperança do Advento.

Depois disso, ouvia-se pessoas nas redondezas cantando trechos daquela música edificante.

O trabalho na mina prejudicou a saúde do Sr. Sype. Passado um ano, quando seu pai o incentivou a voltar para Iowa, Logan e sua família decidiram se mudar. Houve uma tristeza genuína entre as pessoas do assentamento quando Sype's partiram, deixando uma pequena Escola Sabatina e algumas pessoas guardando o sábado. Posteriormente, após trocar correspondências, Minnie orou para que encontrasse algumas pessoas daquele campo de mineração no Wyoming, no reino eterno de Deus.

Pouco depois de seu retorno a Iowa, Sype's receberam relatos elogiosos de uma família que se mudou para Oklahoma. Após a Corrida pela Terra em Oklahoma em 1889, a colonização continuou pulsando ao longo da virada do século. Sr. Sype achou que seria sensato se mudar para Oklahoma a fim de se apropriar de terras que estivessem disponíveis. Sra. Sype relutava em deixar sua amada fazenda em Iowa. No entanto, enquanto o casal orava, eles viram indicações da liderança de Deus, como a rápida venda de suas terras em Iowa. Minnie concordou em se mudar.

Seu marido viajou na frente para construir uma casa de campo em seus 700 mil m<sup>2</sup>. Quando Minnie chegou com as crianças, descobriu que Logan, sabendo de sua dedicação aos estudos, construiu uma sala de leitura especialmente para ela! Ao se estabelecerem a vários quilômetros de distância de qualquer outro Adventista do Sétimo Dia, Sype's fizeram questão de compartilhar a verdade com aqueles que não a conheciam.

Durante o verão de 1901, as colheitas que Logan e os colonos vizinhos plantaram prosperaram. Então, em julho, um vento quente e miserável começou a soprar. Isso continuou até que as colheitas murcharam e o milho queimou no caule. O gado, incapaz de pastar, foi alimentado com escassos estoques até que os suprimentos acabaram; depois disso, os animais da fazenda morreram em números alarmantes. Durante o inverno devastador que se seguiu, centenas de proprietários abandonaram as suas instalações. O trauma foi tão grande que alguns dos que passaram por ele formaram os Sobreviventes da Seca de 1901 e se reuniram anualmente por pelo menos quarenta anos (*Programa de Escritores da Administração de Projetos de Trabalho, Oklahoma: Um Guia para o Estado Mais Cedo [Norman: University of Oklahoma Press, 1941], 241*).

A maioria das pessoas ao redor deles sofreu ainda mais do que Sype's, que mantiveram a coragem apoiando-se no Senhor e citando as promessas das Escrituras uns aos outros. Ao ver os vizinhos, Minnie os confortava com sua própria fonte de esperança. Ela recebeu convites para falar a grupos de pessoas, para apresentar uma mensagem depois da escola dominical, para contar a uma família sobre sua compreensão do sábado.

À medida que a situação econômica das pessoas se deteriorava, o interesse deles em Deus aumentava. O superintendente da Escola Dominical e sua esposa começaram a guardar o sábado, junto com outros membros da comunidade.

Durante o inverno de 1901–1902, o sonho dos Sype's de fundar uma igreja na região se realizou. Eles pediram que o presidente da Associação de Oklahoma organizasse a Igreja Adventista do Sétimo Dia Gyp (mais tarde conhecida como Igreja Butler).

Minnie ficou surpresa ao receber da Associação de Oklahoma uma carta de agradecimento e um cheque de 25 dólares. Embora ela tivesse trabalhado sem pensar em remuneração, o dinheiro não solicitado certamente chegou na hora certa.

Na primavera, a administração da Associação de Oklahoma convidou Minnie Sype para se tornar uma evangelista contratada pela Associação e auxiliada por seu marido.

Sype's conversaram e oraram longamente sobre esse pedido, considerando cuidadosamente as mudanças trariam na vida deles. Minnie Sype não pretendia se tornar ministra. No entanto, ela estava engajada no evangelismo quando esse convite formal chegou. A irmã de Minnie, que veio para Oklahoma, ofereceu-se para cuidar das crianças.

Sr. Sype se voluntariou: "Mamãe, se você começar esse trabalho, ficarei ao seu lado e farei o que puder. Posso cantar e abrir as reuniões, e você pode contar a verdade às pessoas" (Sype, *Vida e Ensinos*, 71.)

Após cuidadosa consideração, Sype's concluíram que o chamado vinha de Deus. Minnie Sype entrou no ministério em Oklahoma, auxiliada pelo marido.

Pouco tempo depois, Sra. Sype viajou a cavalo e de charrete por 21 quilômetros até a igreja de Ruth, Oklahoma, para conduzir uma reunião de oração e ministrar aos crentes de lá. Assim que ela chegou, um dos membros a incentivou a falar naquela noite sobre a lei de Deus. Ela respondeu que não estava preparada. O membro insistiu que sim, porque um pregador local estava tentando derrubar a lei de Deus, e as pessoas estavam ansiosas para ouvir a explicação do assunto.

Perguntando-se como poderia se preparar em tão pouco tempo, mas crendo que não deveria recusar a vontade do Senhor, Minnie Sype desceu a um grande desfiladeiro perto da casa do membro para orar e estudar. Por um lado, a sua preocupação pelas almas perdidas pesava tanto, por outro, ela clamou a Deus por ajuda porque se sentia incapacitada.

Ele ouviu suas orações; ela falou livremente e com convicção. As pessoas ficaram atentas e pediram que ela voltasse. A nova ministra foi para casa se preparar. Quando ela voltou, muitas pessoas se reuniram. Deste modo, começou o ministério formal de Minnie Sype, um processo de estudar, pregar, confiar no Senhor e ser recompensada com suas ricas bênçãos. Ela tinha 32 anos.

Após a segunda reunião em Rute, uma jovem veio comentar sobre o "sermão"; ouvir esse termo aplicado à sua apresentação assustou Minnie. As pessoas que lhe pediam para realizar reuniões a chamavam de "pregadora". Ser assim rotulada perturbou Sra. Sype, pois ela mesma havia desenvolvido, descoberto, preconceito contra a ideia de "mulheres pregadoras".

Minnie se ajoelhou novamente. Ao pensar nas críticas e na oposição que enfrentaria, ela clamou em desespero: "Eu não consigo!" Porém, em sua angústia, ela recebeu uma impressão que creu ser de Deus: "Minha graça te basta" (2 Co 12:9). A jovem ministra se levantou determinada a aceitar qualquer obra que Deus lhe pedisse, deixando os resultados com ele. Assim como ela respondeu negativamente às pregadoras, outras pessoas poderiam agir em relação a ela. Mas ela sabia que seu chamado vinha de Deus.

Pouco tempo após entrar no ministério em Oklahoma, Sra. Sype sofreu preconceito contra as mulheres no ministério. Um ministro da Igreja Cristã começou a atacar o que Minnie estava pregando. Quando ela pediu uma

oportunidade para responder, o homem respondeu que nunca falaria em público com uma mulher. Ele enfatizou que uma mulher nunca deveria falar em público. (Syype, *Vida e Ensinos*, 73–76).

Minnie Syype combinou de usar a escola na noite seguinte. Quando ela chegou, uma multidão a aguardava. Minnie orou longamente sobre esse assunto e procurou conselho da liderança da igreja. Ela pediu ao ministro cristão, que estava presente, que se juntasse a ela na frente do salão, pois ela não queria nada mais do que fazer as pazes com ele.

Por causa dos ataques dele, ela passou a se defender. Ela afirmou que recebeu sua comissão do próprio Senhor Jesus, que, após sua ressurreição, comissionou Maria para contar aos irmãos que estava vivo. Minnie afirmou estar seguindo os passos de Maria, dizendo às pessoas que Jesus, que ressuscitou, voltaria (Jo 20:17).

Sra. Syype mencionou a seguir a recomendação de Paulo a uma série de mulheres trabalhadoras em Romanos 16, particularmente Febe, uma ministra em Corinto que ajudou Paulo, e, após ir a Roma, foi elogiada por Paulo. (Rm 16:1–2). Ela ressaltou que Priscila e Áquila trabalharam com Paulo na pregação do evangelho (Rm 16:3, 4; At 18:18, 26).

Ela se referiu a outras mulheres líderes da Bíblia: Miriam que trabalhou com seu irmão Moisés na administração; Débora governou Israel como juíza; todas as quatro filhas de Ana e Filipe profetizaram. (Mq 6:4; Jz 4:4–9; Lc 2:36–38; At 21:8–9).

Quanto às mulheres manterem silêncio em 1 Coríntios 14, ela concordou, visto que era para evitar confusão; mas no mesmo capítulo os homens são instruídos a manter silêncio em certas ocasiões também. (1 Co 14:34, 28).

Ela citou Atos 2:17–18, predizendo que filhos e filhas profetizarão. Ela então disse ao seu irmão no ministério que ele estava ultrapassado, que as civilizações modernas estão começando a aceitar a mulher como uma ajudante qualificada para trabalhar com o homem em toda boa obra. Nos países pagãos, destacou ela, as mulheres são oprimidas e tratadas como inferiores; mas quanto mais esclarecida for a civilização, melhor será o tratamento que as mulheres recebem. Embora Minnie tivesse ministrado em Oklahoma apenas com o propósito de ser uma bênção, ela se sentiu tratada como as mulheres pagãs são tratadas.

O outro ministro ficou cabisbaixo no final da defesa da Sra. Syype. Ela lhe desejou boa sorte e que pudessem ser amigos. Seu apelo foi bem-sucedido. O homem não se opôs mais ao trabalho dela publicamente, e ainda a tratou como uma amiga.

Durante julho de 1902, o presidente da Associação de Oklahoma, Pastor G. F. Haffner, visitou Gyp e Putnam. Em Gyp ele visitou a primeira igreja que Syype's estabeleceram. Então, como resultado de um trabalho árduo em cooperação com o Espírito Santo — a pregação e as visitas de Minnie, o canto e a assistência de Logan — o Pastor Haffner acolheu sete convertidos pelo batismo e vários outros por profissão de fé, organizando-os numa nova igreja em Putnam.

Enquanto estava em Putnam, o presidente da associação soube que vários ministros já haviam tentado, sem sucesso, fundar uma igreja ali. Eles foram derrotados pela desatenção e conduta desordeira de seus ouvintes. A ministra provou ser a primeira capaz de lidar com os problemas de comportamento e prender a atenção do povo.

O presidente da associação rendeu elogios à serva do Senhor. Pastor Haffner expressou esperança de que Deus levantaria outros obreiros fiéis sob a ordem de Syype's, pessoas que se comprometeriam totalmente com o trabalho, que não desistiriam até verem os resultados (*Extraído de G. F. Haffner, "A Visit to Gyp and Putnam", Southwestern Union Record, 7 de julho de 1902*).

Foi acordado que Minnie Syype realizaria as próximas reuniões em Taloga, e, ao mesmo tempo, nutriria o rebanho em Putnam. Foi enquanto trabalhava em Putnam e Taloga que Sra. Syype foi desafiada ao debate mencionado no

início deste capítulo.

Auxiliada por seu marido, Minnie Sype realizou três esforços separados na área de Putnam, trazendo 42 conversos para se alegrarem no Senhor.

Na conferência anual e reunião campal de Oklahoma, a qual Sype's chegaram de carroça em setembro de 1902, Minnie Sype recebeu uma licença ministerial, assim como 18 ministros do sexo masculino (*A Associação de Oklahoma naquela época tinha apenas oito ministros ordenados, incluindo o presidente da associação. Portanto, naquele período inicial de desenvolvimento denominacional, uma mulher poderia ser credenciada da mesma forma que os homens*). Em vista do sucesso que Sra. Sype estava tendo em levantar igrejas, a Comissão da Associação decidiu reconhecer o seu ministério, licenciando-a.

Minnie Sype desempenhou a maioria das funções habituais de um ministro. Em 30 de setembro de 1902, ela oficializou um casamento, unindo em casamento W. L. Manfull, de Addington, Indiana, e Srta. Myrtle Day, de Gyp, Oklahoma. A noiva era irmã da ministra. Sra. Sype escreveu em seu artigo no Relatório da União sobre o casamento que tanto a noiva quanto o noivo eram anteriormente de Iowa, onde o Sr. Manfull foi “um trabalhador bom e fiel” empregado pela igreja (*Southwestern Union Record*, 13 de outubro de 1902).

Foi estabelecido um padrão no qual Sra. Sype se concentrava no evangelismo em tendas durante o verão; então, quando o tempo ficava frio demais para a tenda, ela dirigia reuniões numa escola ou na casa de pessoas interessadas.

Embora o seu trabalho árduo fosse geralmente recompensado com um sucesso notável, houve momentos em que todos os seus esforços não produziam resultados imediatos e visíveis. Em Taloga, ela passou por dificuldades. Embora o seu ministério continuava a atrair novos conversos em Putnam, Taloga se mostrou muito resistente às verdades bíblicas que a jovem ministra apresentava. Após pregar 26 sermões e fazer 41 visitas, Sra. Sype decidiu, visto que nenhum interesse significativo foi demonstrado, encerrar as reuniões de Taloga, emantando a consciência limpa diante de Deus no juízo. Ela disse que toda a vizinhança em Taloga parecia convencida, mas não convertida. Em razão disso, Sype's foram para Meno, Oklahoma, para reuniões no início de 1904. Fica claro em suas cartas da época que os reveses não impediram Minnie Sype de ser alegre no serviço do Senhor.

Às vezes, Logan ajudava Minnie nas reuniões. Quando estava presente, supervisionava a montagem das tendas, dirigia cultos musicais, fazia orações e ajudava a cuidar das crianças. Com este apoio bem-vindo, Sra. Sype pregava, orava e visitava, focando-se no evangelismo. Outras vezes, Sr. Sype levava os filhos com ele para fazenda de Oklahoma, quando precisava administrar a propriedade. Após o casamento, a irmã de Minnie não pôde mais cuidar dos filhos da ministra.

Sendo um precursor das casas móveis de hoje, Sr. Sype construiu uma casa na carroceria, que poderia ser transportada sobre rodas até os locais de reunião, proporcionando à família mais comodidade do que uma tenda. Sra. Sype estava entusiasmada com o fato de a família se hospedar assim. (Sype, *Vida e Ensinos*, 85). Quando ficava com as crianças, ela usava a criatividade e engenhosidade para cuidar delas. Ela cozinhava refeições simples e nutritivas. Durante as reuniões, a pequena Anna às vezes era colocada para dormir atrás do realejo na plataforma, à vista dos olhos atentos de seus pais.

Em Meno, o evangelismo da Sra. Sype resultou em um aumento no número de membros da igreja de 5 para 29. Outros já guardavam o sábado, mas ainda não eram membros.

O ministro ordenado enviado para batizar os novos conversos em Meno, Pastor A. E. Field, ficou impressionado com um homem de 75 anos que parou de fumar e começou a guardar o sábado. Esta evidência do trabalho do Espírito constituiu uma grande parte do “pagamento” de Minnie Sype pelo trabalho árduo, pelo qual recebia uma remuneração baixa.

Sra. Sype gostava de organizar uma sociedade de jovens a fim de tornar a igreja um lugar agradável e promissor para os jovens. Um evento menos agradável, mas muito típico, ocorreu em Meno, quando um ministro de uma denominação tradicional abriu esbravejou contra os adventistas. Como Minnie lidou com a situação com sabedoria, o pregador parou com os ataques quando percebeu que suas ações estavam promovendo a causa que se opunha.

Em seu relatório na Reunião Anual da Associação de Oklahoma em 1904, o presidente relatou o trabalho da Sra. Minnie Sype, tendo esta realizado duas conferências bem-sucedidas, levando aproximadamente 42 pessoas à plena aceitação dos ensinamentos adventistas. Quinze foram acrescentados à igreja de Putnam e, das conferências perto de Meno, 25 decidiram ficar lado do Senhor e foram acrescentados à Igreja Concord. Ele continuou dizendo que Sra. Sype havia trabalhado duro, pregando 244 sermões durante o ano, realizando 89 leituras bíblicas, fazendo 484 visitas e 22 assinaturas de publicações da igreja. Olhando os relatórios de todos os ministros, percebe-se que Minnie Sype foi abençoada pelo Senhor como uma das evangelistas mais produtivas da associação (*Extraído de F. G. F. Haffner, "The President's Address," Record, 12 de setembro de 1904*).

Até este ponto, o trabalho de Sype's se concentrou no evangelismo em áreas anteriormente não trabalhadas. Contudo, a fim de proporcionar uma escola religiosa para os seus filhos, em 1905 eles escolheram aceitar o chamado da Sra. Sype para ser pastora em Enid, onde a obra adventista estava bem estabelecida. Ela ficou animada ao ver portas se abrindo para a obra em todas as partes da cidade.

Durante maio de 1905, Sype's desfrutaram da inspiração de participar da Sessão da Conferência Geral em Washington, D.C. Quando retornaram, Minnie trabalhou duro em Enid e Meno, auxiliada pelo marido. Entre a Conferência Geral e meados de agosto, os relatórios de Minnie mostraram 118 visitas feitas, 34 sermões pregados, 10 outras reuniões realizadas e 12 leituras bíblicas realizadas.

Supervisionando a igreja e a escola estabelecidas em Enid, Minnie descobriu que trabalhar com irmãos e irmãs de fé semelhante trazia alguns novos desafios. Satanás estava à espreita tentando causar conflitos e divisões. Mesmo assim, com muita oração, Minnie resolveu a crise e os membros da igreja começaram a trabalhar para trazer convertidos a Cristo.

Sra. Sype não ministrava uma série regular de reuniões evangelísticas em Enid. Em vez disso, ela organizou a sua igreja para trabalhar para Cristo. Os membros vendiam literatura cristã, enchiam prateleiras de leitura e administravam um departamento de dorcas. Até as crianças vendiam publicações da igreja. A membresia aumentou consideravelmente.

Dois dos filhos de Sype, James e Anna, frequentaram a escola da igreja Enid, mas Ross já tinha idade para se matricular na Keene Industrial Academy, no Texas. Desejando ardentemente continuar seus estudos, Minnie Sype decidiu acompanhar o filho à escola do Texas. Ela ficou lá até a Sessão da União ser realizada em Keene durante o inverno. Naquela época, o presidente da associação apelou à Sra. Sype, "Eu preciso que você retorne ao campo." Portanto, ela retomou sua obra, confiando a Deus a responsabilidade por qualquer preparação adicional que ela precisasse.

Na Sessão da Associação de Oklahoma, realizada em Oklahoma City, o trabalho de Minnie Sype e dos outros ministros foi resumido no relatório anual do presidente da associação, entregue em 27 de agosto de 1905. Primeiro, foi feita uma declaração sobre o trabalho de cada um dos ministros ordenados na associação. Em seguida, o presidente relatou o trabalho da irmã Minnie Sype: 31 pessoas se tornaram membros da igreja como resultado de seu trabalho, a maioria delas sendo batizadas pelo ancião local; além disso, 9 ou 10 membros em potencial guardavam o sábado (*De F. Haffner, "Discurso do Presidente da Conferência," Record, 12 de setembro de 1905*).

Nos poucos casos em que o número de batismos de outros ministros foi superior ao da Sra. Sype (talvez 40 ou 50), isto representou o trabalho em equipe de dois ou mais ministros.

Minnie, por outro lado, normalmente trabalhava sozinha, exceto com a ajuda de seu cônjuge, que, é claro, todas as outras equipes ministeriais também tinham.

Após a reunião campal em 1905, Sype's se mudaram de Enid para Carrier. A mensagem adventista foi pregada ali em circunstâncias que deixaram muitas pessoas decididas contra a verdade e preconceituosas. Nesta situação difícil, Sype's armaram a sua tenda e iniciaram o seu exaustivo programa de visitar casas durante o dia e pregar na tenda à noite.

Em algumas partes da cidade, os moradores eram tão antagônicos que dificilmente deixavam os adventistas entrar em suas casas; se os deixassem entrar, exigiriam que não houvesse discussão sobre religião.

Além do preconceito, a evangelista e o cônjuge tiveram que disputar com carnavais, bailes e shows na Carrier. Um show montou sua tenda a cerca de 50 metros da tenda evangelística e todas as noites dizia às pessoas que nenhuma reunião seria realizada na tenda de pregação! Sype's seguiram em frente nessas circunstâncias difíceis e, com a ajuda de Deus, Minnie Sype pregou com controle total.

A próxima tática da oposição foi mais direta. Certa noite, quando ela começou a pregar, Sra. Sype e a congregação assustada ouviram grandes pedras batendo no telhado da tenda bem acima de suas cabeças. Orando por sabedoria, a pregadora disse à congregação para não temer. Ela disse que as pedras não foram apontadas para as pessoas presentes, mas para aqueles que conduziam a reunião. "Se alguém ficar ferido, seremos eu e meu marido," observou Sra. Sype. Seus ouvintes ficaram impressionados ao ouvi-la continuar pregando com calma. Por fim, o bombardeio parou.

No dia seguinte, o Sr. e Sra. Sype contaram 35 pedras e pedaços de carvão jogados. Exceto alguns buracos na tenda, não houve danos. Eles sempre lembravam daquela noite, como um momento particularmente agradável de confiança em Jesus.

Em vez de serem expulsos da cidade com medo, Sype's ficaram fortemente determinados em permanecer na localidade. Eles continuaram as reuniões até 12 de outubro, e, então, de acordo com o cronograma, desmontaram a tenda.

Alguns bons resultados vieram do árduo esforço em Carrier. Uma família que nem sequer era cristã decidiu obedecer a todos os mandamentos de Deus e se firmarem em todos os pontos da verdade.

Após desmontar a tenda, Sype's transferiram as reuniões para uma escola a oito quilômetros de Carrier. Sra. Sype ministrava repetidamente ali a um público cheio de pessoas interessadas nas verdades bíblicas. Ela também gostava de pregar, com a ajuda de um intérprete, aos adventistas alemães da região.

Durante cinco anos, Minnie Sype trabalhou diligentemente em Oklahoma, levantando igrejas onde não havia nenhuma, ampliando e fortalecendo as igrejas existentes.

Não obstante, sua saúde não era das melhores. Em muitos lugares, a água de Oklahoma tinha um teor alcalino, chamado gyp (de gesso, comum em águas duras), que era muito prejudicial ao estômago da Sra. Sype. Ela sofria de vômitos frequentes e prolongados. Os médicos recomendaram que ela se mudasse para um local com um clima melhor.

O presidente da associação de Iowa, visitando a reunião campal de Oklahoma em 1905, convidou Sype's a retornarem ao seu estado natal, Iowa. No ano seguinte, tendo em vista a saúde da Sra. Sype, a família decidiu aceitar o convite para trabalhar em Iowa. Eles deixaram Enid em 1 de maio de 1906.

Viver em Iowa novamente foi um acontecimento emocionante para Logan e Minnie Sype. O casal e os três

filhos nasceram naquele estado.

Ao visitar a sua família, Minnie Sype encontrou um jovem ministro conduzindo um trabalho em Afton. O presidente da associação lhe pediu que o ajudasse até a reunião campal em junho. Foi ali que Minnie Sype ouviu pela primeira vez as crenças adventistas. Foi uma experiência rica ensinar outras pessoas em Afton. Ao mesmo tempo, ela poderia visitar sua família. Minnie ficou muito grata por ver duas de suas irmãs batizadas como fruto daquelas reuniões e de seus anos de oração e testemunho.

Na quadragésima terceira sessão anual da Associação de Iowa, realizada em junho de 1906, o comitê de credenciais e licenças recomendou que sete pessoas fossem credenciadas como ministros ordenados; 19 receberam licenças ministeriais, incluindo Sra. Minnie Sype (*“Diretrizes da Associação,” Boletim dos Obreiros de Iowa, 19 de junho de 1906:195*).

Após a reunião campal, Sype’s começaram a trabalhar na parte sudeste de Iowa, em Fairfield. Havia uma igreja, mas alguns membros se mudaram e a frequência à igreja não era grande. Sra. Sype dividiu a cidade em distritos. Ela e os membros iam de casa em casa distribuindo literatura, e, na terceira visita, pediram o privilégio de ministrar estudos bíblicos. Minnie pregou e organizou o trabalho.

O obra em Fairfield foi, em vários aspectos, uma luta grande. A nova tenda era esplêndida — a qual Minnie Sype arrecadou pessoalmente o dinheiro — e foi testada quando um ciclone atingiu Fairfield em 15 de agosto de 1906. Sype’s acordaram por volta da meia-noite no meio da tempestade mais severa que já ocorreu em todo o trabalho deles na tenda. Parecia que as tendas e as pessoas seriam esvaçadas. No entanto, enquanto as árvores e as casas eram arrancadas e os celeiros derrubados, Deus manteve sua preciosa equipe evangelística segura; e as tendas não sofreram danos, exceto a antiga tenda da família que rasgou um pouco. As pessoas da cidade ficaram surpresas no dia seguinte ao ver as tendas evangelísticas firmes após a tempestade.

Ministros locais de outras denominações fizeram de tudo contra esta invasão adventista no território deles. Certo dia, Sra. Sype foi visitar uma pessoa interessada na casa e encontrou ali um ministro tentando impedir que seu rebanho se desintegrasse.

Em Fairfield, Sra. Sype teve mais apoio do que o normal, com Anna Camp como obreira bíblica e a família Caviness para ajudar com palestras, visitas e música. Sra. Sype preparou pequenos artigos doutrinários que foram aceitos pelo jornal local.

Como as pessoas da vizinha Libertyville demonstraram interesse na pregação da Sra. Sype, ela começou a trabalhar tanto lá e quanto em Fairfield. Durante um convite que ela fez em Libertyville, o Espírito Santo se fez presente e oito pessoas se ofereceram para orar, seis das quais nunca foram cristãs.

Um ministro metodista sueco estudou as profecias bíblicas com Sype’s em Fairfield e encomendou um mapa profético. Quanto ao adventismo ele pregava na congregação deles, Sype’s não conseguiam nem imaginar.

Minnie Sype sentiu urgência. Ela não sabia quanto tempo seria permitido aos seres humanos decidirem a favor ou contra a verdade. Portanto, quando os conversos começaram a guardar o sábado e então se filiaram à igreja, apesar das circunstâncias difíceis vividas na cidade de Fairfield, os resultados foram satisfatórios. Cinco pessoas se tornaram membros da igreja de Fairfield por profissão de fé e duas por carta no sábado, 31 de agosto, com mais três aguardando o batismo. Após trabalhar de manhã até a noite, em meio a tempestades e oposição, Minnie Sype considerou aquele sábado um dia de celebração. Ela e o restante da equipe poderiam dizer que, embora Fairfield foi um grande desafio, eles triunfaram pela fé em Deus

Enquanto ela foi pastora evangelista naquele ano em Fairfield, Sra. Sype liderou os membros no sacrifício e no trabalho até que pagassem a dívida da igreja. Isto aliviou a pressão financeira e permitiu que a igreja avançasse.

Durante o inverno de 1906–1907, Sra. Sype realizou reuniões em Darbyville. Quando as reuniões terminaram em abril, 12 pessoas — a maioria adultos — uniram-se à igreja. Vários convertidos do sexo masculino abandonaram o hábito do jogo de cartas, o consumo de uísque e o fumo; esta evangelista foi minuciosa na preparação das pessoas para o batismo.

Minnie Sype se envolvia cada vez mais no trabalho geral da associação. Em “Simpósio Nosso Campo”, que apareceu no Iowa Worker’s Bulletin antes da reunião campal e da comissão da associação de 1907, Sra. Sype foi a única mulher a escrever.

Uma das comissões da associação tratou da importância do estudo diário das lições da Escola Sabatina. O relatório impresso contava como Anna Sype aprendeu a estudar a lição da Escola Sabatina enquanto lavava roupa, costurava e cuidava dos filhos. Estudando assim durante a semana, ela se preparava para ministrar uma classe no sábado. Recentemente, então, ela ouviu sobre uma ex-membro de sua classe; tal mulher, sem nenhum adventista na família, estava guardando o sábado por causa do que aprendeu na classe da Escola Sabatina (“*Conference Proceedings, Décima Primeira Reunião,*” *Boletim dos Obreiros de Iowa, 18 de junho de 1907, 193 e segs*).

Sra. Sype era uma obreira valiosa da equipe ministerial da associação, cujo credenciamento continuou a ser o de um ministro licenciado; e em Iowa, como em Oklahoma, a associação empregava mais ministros licenciados do que ordenados.

A evangelista Sype se mudava para outros locais. Em Winthrop, por um curto período, ela teve a ajuda de um ministro ordenado, o Pastor E. G. Olson; ele falou de si mesmo ajudando Sra. Sype.

Quando ela visitava seus filhos na Stuart Academy, Sra. Sype, às vezes, era convidada para conduzir reuniões espirituais para os alunos. Certo dia, a direção pediu que ela falasse na capela sobre o tema de uma vida pura e limpa. Ela não sentia que sabia o que dizer àquele público desafiador em idade escolar. Contudo, ela orou fervorosamente a Deus para que lhe desse a mensagem necessária. Ele respondeu às orações dela, ela falou livremente, e, como resultado, um avivamento começou entre os estudantes.

Sra. Sype poderia ser usada por Deus para alcançar diversos grupos. Crianças, jovens e adultos achavam seus sermões poderosos, dinâmicos e cativantes. As pessoas que a conheceram possuem boas lembranças dela e de suas pregações (*Mostrado em cartas ao escritor de: W. A. Howe, Hendersonville, NC, 5 de agosto de 1989 [Ver apêndice A, 2.1]; Sra. Joseph S. [Lorene] Moore, Arlington, Washington, 7 de julho de 1984 [Ver apêndice A, 2.2]; Dr. J. M. Sorenson, Riverside, Califórnia, 15 de julho de 1984, ver apêndice A, 2.3*).

Sra. Sype participou da Sessão da União realizada em Minneapolis na primavera de 1908, onde o Comitê da Associação de Iowa votou para lhe pedir que se mudasse para o canto noroeste do estado. A mãe de Logan, de quem ele cuidava, havia morrido recentemente, deixando-o livre para morar com Minnie.

Sype’s chegaram a Hawarden na noite de 13 de maio de 1908, e, naquela mesma noite, Sra. Sype participou de uma reunião de oração interdenominacional patrocinada por várias denominações. Ela ficou preocupada quando ouviu um dos quatro ministros agradecendo a Deus porque haveria um longo período de paz antes do fim dos tempos. Observando aqueles ministros que pareciam bem influentes, Minnie se perguntou: “Quem sou eu e o que posso fazer?” Ela tinha 39 anos, sem educação formal, mas apaixonada por Deus. Ao se perguntar o que poderia fazer meio a aqueles ministros letrados, a resposta lhe veio claramente: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor” (Zc 4:6).

No dia seguinte, enquanto procurava um local para tenda, Minnie encontrou o ministro batista. Ele perguntou: “Você faz uma distinção entre as leis da Bíblia, não é?”

“Estamos apenas praticando o que vocês, batistas, pregam sobre a questão da lei,” respondeu Minnie. “Vocês

pregam os Dez Mandamentos; nós os guardamos.”

O pregador logo mudou o assunto para o clima, e a conversa ficou mais amigável. Sra. Sype foi convidada para falar na reunião missionária batista.

Depois que Sype's levantaram suas pequenas tendas e se prepararam para armar a grande, um homem alegou que tinha permissão para usar aquele mesmo terreno para plantar um jardim e queria ará-lo. Sype's lhe garantiram que tomaram as devidas providências para usar o terreno baldio. O fato desconcertante era que, embora Sype's tivessem feito o acordo com um homem, o jardineiro estava a lidar com outra pessoa.

Diante dessa realidade desagradável, Sype's oraram fervorosamente. Então Sra. Sype se encontrou com o corretor de imóveis de quem ela obteve permissão para usar o terreno e se ofereceu para lhe pagar cinco dólares pelo uso do terreno, o que pagaria o trabalho do jardineiro. Ela cogitou tentar outro terreno. O corretor de imóveis disse que faria o que fosse possível. Um ou dois dias depois, Sype's agradeceram ao Senhor quando souberam que teriam permissão para usar o terreno (Este incidente ilustra o método da Sra. Sype em lidar com problemas. Ela primeiro pediu orientação e ajuda ao Senhor; então ela tomou medidas conforme a inspiração e a engenhosidade exigiam. Cinco dólares valiam muito mais em 1908 do que agora).

Em pouco tempo, a grande tenda estava pronta. Levantar uma grande tenda foi um acontecimento dramático que atraiu a atenção de toda a comunidade. Infelizmente, na noite seguinte à feliz montagem da tenda em Hawarden, uma enorme tempestade atacou a área e derrubou a tenda grande e uma das pequenas.

A atitude de Sype's era que esta era a obra do Senhor, e, se ele quisesse tudo feito novamente, assim seria. Trabalhando em meio a chuvas e temporais, ergueram novamente a tenda.

Sra. Sype escreveu: “Fomos prejudicados por chuvas e tempestades, mas aumentamos as oportunidades à medida que surgiram, e o Senhor está nos abençoando. Somos muito corajosos. O caminho está brilhante como nunca; e sabemos que Jesus virá em breve” (*Extraído dos Relatórios do Campo, Hawarden,*” *Boletim dos Obreiros de Iowa, 14 de julho de 1908: 2; ênfase acrescida*).

Apesar da oposição, Minnie Sype iniciou os cultos de sábado. Seu trabalho em Hawarden cresceu a tal ponto que quando J. W. McComas, outro ministro licenciado, encerrou suas reuniões por causa dos resultados mínimos, ele foi enviado para ajudar Sra. Sype.

Quando as reuniões na tenda terminaram, Minnie Sype relatou que nove adultos guardavam todos os mandamentos de Deus. Ela e seus assistentes ministravam estudos bíblicos semanalmente nas casas de 28 famílias. A frequência aos cultos de sábado continuava crescendo. Uma igreja foi organizada em Hawarden, e depois uma escola denominacional.

Sra. Sype batizou pelo menos um candidato que ela preparou para ser membro da igreja enquanto estava em Hawarden, relatou Thomas Durst em uma carta ao editor da revista *Insight* e em correspondência com o escritor. A mãe de Thomas, Lillian Durst, falava frequentemente ao longo dos anos sobre o batismo dela em um tanque pela Sra. Minnie Sype, uma ministra em tempo integral (*Extraído de Thomas E. Durst, “Uma Exímia Pregadora, Insight, 7 de maio de 1974:2–3 [ver página 2 deste livro]. Também de uma carta pessoal e de uma carta geral enviada ao escritor por Thomas E. Durst, Colville, Washington, 28 de maio de 1984, ver apêndice A, 2.4*).

Possivelmente porque Hawarden estava longe do escritório da associação, localizado no canto noroeste do estado, na fronteira com Dakota do Sul, a liderança da conferência, às vezes, permitia que Sra. Sype batizasse os candidatos que ela preparava, se nenhum ministro ordenado estivesse disponível.

Quando o problema da garganta do Sr. Sype não lhe permitiu mais liderar os cantos nas reuniões, ele ficou com a irmã de Minnie em sua fazenda em um estado vizinho, levando consigo James, o segundo filho. Durante esse

período, Minnie se sentiu sozinha e muita falta da ajuda do marido na liderança dos cantos nas reuniões. Pouco tempo depois, ela visitou o marido e James, disse-lhes que pensava em morar na fazenda também, para ficar com eles. Contudo, tanto o marido como o filho se opuseram fortemente a que ela desistisse da obra. Sua família, reconhecendo seu dom, sempre quis que ela fosse ativa no evangelismo.

Fortalecida pelo apoio da família, Minnie voltou determinada a fazer o melhor. Foi um desafio e tanto. Muitas vezes ela passava o dia todo na casa de pessoas interessadas, acreditando na importância do contato individual; mas então ela voltava para sua casa solitária e chorava até dormir à noite.

Quando o trabalho da Sra. Sype mudou para Cedar Rapids, vários meses depois, seu marido estava bem suficiente para se juntar a ela; James voltou com ele. Sra. Sype serviu como parte de uma grande equipe evangelística para um esforço local. Porém, às vezes ela viajava para o oeste do estado para fortalecer o trabalho que ali iniciou.

Ela sempre foi uma colportora eficaz de livros e revistas, procurando divulgar a verdade presente, e, às vezes, cobrir despesas. Devido à sua experiência, Sra. Sype foi convidada a passar alguns dias no instituto de colportores de 1908. Seus conselhos, tanto espirituais quanto práticos, sobre como usar a literatura adventista na obra missionária foram muito apreciados.

Em Cedar Rapids, James, cujo comportamento preocupava seus pais, mas que mesmo assim era um menino compassivo, teve uma experiência transformadora. Ele ajudou uma família cujo marido sofria de uma doença terminal. Quando o homem morreu, James ficou muito abalado. Ele disse à mãe que queria viver uma vida melhor, que nenhuma vida, exceto a de um cristão, valia a pena ser vivida.

Dali em diante, James trabalha à noite e se esforçava para devolver à mãe algum dinheiro emprestado.

Certa noite, enquanto James esperava para embarcar no trem local, um bêbado brigou com vários homens por causa da bagagem. No calor do momento, o bêbado desferiu um golpe fatal em James. O menino viveu apenas mais alguns dias. No sábado, no hospital, ele pediu à mãe que orasse por ele. Eles oraram. Pouco depois, ele morreu, em 10 de dezembro de 1911. Seus pais ficaram completamente arrasados!

Logo após o funeral de James, seu pai adoeceu e foi ficar com os Manfulls, irmã de Minnie e seu marido, no Canadá. Pastor Manfull achava que o clima canadense poderia ser terapêutico para o Sr. Sype. Foi um momento de provação para Minnie.

Mas ela também teve bons momentos em sua vida. Ross, o filho mais velho, formou-se na primeira turma da *Oak Park Academy* em 12 de junho de 1912. Sype's ficaram maravilhados com a erudição e a confiabilidade do filho. Anna também estava tendo sucesso na academia.

A responsabilidade de fornecer todo o apoio financeiro para a família, exceto qualquer coisa que Ross e Anna pudessem ganhar para as despesas escolares, representava um desafio constante para Minnie. Então, o inesperado gasto para um enterro adequado a James fez Sra. Sype se estressar com dívidas.

Apenas alguns meses antes, Sra. Sype havia retornado de uma viagem e encontrou sua casa e seus pertences destruídos pelo fogo. Enquanto ela agradecia por seus entes queridos terem saído ilesos, ela teve que lidar com o fato de que seu guarda-roupa consistia apenas no vestido que ela usava e no conteúdo de sua mala. O terno novo e outras roupas que ela comprara para uma conferência da igreja ficaram completamente carbonizados.

A substituição de guarda-roupas e outros bens perdidos no incêndio contribuiu para o trauma financeiro; O salário de Minnie Sype era pequeno, enquanto suas despesas pareciam montanhosas. Por um tempo, ela costurou e vendeu chapéus de sol para aumentar seu salário. Porém, ela não gostava de perder tempo em projetos que não contribuíssem para a obra evangelística.

Alguém sugeriu que se Sra. Sype escrevesse as suas experiências de vida, apontando as maneiras pelas quais Deus a guiou e a apoiou nas dificuldades, o livro poderia fornecer inspiração e apoio para outros. Depois de refletir sobre a ideia, ela decidiu escrever o material. Pareceu que serviria para cobrir algumas despesas, e, ao mesmo tempo, fornecer material que poderia ser usado por Deus para ajudar outros. Antes do final de 1912, seu livro estava pronto para distribuição. Ela o escreveu enquanto continuava com todo o seu trabalho regular; ela faltou apenas a um compromisso por causa disso, quando o prazo era urgente. O título do livro é *Vida e Ensinos na Obra Missionária (Extraído de Minnie Sype, Vida e Ensinos na Obra Missionária, Cedar Rapids, Iowa: The Torch Press, 1912)*. Os funcionários da associação recomendaram o material como um excelente meio de ensinar aos membros como fazer o trabalho missionário. A renda do livro da Sra. Sype permitiu que Ross fizesse progredisse na *South Lancaster Academy*, e Anna estudasse novamente na *Oak Park Academy* durante o ano letivo de 1912–1913. Em 1916, Sra. Sype revisou o livro (*Minnie Sype, Vida e Ensinos na Obra Missionária, Minnesota: Seminary Press, 1916*).

Após o grande esforço em Cedar Rapids, Sra. Sype ficou encarregada do acompanhamento. Ela organizou a equipe e os obreiros leigos para distribuir literatura cristã, ministrar estudos bíblicos e realizar trabalho médico: resultando em batismos. J. W. McComas, que como Minnie Sype foi um ministro licenciado quando a ajudou em uma série de reuniões, a essa altura já estava ordenado; ele batizou os convertidos. Minnie Sype, sendo mulher, não pôde participar na progressão para a ordenação, pois empenhava-se produtivamente no serviço de Deus, ano após ano.

Boletim dos Obreiros de Iowa de 30 de julho de 1912 contém relatos de dois funerais conduzidos por Minnie Sype. Os obituários que ela enviou ao Boletim estão bem escritos. Ela foi chamada para conduzir o funeral do Sr. Booton em Fairfield, onde ela foi pastora. A outra pessoa era Mary Greer, que se converteu em uma série de reuniões conduzidas pelo evangelista. A pregação da Sra. Sype naqueles dois sermões fúnebres indica a natureza geral do seu ministério na associação.

Como resultado de simplesmente ter recebido o nome de uma pessoa interessada em Marion, Iowa, Minnie Sype mantinha uma Escola Sabatina funcionando lá em outubro de 1912. A maneira como isso aconteceu foi que, quando Sra. Sype ia semanalmente dar estudos bíblicos, a mulher interessada convidava seus vizinhos e amigos. O resultado foi uma Escola Sabatina com 28 pessoas presentes em sua primeira reunião. Ao mesmo tempo, Sra. Sype realizava reuniões nas manhãs de domingo na prisão de Marion, fornecia artigos para os jornais diários de Cedar Rapids e se preparava para lançar a campanha Colheita Interna. Sra. Sype viajou pelo campo da Associação de Iowa, fortalecendo as igrejas.

Quando o Pastor Schopbach ficou doente, Sra. Sype foi enviada para Carroll, Iowa, para continuar sua série de reuniões. Sob o seu ministério, um grupo de crentes foi formado em Carroll, e Sra. Sype começou a trabalhar para fornecer um local de culto adequado. Ela ajudou os membros a instituir Sociedades Missionárias Domésticas e de Jovens locais. Em março de 1914, em Carroll, uma igreja foi organizada e um prédio dedicado.

Evelyn Robeson Faust, que quando criança assistiu às reuniões em Carroll, escreveu sobre o impacto que a pregação da Sra. Sype teve em toda a sua família. O pai dela, além de ficar convencido com o adventismo como resultado da pregação da Sra. Sype, também ficou completamente convencido da importância da educação cristã. Em três casas em que a família morou depois daquela época, o Sr. Robeson estava disposto a renunciar ao uso familiar de um quarto para que uma escola da igreja pudesse funcionar na casa. Ele estava empenhado em tornar possível uma educação cristã não apenas às suas filhas, mas também todas as outras crianças adventistas em Carroll (*Extraído de uma carta à escritora, Evelyn Robeson Faust, Cerritos, Califórnia, 27 de julho de 1984. Ver apêndice A, 2.5*).



As reuniões evangelísticas foram realizadas na tenda grande, enquanto as tendas menores serviam a família e às vezes para venda de livros.



(À direita) Evangelista Minni Sype, seu marido Logan, sua filha Anna, e uma amiga, em Iowa.  
*Cortesia de fotos por Minita Sype-Brown.*

Durante o verão de 1914, L. P. Sype melhorou fisicamente suficiente para retornar do Canadá para trabalhar com sua esposa em um esforço evangelístico em Lake City, Iowa, na parte centro-oeste do estado. Bessie Scism, obreira bíblica, completou a equipe. Sype's moravam muito perto do centro de Lake City, uma comunidade de cerca de 2.000 pessoas. Nas proximidades havia outras atrações: o cinema cinematográfico, uma sala de conferências *chautauqua* e espetáculos itinerantes. Mas como Minnie Sype e seus colaboradores acreditavam que Deus tinha uma obra para eles realizarem em Lake City, eles confiaram que seu Pai celestial enviaria pessoas até eles, apesar da forte concorrência.

A pregação da Sra. Sype gerou um interesse gratificante. A tenda em Lake City costumava ficar completamente lotada, chegando a 250 pessoas presentes. As reuniões aconteciam todas as noites da semana, inclusive no dia 4 de julho. Minnie nunca atraiu mais atenção de seus ouvintes do que em Lake City, nem a literatura que ela distribuiu sobre cada assunto encontrou maior receptividade. Como resultado, Sra. Sype e seus ajudantes iniciaram uma Escola Sabatina com 25 a 32 pessoas presentes.

Sra. Sype ainda estava encarregada do trabalho em Carroll, enquanto Sr. Sype continuava distribuindo literatura

ali. Um obreiro bíblico fazia visitas de casa em casa em Lake City. Alguns membros de Grant City então imploraram à Sra. Sype para que a obra adventista fosse reavivada naquela vila, perto de Lake City.

Em Grant City, Sra. Sype realizou reuniões no cemitério de uma igreja adjacente às terras da família Pelmulder. Dorothy Pelmulder, uma menina de 12 ou 13 anos, aceitou a mensagem adventista do sétimo dia nessas reuniões. Ela foi batizada por Minnie Sype como parte da colheita das reuniões de Lake City e Grant City. Este batismo foi realizado em Raccoon River, em 1914. A filha de Dorothy Pelmulder Blaine Kistler, Joy Estes, e a nora, Mariel Jean Blaine, forneceram a documentação (*Mariel Jean Blaine, Redlands, Califórnia, cartas ao escritor em 28 de julho e 15 de outubro de 1984 [ver apêndice A, 2.6]; C. Joy Estes, Los Angeles, Califórnia, conversa telefônica com o escritor, 16 de janeiro de 1989; ver apêndice A, 2.7*). Além do batismo, outra lembrança que Sra. Kistler gostava de compartilhar foi como Sra. Sype, quando falava sobre os católicos, ficava bastante veemente e batia o pé.

Hazel Halverson, que também participou das reuniões em Lake City e do batismo no rio, descreveu Sra. Sype como uma oradora interessante, com uma personalidade cativante, uma mulher de imenso prestígio (*De Hazel Halverson, conversa telefônica com o escritor, 18 de junho de 1989*).

Em 1914, Ross Sype era ministro na Associação de Iowa, além de sua mãe. A administração da associação o designou para trabalhar com a mãe; os dois foram encarregados do trabalho em Dennison, Carroll, Lake City e Rinard, com cada um deles pregando em duas igrejas todos os sábados. Em julho de 1915, Minnie Sype relatou uma presença de quase 300 pessoas na reunião na tenda que ela e seu filho estavam realizando em Rinard.

As pessoas agora vinham às reuniões em automóveis. Na reunião campal de Iowa em 1915, grandes tendas foram armadas para a proteção dos novos veículos (*Boletim dos Obreiros da Flowa, 18 de maio de 1915:4*).

Em julho de 1915, Ellen Harmon White morreu na Califórnia aos 88 anos. Até então, todo o ministério de Minnie Sype foi simultâneo ao da Sra. White (*capítulo 7*).

Sra. Sype não era a única mulher ocupada no trabalho organizado da igreja em Iowa na época. Quando a eleição dos dirigentes da associação ocorreu em 1915, Sra. Flora Dorcas foi reeleita secretária, Meta Peterson se tornou secretária missionária de campo, e as duas ocuparam conjuntamente o cargo de secretária da Escola Sabatina. Os administradores da Associação de Iowa estavam abertos à utilização dos talentos das mulheres no ministério. Minnie Sype se tornou secretária missionária da Associação de Iowa em junho de 1916. Visto querer capacitar as pessoas para trabalharem para o Senhor, ela agradeceu a Deus pela oportunidade. Nas igrejas de Iowa, ela encontrou uma disposição por parte do povo para servir.

Pastor W. A. Howe me contou como, quando criança, apreciava as visitas da Sra. Sype à sua igreja local em Des Moines naquela época. A congregação não se incomodava por ela ser mulher. Ela foi reconhecida como alguém com autoridade (*De uma carta ao escritor por W. A. Howe, Hendersonville, N.C., 5 de agosto de 1985, ver apêndice 2.1*).

Depois de quatro anos bem-sucedidos no trabalho missionário em Iowa, Minnie Sype se mudou para o oeste para fazer um trabalho semelhante no estado de Washington e depois na Associação Upper Columbia, 1920–1926.

Senhor Sype, após anos de problemas de saúde, morreu em 1925. Sua viúva lamentou a perda do marido e amigo querido. Os dois compartilharam muitas experiências agradáveis no ministério juntos, resistiram a duras provações e se apoiaram mutuamente o tempo todo.

Sra. Sype se mudou para o leste para conduzir um esforço evangelístico na Associação Pensilvânia Leste, viajando como gerente de circulação da revista Sentinela (Southern Publishing Association, Nashville, Tennessee) durante os anos de 1926–1927.

Depois ela retornou para o Noroeste e de 1927 até sua aposentadoria em 1930 se envolveu em evangelismo

e trabalho distrital na Associação Upper Columbia. Na época de sua aposentadoria, ela tinha apenas 61 anos de idade e pastoreava quatro igrejas.

A aposentadoria da ministra ocorreu em vista de seu novo casamento com o Sr. Atteberry em 10 de novembro de 1930. Aparentemente, os administradores da igreja imediatamente pediram que ela se autossustentasse, porque seu pedido de remuneração é datado de um mês depois, 13 de dezembro de 1930. Com tosa razão, Minnie ficou irritada. As seguintes respostas ao pedido dela indicam que ela precisava do seu salário para continuar e considerava que ainda era capaz de trabalhar por ele.



Minnie Sype, ministra licenciada de 1902 a 1956 em áreas amplamente dispersas, incluindo Oklahoma, Iowa, Estado de Washington e Bahamas. Esta fotografia foi tirada depois que ela se mudou para o Noroeste.

*Cortesia de fotos por Minita Sype-Brown.*

4. Se você era assalariada, quanto ganhava por semana? *US\$ 25,00 Quando? Atualmente. Onde? Upper Columbia.*

5. Qual é o maior salário que você recebeu neste trabalho? *US\$ 32,00 Quando? Nos últimos 3 anos. Onde? Washington & Upper Columbia.*

6. Possui casa própria? *Não, meu marido tem 40 acres, mas nenhuma melhoria digna de menção.*

17. Informe o valor do imóvel. *Não tenho.*

16. Você tem uma renda independente, pensão, etc.? *Não.*

20. Informações ou Sugestões Diversas. Atteberry tem 62 anos. *Tem um carro e 40 acres de terra, mas nenhuma melhoria digna de menção. Ele ama a verdade e está disposto a usar seu tempo me ajudando e vendendo livros.*

Em resposta à pergunta: “Até que ponto você ainda é capaz de trabalhar na mensagem?” Escreveu ela: “Acho que ainda sou bastante capaz”.

Segue parte da seção do formulário de remuneração preenchido pela associação:

1. Quando o seu Comitê ou Conselho concluiu que o candidato estava incapacitado para o trabalho ativo? *9 de dezembro de 1930.*

Não há nenhuma indicação de que a “requerente” tenha ficado “incapacitada para o trabalho ativo” a não ser por se casar com um marido que os irmãos aparentemente pensavam que deveria ser capaz de sustentá-la. Tal como no caso da Sra. Williams (capítulo 1), a remuneração tinha a ver com o estado civil e não era necessariamente o pagamento pelo trabalho realizado. Sra. Sype-Atteberry, ministra assalariada e licenciada desde 1902, aposentou-se aos 61 anos, ainda trabalhando e aparentemente gozando de boa saúde, embora o casal não tivesse nenhum rendimento certo além do trabalho dela. Votaram uma ajuda de custo para ela de 10 dólares (*Extraído da Solicitação de Fundo de Sustentação, Sra. Minnie Sype-Atteberry, 13 de dezembro de 1930. Arquivos da Associação Geral*).

Minnie Sype-Atteberry não parou de trabalhar na obra do Senhor. O ministério dela no Noroeste é recheado de grandes lembranças, tanto antes quanto depois da aposentadoria oficial (*Retirado de uma carta à escritora pela Sra. Hilda West, So. Cle Elum, Washington, 1984. Ver apêndice A, 2.8*). Ainda como ministra licenciada, Sra. Sype-Atteberry trabalhou em Washington, Flórida, e nas Bahamas (*Carta de Minnie Sype-Brown, Key Largo, Flórida, à escritora, 29 de outubro de 1984. Ver apêndice A, 2.9*).

Sr. Atteberry morreu, posteriormente Minnie se casou novamente. Um de seus descendentes observou que seus casamentos mais tarde na vida foram celebrados principalmente para ajudar a pessoa casada, e provavelmente foi bem isso mesmo. Suas últimas licenças ministeriais foram emitidas em nome da Sra. Minnie S. Crippin.

Esta ministra pioneira e dona de casa engenhosa serviu ao seu Senhor como evangelista, pastora, secretária e departamental de publicações durante 28 anos de ministério formal, precedidos por anos de ministério leigo ativo e seguidos por anos de aposentadoria ativa. Ela morreu em 23 de junho de 1956, em Portland, Oregon, aos 87 anos de idade. Pelo menos dez igrejas foram plantadas como resultado do trabalho dela (*De uma carta de Anna Gregg Hamlin [filha de Minnie Sype] à escritora em 2 de julho de 1984:*) “Mamãe plantou muitas igrejas . . . [Em Oklahoma] foram pelo menos 5 . . . [Em] Iowa . . . me lembro dela plantando novas igrejas em Carroll, Lake City, Calmar e Hawarden . . . Ela fundou a igreja em Denison, Iowa.” *Ela foi ministra licenciada por 54 anos (1902–1956)*.

O resultado é um trabalho de vida monumental.

Nosso governo é civil e não religioso. É o maior governo que o mundo já teve. Que não haja inovação em nosso esplêndido sistema, onde todos são livres.

—Lulu Wightman, 1909

### **Ministra das Legislaturas**

**Lulu Wightman**

***Ministro licenciado de 1897 a 1907, 1909 a 1910 Ordenada ao ministério em 1908***

O ministério parecia um chamado adequado para certa jovem, Lulu Russell, cujos dois irmãos mais velhos eram ministros e administradores adventistas renomados: o Pastor E. T. Russell, presidente da União Central dos

Adventistas do Sétimo Dia, e o Pastor K. C. Russell, primeiro presidente da Associação de Chesapeake.

Quando jovem e casada, Lulu Wightman experimentou um chamado para o evangelismo. Seu marido, John, sempre a incentivou. Os líderes da Igreja discutiram como Lulu Wightman poderia cumprir seu chamado.

Nem todos ficaram entusiasmados com a inclusão desta jovem no ministério. Em 1896, o Élder J. W. Raymond, um ministro estabelecido na Associação Nova Iorque, concordou quando solicitado pela liderança da associação em adicionar Lulu Wightman à sua equipe evangelística em Cuba, Nova Iorque. Contudo, a sua oferta por escrito afirmava que, embora Lulu recebesse um pequeno rendimento pelos seus serviços, o seu marido não receberia nenhum (*Extraído de uma carta de J. W. Raymond, Cuba, Allegany Co., N.Y., para P. Hinne, 16 de junho de 1896. Ver apêndice A, 3.1).*

Lulu prontamente respondeu que ela e o marido ficariam felizes em ingressar na empresa de tendas, mas não teriam condições de fazê-lo, a menos que John Wightman fosse remunerado. Ele não poderia se dar ao luxo de ficar ocioso durante todo o verão, observou sua esposa; além disso, o que lhe foi oferecido não acomodaria os dois (*Pastor J. W. Raymond citou a carta de Lulu Wightman para ele em uma carta que ele escreveu ao irmão Hinne [1896]. Ver apêndice A, 3.2).*

Na noite do domingo anterior, Lulu lançou uma iniciativa em Hornellsville, Nova York. John, ex-editor de jornal, anunciou a série de forma eficaz nos jornais locais. Lulu e John deram as boas-vindas a vários cidadãos importantes na sua primeira reunião de domingo à noite. Eles decidiram continuar seus esforços em Hornellsville.

Pastor Raymond escreveu ao tesoureiro da associação que era contrário à entrada de Lulu na obra ministerial. Contudo, na mesma carta ele disse que achava que a associação deveria arcar com as despesas de viagem de ida e volta da Sra. Stowe, esposa de um ministro na obra evangelística; ele achava que isso era justo, conforme exigido pela regra de ouro.

Que a regra de ouro pudesse ser aplicável no caso de um marido cuja esposa fosse chamada para a obra ministerial não lhe pareceu ocorrer.

Enquanto isso, Lulu Wightman pregava em Hornellsville (*Extraído de John S. e Lulu Wightman, “Hornellsville”, New York Indicator, 12 de agosto de 1896 [Ver apêndice A, 3.3]. Grande parte do material para este capítulo foi obtido do jornal da igreja The New York Indicator e correspondência da Associação Nova York, ambos disponíveis nos Arquivos da Conferência Geral*). Este local não parecia muito promissor. Nenhum adventista do sétimo dia morava lá para ajudar nas reuniões, e os residentes pareciam bastante apáticos religiosamente. Mesmo assim, Lulu celebrou as boas novas do evangelho e apresentou a cosmovisão adventista, enquanto seu marido divulgava o esforço. Com o passar das semanas, o comparecimento aumentou, em vez de diminuir, até que as pessoas se amontoaram no salão. Três pessoas passaram a guardar o sábado, enquanto outros mostraram interesse.

Neste ponto, os pastores Raymond e Stowe, com sua companhia de tendas, foram enviados de Cuba para Hornellsville para continuar a obra. Wightman's, comprometidos em espalhar o evangelho com a mensagem da hora do juízo em áreas não penetradas, mudaram-se para Gas Springs, para que Lulu pudesse começar as reuniões lá em 15 de setembro de 1896. Como resultado dessa série, Wightman's puderam escrever ao Indicator que “quinze dos melhores cidadãos daqui tomaram uma posição firme a favor da verdade” (Indicator. 4 de novembro de 1896). Eles demonstraram diversas vezes a capacidade deles para atrair pessoas cultas e instruídas para o adventismo.

A jovem que o Pastor Raymond hesitava em ver entrar no ministério foi abençoada por Deus com resultados, e, em pouco tempo, o Pastor Raymond, como ministro ordenado, foi enviado para organizar uma comunidade de 26 membros em Gas Springs, Nova York, fruto da pregação de Lulu Wightman e a assistência voluntária de seu marido. Pastor Raymond relatou que os membros eram corajosos e todos pareciam fortes na fé (*Indicator. 30 de dezembro de 1896*).

Durante o verão de 1897, Lulu Wightman pregou em uma igreja interdenominacional em Wallace. As reuniões agitaram aquela vila de 300 habitantes. As igrejas locais trouxeram um pregador antinomiano de fora da cidade (que ensinava contra a lei moral, alegando que a fé é o meio de salvação) para desafiar os adventistas sobre a questão do sábado. Wightman's convidaram o presidente da associação, Pastor Place, para ajudá-los a enfrentar essa oposição.

No momento do debate, a igreja interdenominacional, que acomodava 350 pessoas, estava lotada, enquanto outras oito ou dez pessoas ficaram vendo pelas janelas do lado de fora. O clima ficou acalorado. A apresentação adventista foi bem recebida. Wightman's agradeceram a Deus por esta vitória da verdade e deram seguimento ao interesse do debate com um trabalho enérgico e eficaz. Um grupo de 14 crentes logo se formou em Wallace (*Indicator*. 21 e 28 de julho de 1897).

Lulu e John Wightman demonstraram uma exuberância juvenil e gosto pela obra. Eles arrecadaram parte do dinheiro para as reuniões de Lulu durante esses primeiros anos com a bênção do presidente da associação, que elogiou o trabalho deles.

Pastor S. M. Cobb, um dos ministros da Associação Nova Iorque, deixou claro que apreciava o trabalho realizado pelas mulheres no ministério. Em uma carta ao presidente da associação, ele elogiou a contribuição dos obreiros bíblicos, que eram quase exclusivamente mulheres, para o ministério geral da igreja. Ele continuou com uma forte defesa da única mulher evangelista na associação, Lulu Wightman, como sendo um instrumento valioso de Deus para apresentar a verdade. Ele afirmou que uma boa obreira poderia realizar tanto quanto o melhor ministro da associação.

“Vejam o trabalho da Irmã Lulu W.,” desafiou ele.

Ela deu mais resultado nos últimos dois anos do que qualquer outro ministro do estado, e, no entanto, a associação a manteve distante e se recusou a reconhecê-la como uma pessoa capacitada para apresentar a verdade, quando, na verdade, ela era muito mais capaz do que seus opositores (Você sabe a quem me refiro).

Como membro do comitê executivo da associação, Pastor Cobb avaliou três candidatos a credenciais, aprovando dois dos três. Ele acrescentou: “Também sou a favor de dar licença à Irmã Lulu Wightman para pregar, e acredito que não há razão para lhe negar.” Ele sugeriu, de forma mais provisória, a possibilidade de licenciar também o marido dela, dependendo se o ministério era ou não a obra para a qual ele se considerava chamado (*Extraído da carta do Pastor S. M. Cobb, Lockport, N.Y., ao Pastor A. E. Place, Roma, N.Y., 6 de agosto de 1897*).

Em 1897, uma menina linda e saudável nasceu, filha dos Wightman, e os pais agradecidos a chamaram de Ruth. Lulu teve problemas pós-parto, mas oraram por ela e logo estava totalmente ativa novamente.

Podemos ter uma ideia da principal função que Lulu desempenhou na equipe evangelística por meio de um relato apresentado na trigésima sexta sessão anual da Associação Nova Iorque, realizada em Siracusa em setembro de 1897. Quando a nova Igreja de Gas Springs foi apresentada aos constituintes pelo presidente da associação, Pastor Place, relatou-se que este “corpo forte” de novos crentes “foi levantado em grande parte através dos esforços da Irmã Lulu Wightman e do seu marido” (*Indicator*. 6 de outubro de 1897).

A afirmação de que o novo grupo foi criado em grande parte através dos esforços de Lulu, com o seu marido mencionado de forma secundária, não reflete o caráter ou as habilidades de John Wightman. Ele possuía, entre outros dons, um talento especial para preparar material promocional sobre as reuniões e sobre assuntos doutrinários e colocá-lo nos jornais. Ele foi editor de jornais diários da cidade e colaborador de jornais dominicais. Seu sucesso como escritor permeou todo o ministério do casal.

Em setembro de 1897, Lulu Wightman obteve pela primeira vez a licença ministerial, na mesma reunião oficial

em que a comunidade de Gas Springs foi registrada na associação. John Wightman não recebeu uma licença.

Em novembro, Sra. Wightman começou a pregar na vila de Avoca. Ao longo da série, o comparecimento foi tão alto que todas as noites, exceto uma por causa de um mau tempo, que entre 50 a 100 pessoas não conseguiam entrar nem mesmo para ficar em pé.

Avoca ficava a cinco quilômetros de Wallace, onde Lulu e John Wightman fundaram um grupo de 14 pessoas. Lulu continuou dedicando parte de sua energia a Wallace, onde ela conduzia os cultos aos sábados. Ela sentiu o espírito do Senhor, e o número de frequentadores no sábado aumentou para 42.

Um ministro presbiteriano que ouviu Lulu Wightman pregar, Pastor S. W. Pratt, escreveu uma carta a John Wightman objetando, com base bíblica, ao fato de uma mulher estar no púlpito. Em sua resposta, Sr. Wightman examinou as circunstâncias sob as quais 1 Coríntios 14:34, o verso citado pelo ministro presbiteriano, observando a confusão que existia na igreja de Corinto. Para corrigir esse abuso, Paulo escreveu recomendações específicas para aquele momento naquele lugar.

John Wightman prosseguiu afirmando que a essência bíblica do relacionamento homem/mulher é a igualdade. Homens e mulheres são iguais aos olhos de Deus, cada um com suas particularidades ordenadas por Deus. Quanto à esfera do homem, foi-lhe dado “o governo” (1 Tm 2:12), para que as mulheres não usurpassem a autoridade sobre os homens no ensino e no governo da igreja. John Wightman disse que não tinha problemas com este princípio. Ele não encontrou sua esposa assumindo autoridade sobre ele ou sobre a liderança da igreja.

Ele então perguntou ao ministro por que, considerando a interpretação dele de 1 Coríntios 14:34, as mulheres eram autorizadas a falar em suas próprias igrejas presbiterianas? John Wightman questionou a consistência do ataque à pregação da sua esposa enquanto as boas mulheres presbiterianas eram autorizadas a testemunhar na igreja sobre a bondade e a misericórdia de Deus.

Fundamentando seu argumento na Bíblia, o irmão Wightman chamou a atenção para as instruções do Apóstolo Paulo a respeito da vestimenta das mulheres que oram e profetizam em público (1 Co 11:5, 6, 13), evidência de que as mulheres profetizavam e oravam nas reuniões. Ele destacou as ministras piedosas mencionadas por Paulo em Romanos 16:1–15. Ele observou que Priscila parece ter instruído Apolo (At 18:24–26), e que Filipe tinha quatro filhas que profetizavam (At 21:9). Ele citou Atos 2:17–18, onde é citada a profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito sem discriminação quanto ao sexo.

Obviamente, esta questão das mulheres no ministério foi um assunto que John Wightman estudou minuciosamente. Ele celebrou a conversão de homens e mulheres a Cristo através da pregação de mulheres.

Ele concluiu sua carta observando que numa época em que os ministros do púlpito sagrado — homens que recebiam até U\$ 50.000 por ano em salário — não clamavam em voz alta para mostrar às pessoas seus pecados e negligenciavam apontar para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo como o verdadeiro remédio, era necessário que as mulheres pregassem a Palavra. “O fato da presença do Senhor infundir poder e autoridade nessas mulheres dedicadas,” declarou John Wightman, “é percebido por todos que não olham através de vidros embaçados” (*Extraído de uma carta de John S. Wightman, Avoca, N.Y., para S. W. Pratt, Campbell, N.Y., 15 de dezembro de 1897*).

Embora as pessoas estivessem implorando para que ela e seu marido permanecessem, Sra. Wightman escreveu ao presidente da associação solicitando que enviasse alguém a Wallace para cuidar dos interessados, para que ela desenvolvesse novos trabalhos. Ela achou melhor realizar conferências em outros lugares e retornar ocasionalmente. De qualquer forma, era necessário um ministro ordenado para estabelecer a nova igreja. Sra. Wightman também escreveu que não queria que as pessoas “se apegassem muito” a ela, mostrando consciência do problema comum da idolatria de evangelistas (*Extraído de uma carta da Sra. Lulu Wightman, Wallace, N.Y., para Eld. A. E. Place, Roma, N.Y., 31 de janeiro de 1898*).

Pouco tempo depois, quatro pessoas em Avoca aceitaram as verdades bíblicas ensinadas pela Sra. Wightman e foram calorosamente recebidas na comunidade adventista. Dois deles eram agricultores de posses aposentados, bem conhecidos na comunidade.

Em 1899, um convite da Corning Company chegou com a força de um chamado macedônio. Os membros imploraram à Sra. Wightman que os ajudasse a alcançar as pessoas de sua comunidade com o evangelho, crendo ser a hora certa. Ela pediu dispensa porque já trabalhava em duas localidades: Avoca e Wallace; então estava fora de cogitação se comprometer ainda mais.

Chegou outra carta, mais urgente do que a primeira. Os crentes da Corning não aceitariam “não” como resposta. Visto que o Espírito Santo convenceu Lulu Wightman de que ela deveria ir por um curto período, ela concordou em passar de sexta a segunda de manhã em Corning. Ela pregou quatro sermões durante aquele breve período; o salão lotado em todos eles, e as pessoas se amontoavam até mesmo ao redor do púlpito.

Estiveram presentes pessoas que os membros locais tentaram, sem sucesso, atrair para as reuniões anteriores. Foi evidente que a ação do Espírito.

A viagem produtiva da Sra. Wightman a Corning não teve custos para a associação. Lulu fez uma arrecadação que cobriu as despesas mais US\$ 3,02 que ela enviou junto com seu relatório.

Lulu apelou a administração da associação a enviar um ministro a Corning para acompanhar o interesse que as suas reuniões produziram. Ela não queria ver os convertidos inteligentes e interessados se afastarem (*Extraído de uma carta da Sra. Lulu Wightman, Wallace, N.Y., para Eld. A. E. Place, 7 de fevereiro de 1898*).

Para cuidar da pequena Ruth, Sra. Wightman às vezes empregava algum morador da cidade. Ela preferia, porém, ter um membro da igreja para viajar com a família, prestando-lhe serviços em troca de alimentação e despesas de viagem.

Para a vila de North Cohocton, para Brocton e depois para Sheridan, Lulu Wightman se mudou sem reclamar. “A última mensagem de advertência” deve ser proclamada em todos os lugares.

Sra. Wightman foi em seguida enviada para Silver Creek, onde preparou um salão espaçoso e acarpetado no centro da cidade, com aquecimento e iluminação fornecidos por apenas dois dólares por semana (*Indicator. 12 de outubro de 1898. Ver apêndice A, 3.4*).

Ela pediu aos membros da igreja presentes na conferência que enviassem os documentos e folhetos da igreja para o seu marido distribuir gratuitamente enquanto ele vendia literatura religiosa. O orçamento obviamente era limitado.

Os percalços da vida forneceram aos evangelistas ilustrações poderosas enquanto pregavam sobre a intolerância religiosa e a perseguição prevista para o tempo do fim da Terra. Dois adventistas do sétimo dia em Maryland foram presos naquela época por trabalharem no milharal no domingo (*Extraído de A. E. Place, “In Jail with My Brethren,” Indicator. 14 de dezembro de 1898*).

Lulu Wightman sem dúvida chamou a atenção, assim como seus colegas evangelistas, para as leis dominicais que estavam sendo aplicadas ou consideradas em todo o país.

Durante a sessão da conferência de 1898, a Comunidade Wallace fundada e cuidada pelos Wightman foi reconhecida oficialmente como uma igreja com 14 membros. Durante o processo burocrático, Lulu Wightman foi novamente designada ministra licenciada.

Em Silver Creek, o trabalho floresceu sob a direção de Lulu Wightman. Dois homens e duas mulheres começaram a observar o sábado do sétimo dia, enquanto outros ponderavam seriamente sobre o que fazer diante das novas verdades (*Lulu Wightman, "Silver Creek," Indicator. 16 de novembro de 1898. Ver apêndice A, 3.5*).

Naquela altura, diversos ministros de outras denominações assumiram a postura belicista característica daquela época. No domingo à noite, um dos ministros pregou contra o sábado em uma reunião conjunta das igrejas locais no maior santuário da comunidade. Lulu Wightman participou da reunião. Permitiram-na anunciar, também no estilo daquela época, que responderia o discurso na noite seguinte.

O salão que os adventistas garantiram estava lotado antes do início da reunião, com muitos indo embora. Uma vez mais, as palavras da verdade bíblica apresentadas pela Sra. Wightman causaram profunda impressão nos ouvintes. Depois disso, foi-lhe possível retomar a série, embora soubesse que a pregação sobre "O Estado dos Mortos" atrairia ainda mais oposição. No meio deste toma lá dá cá teológico, as pessoas aceitaram os ensinamentos bíblicos dos adventistas e mudaram o estilo de vida delas. Foi consenso que os ensinamentos bíblicos adventistas obtiveram outra vitória decisiva.

Wightman's se mudaram para Genebra, uma cidade de 12.000 habitantes onde os adventistas do sétimo dia ainda não conseguiram causar impacto. Eles se prepararam minuciosamente com extensa publicidade em jornais e folhetos, e no Forte de John.

Um dos comerciantes mais ricos e influentes de Genebra cedeu espaço gratuito num grande edifício comercial no coração da cidade durante duas semanas, e, depois disso, por uma renda nominal.

Luzes a gás e aquecimento a vapor no auditório deixaram os ouvintes confortáveis. O lugar tinha capacidade para 90 pessoas. Wightman's ficaram gratos ao comerciante e a Deus, pois descobriram que o aluguel de outros prédios comerciais da cidade variava de 75 a 100 dólares por mês. O diretor da Casa de Ópera de Genebra cedeu um órgão para a série evangelística.

As reuniões noturnas começaram em 17 de março de 1899. A frequência não foi grande no início, mas aumentou gradualmente. Wightman's encontraram salas no térreo de um prédio na região central, um local adequado para receber pessoas interessadas. Irmão Erb, colportor, ajudou nas visitas pela manhã e vendia de quatro a oito dólares em livros diariamente pelas tardes. Lulu Wightman e seus assistentes ficaram felizes em plantar as sementes da salvação, confiando em Deus para trazer uma colheita apropriada.

Em Genebra, Sra. Wightman recebeu cartas de duas mulheres que participaram de suas reuniões em Angola. Ambas disseram que aceitaram a verdade e começaram a guardar o sábado com alegria (*Indicator, 3 de maio de 1899*). Deus usou a pregação de Lulu para abençoar as pessoas mesmo após se mudar para um novo local.

Um folheto preparado para a evangelização de Lulu Wightman em 1901 demonstra os meios que John Wightman costumava usar para atrair pessoas às reuniões (*Folheto impresso por Ontario Repository-Messenger Print, Canandaigua, N.Y., 1901 [Arquivos da Associação Geral] Ver a última página deste capítulo*). Este tipo de publicidade, usada com sucesso por muitos evangelistas adventistas do sétimo dia, atraiu pessoas curiosas para aprender o que a Bíblia ensina a respeito do sábado.

Em 1903, pela primeira vez, John Wightman recebeu uma licença ministerial. Lulu Wightman foi reconhecida como ministra licenciada pelo sétimo ano consecutivo.

Juntos, John e Lulu trabalharam em Éden, começando em 8 de dezembro de 1903. Uma nevasca repleta de neve profunda, frio congelante e ventos cortantes impediram as pessoas de sair por uma semana. Quando passou, Wightman's começaram novamente. Alguns compareceram, então os evangelistas trabalharam pacientemente, esperando gradualmente as coisas melhorarem. Eles oraram para que o Senhor levasse as almas daquela região

a considerarem o Éden da eternidade um lugar muito melhor para habitar do que o Éden, no Condado de Erie, Nova York. A obra no Éden foi difícil. As pessoas resistiram em se posicionar pela verdade.

Quando um membro, Edwin R. Darling, de 52 anos, morreu, Lulu Wightman conduziu o funeral. Ela escreveu o obituário, pregou no funeral e foi auxiliada no serviço religioso pelo Pastor J. W. Raymond (*Indicator*, 27 de abril de 1904).

Wightman`s se mudaram para Avon em 1904 para evangelizar e realizar cultos de adoração. Em certo culto no sábado, quando Lulu Wightman perguntou quem dos presentes decidiu aceitar plenamente a verdade e guardar o sábado, nove pessoas se levantaram. Lulu e o marido agradeceram cada uma.

Um importante empresário em Avon, que até então não era um cristão que orava e estudava a Bíblia, assistia regularmente às reuniões, comprou uma Bíblia e começou a estudar as profecias de Daniel e Apocalipse.

O presidente da associação, Pastor S. H. Lane, comprou uma grande tenda por 71 dólares para Wightman`s usarem em seus esforços; eles gostaram e acharam fácil lançar.

A próxima montagem da tenda aconteceu aos pés do lindo lago Conesus. Ao contrário da nevasca que saudou Wightman`s quando eles começaram em dezembro no Éden, o clima perfeito acompanhou a abertura do evangelismo em Lakeville na sexta-feira, 24 de junho de 1904.

Cinquenta pessoas compareceram naquela noite e, no domingo à noite, o público aumentou para 100. Apareceu um novo desafio e tanto, durante três noites, Wightman`s confrontaram diretamente um médium espírita. O comparecimento aumentou muito. Deus viu os Wightmans passarem vitoriosamente por esta crise.

Lugar após lugar, Wightman`s deixaram para trás um novo grupo ou igreja onde não existia presença adventista antes deles. Em 21 de agosto, uma igreja com 14 membros foi organizada em Avon, onde já haviam realizado reuniões.

Em 2 de setembro de 1904, cerca de um mês antes dos procedimentos da Associação Nova York, nos quais as decisões de credenciamento seriam determinadas e os salários dos trabalhadores auditados, John Wightman escreveu para o Pastor S. H. Lane, então presidente da associação. Na carta, John salientou que o trabalho de Lulu tinha sido “considerado por três ou quatro ex-comissões como sendo o de um ministro ordenado, inequivocadamente” (*De uma carta de John S. Wightman, Avon, N.Y., para Pr. S. H. Lane, Rome, N.Y., 2 de setembro de 1904. Ênfase no original. Ver apêndice A 3.6*).

Referiu-se especificamente à reunião da Associação Nova Iorque de 1901, em Oswego, na qual foi determinado fixar o salário de Lulu “o mais próximo possível da taxa dos ‘ordenados’.” Nessa reunião, Pastor Underwood e outros defenderam que a ordenação de uma ministra eficaz não seria inadequada. O status do Pastor Underwood era comparável ao de um ex-presidente de união. Não obstante, aqueles que se opuseram à ordenação de Lulu Wightman prevaleceram. Em todas as discussões, nada se mencionou quanto à capacidade de Lulu de realizar obra ministerial.

A carta de John não afetou o credenciamento de sua esposa. No entanto, foi documentada na discussão de 1901 sobre a possibilidade de ordenar Lulu Wightman ao ministério (*Extraído de Bert Haloviak, “Route to the Ordination of Women in the Seventh-day Adventist Church: Two Paths,” 18 de março de 1985, artigo não publicado*).

Na época em que John Wightman escreveu a carta apoiando a aptidão de sua esposa para ser ordenada ao ministério, Pastor T. E. Bowen preparou um gráfico mostrando o número de sermões, leituras bíblicas, famílias visitadas, batismos e outros serviços ou realizações para cada um dos ministros e obreiros bíblicos na Associação Nova York (*Gráfico feito em 1904 pelo Pastor T. E. Bowen, da Associação de Nova York. Disponível nos*

*Arquivos da Associação Geral*). Em um canto, estão os comentários manuscritos do Pastor Bowen: “Trinta e quatro dos 65 adicionados [são] o resultado de dois ministros licenciados e um obreiro bíblico, deixando 26 como resultado de 10 obreiros durante 1 ano”. Pelo contexto, fica claro que os dois ministros licenciados a quem ele se referiu eram Wightman’s.

Embora haja uma linha de números após o nome de cada ministro, na coluna “Adicionado à Igreja”, Pastor Bowen colocou um colchete e deu um total para Wightman’s. Esse número é 27 e, significativamente, ele o coloca na linha de Lulu Wightman e o circula. Pastor Bowen apreciava a produtividade do trabalho dos Wightman e considerava Lulu a principal evangelista da equipe.

Wightman’s se mudaram do estado de Nova York para Reno, Nevada, que fazia parte da Associação Califórnia. No Anuário Adventista do Sétimo Dia de 1908, Lulu Wightman é listada como ministra ordenada da Associação Califórnia, bem como seu marido, John Wightman. Tal como não foram encontrados hoje registros oficiais da reunião de 1901, considerando a possível ordenação de Lulu, sendo o único relato que ocorre na carta do seu marido, também não parece existir nenhum registro oficial de uma discussão ou ação subjacente a esta listagem. No entanto, dado o contexto da discussão sobre a ordenação da Sra.

Wightman na Associação Nova Iorque, parece possível que a Associação Califórnia possa ter convidado Wightman’s com o entendimento de que ambos seriam ministros ordenados e poderiam ter seus nomes escritos no Anuário, sendo posteriormente desencorajados pela liderança da igreja de continuar com Sra. Wightman nesse status.

À medida que o ministério deles progredia, Wightman’s ficaram muito preocupados com o impulso à liberdade religiosa do movimento adventista. De volta a Angola, por volta de 1898, Lulu Wightman pregou a uma audiência receptiva sobre o tema “Igreja e Estado nos Estados Unidos.” À medida que estudava e desenvolvia suas apresentações, passou a ser muito procurada sobre questões de liberdade religiosa.

Em 28 de fevereiro de 1909, Lulu Wightman se dirigiu a uma multidão lotada em um auditório público em Lincoln, Nebraska, sobre o tema da liberdade religiosa. Muitos congressistas e funcionários públicos estiveram presentes. Como Wightman’s aceitaram recentemente convites para ministrar na União Central, aconteceu no território deles. Beisebol de domingo foi a porta de entrada aos líderes da liberdade religiosa naquele momento. Tanto Lulu Wightman quanto seu irmão, Pastor E. T. Russell, fizeram apresentações poderosas. *Nebraska State Journal* publicou um artigo de mais de 50 centímetros de coluna relatando o evento.

Sra. Wightman enfatizou os princípios que caracterizam o governo dos Estados Unidos. Ela citou casos em que os tribunais reverteram decretos que a igreja estabeleceu para controlar os entretenimentos dominicais. A legislação religiosa, salientou ela, “não é permitida nas nossas legislaturas estaduais e nacionais” em virtude da prática bem estabelecida nesta nação. Ela finalizou com uma ilustração e um apelo patriótico.

Nosso governo é civil, não religioso. O maior governo do mundo de todos tempos. Um cavalheiro que fez um brinde num grande jantar diplomático em Paris disse: “Um brinde aos Estados Unidos da América. Delimitado ao norte pela aurora boreal, ao sul pela procissão dos equinócios, ao leste pelo caos primitivo e ao oeste pelo dia do juízo.” Nada menos que o dia do juízo poderá produzir um governo melhor e mais grandioso. Não tomemos novos passos. Que não haja inovação em nosso esplêndido sistema, onde todos são livres.

—“Religious Liberty Meeting,” *Nebraska State Journal*, 1º de março de 1909, p. 3 (*Ver o apêndice A, 3.7*).

Mais tarde, em 1909, a Câmara dos Representantes do estado do Missouri convidou Lulu Wightman para discursar sobre o tema “A Ascensão da Liberdade Religiosa nos Estados Unidos.” John Wightman escreveu: “Acredito que esta ação por parte da legislatura do Missouri não tem precedentes na história do nosso povo” (*Extraído de John S. Wightman, “Sunday Legislation Defeated,” Missouri Workers’ Record. 28 de abril de 1909*).

Lulu Wightman claramente possuía uma habilidade extraordinária para lidar com grandes multidões; tanto ela quanto o marido poderiam alcançar funcionários de alto status e responsabilidade.

Mesmo com a crescente ênfase na liberdade religiosa, Sra. Wightman não menosprezou seu trabalho evangelístico habitual. Em Kansas City, Missouri, ela conduziu uma série evangelística de sucesso durante 1909–1910. Nas palestras de domingo à noite, que ela começou no início do inverno, o comparecimento foi encorajador desde o início. Após algum tempo, o interesse foi tão grande que Sra. Wightman decidiu realizar reuniões todas as noites.

Esta parte intensiva da série durou duas semanas, começando em 6 de março. Na última noite, cerca de 400 pessoas estiveram presentes, sendo que entre 75 a 100 não conseguiram entrar nem para ficar em pé. Treze adultos aceitaram as verdades apresentadas quando a série terminou, e durante o mês seguinte outros quatro mostraram grande interesse (*De Jas. Cochran, "Revival Meetings In Kansas City, Missouri," Advent Review e Sabbath Herald 87. 7 de abril de 1910, p. 16*).

Naquela época, Wightman's passaram a divergir seriamente da denominação na questão da liberdade religiosa. A maneira como Wightman's entenderam várias declarações feitas por Ellen G. White durante certo tempo fez com que acreditassem que ela estava mudando de posição sobre questões de liberdade religiosa. Embora Lulu e John Wightman pareciam se encaixar admiravelmente em seus papéis como evangelistas denominacionais, o historiador Bert Haloviak escreveu que "Tragicamente, Wightman's chegariam a um ponto em que não se sentiriam mais confortáveis no ministério e como membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia" (*Haloviak, p. 14*). Apesar desta divisão de caminhos, com base na forma como a posição sobre a liberdade religiosa deve ser definida, há muito sobre os Wightmans com os quais podemos aprender e nos inspirar.

"Sra. Lulu Wightman mostrou . . . evidências tangíveis do "chamado" dela para o ministério evangélico," observou Bert Haloviak. "Na verdade, os resultados do evangelismo dela a classificariam não apenas como a evangelista mais destacada no estado de Nova Iorque durante aquela época, mas entre as mais bem-sucedidas de todos os tempos dentro da denominação" (*Hakoviak, p. 10.*)

Resumindo os frutos do ministério dela:

Entre 1896 e 1905, Sra. Wightman fundou igrejas em Hornellsville, Gas Springs, Wallace, Silver Creek, Genebra, Angola, Gorham, Fredonia, Avoca, Rushville, Canandaigua e Penn Yan. Após seu marido ser licenciado em 1903, eles fundaram igrejas juntos em Avon, Lakeville, Hemlock, South Livonia e Bath.<sup>25</sup>  
—*Hakoviak, p. 10*

De cidade em cidades, de tenda a salão legislativo, Lulu Wightman e seu marido comunicaram as boas novas da salvação em Cristo e os ensinamentos distintivos do adventismo com tremenda energia e dedicação. Quantas pessoas desfrutarão do reino dos céus por causa do seu ministério, só a eternidade pode revelar.

### **RECOMPENSA DE U\$ 100**

Será pago na Reunião Evangélica na Câmara Municipal, quinta-feira à noite, 3 de janeiro de 1901, a qualquer pessoa ou grupo, apresentando um ou mais testes das Escrituras que leiam ou provem que o primeiro dia da semana ou domingo, é dia de descanso, ou que Cristo ou os apóstolos alguma vez o observaram como tal.

**LULU WIGHTMAN**

Digam! Qual é o dia de descanso?

O primeiro ou o sétimo dia da semana?

Jesus disse: “Se vocês me amam, guardarão os meus mandamentos” (Jo 14:15), “Se quiser entrar na vida, guarde os mandamentos” (Mt 19:17).

## CRISTO CRIOU O SÁBADO

Prova: Marcos 2:27, 28; João 1:3; Colossenses 1:16; Efésios. 3:9.

Visto que o Quarto Mandamento do Decálogo ordena a observância do sétimo dia como o dia de descanso, não é uma questão de vital importância se devemos guardá-lo ou não?

Uma série de palestras bíblicas sobre esta grande questão começará na Câmara Municipal na quinta-feira à noite, pois a questão do sábado é agora uma questão de agitação mundial e importante.

Até mesmo a um criminoso é garantido o direito de um julgamento por júri! Por que não ouvir a VERDADE DE DEUS? (Rm 10:17).

Não cumpra Atos 28:27. Lembre-se de 1 Tessalonicenses 5:21.

Todos estão cordialmente convidados a participar.

LULU WIGHTMAN

Evangelista da Bíblia

“Eu orei e trabalhei.”

–Anna Knight, 1952

### **Administradora Inovadora Anna Knight: 1874 a 1972**

Anna Knight era uma menina com um apetite incrível por conhecimento. Ela nasceu em 1874, filha de uma escrava emancipada no Mississippi, e cresceu acompanhando o ritmo do trabalho.

A mãe de Anna ganhava o pão como meeira no condado de Jasper. Trabalhando muito e de forma disciplinada, Sra. Knight conseguiu comprar 80 acres de terra. Mais tarde, ela e seus filhos compraram mais 80 acres adjacentes. Com uma vaca, um cavalo e uma junta de bois, a família multigeracional cultivava seus próprios alimentos, bem como algodão para o comércio. Mas a pequena quantia em dinheiro nunca foi suficiente.

Knight's não conseguiam “extras”, como canetas e papel, para não falar de livros ou assinaturas de revistas. Sra. Knight e sua ninhada fizeram muito bem em adquirir terras e gado (*De Anna Knight, Mississippi Girl: An Autobiography [Nashville: Southern Publishing Association, 1952]*). O material neste capítulo não creditado de outra forma é baseado na Autobiografia da Sra. Knight). Sem livros ou materiais de escrita, Anna procurou através de meios criativos satisfazer seu desejo aparentemente insaciável de aprender. Apesar das longas horas de trabalho, às vezes aos domingos Anna conseguia algum tempo livre. Quando isso acontecia, ela dava um jeito e visitava uma amiga que teve a sorte de possuir livros. Anna se ofereceria para ajudar no trabalho se a amiga, em troca, a ensinasse a ler.

Anna estava ansiosa para compartilhar com seus irmãos, sobrinhas e sobrinhos o que aprendeu. Após pregar as tábuas, Anna as enegreceu com fuligem úmida; quando este quadro-negro artesanal secou completamente, ela escreveu nele com giz natural retirado do banco de lama. Ela colocou as outras crianças para copiar na areia os números e letras que ela escreveu no quadro.

Para recreação, Anna adorava participar e ajudar a organizar os concursos de ortografia do bairro que aconteciam aos domingos. Ela provavelmente competia muito bem.

Lendo praticamente tudo o que conseguia encontrar, Anna notou um anúncio de uma revista para crianças da sua idade. Ela queria aquela revista mais do que qualquer outra coisa no mundo. De alguma forma, ela persuadiu sua mãe a lhe dar o dinheiro necessário para a assinatura, mas foi firmemente orientada a nunca mais pedir um dólar por um luxo tão inútil.

Em sua revista, Anna aprendeu como poderia receber amostras grátis de catálogos, artigos e até mesmo um livro ocasionalmente. Encantada, ela pediu a uma amiga que escrevesse a carta de solicitação necessária. Em pouco tempo, ela começou a rever muitas correspondências. Quando um catálogo tinha algum roteiro impresso, Anna o retirava e praticava esforçadamente na areia.

Anna recebeu uma amostra de um pequeno jornal chamado *Comfort*. Após lê-lo, ela ficou ansiosa para se inscrever. Ela sabia que não fazia sentido pedir à mãe o preço da assinatura de 25 centavos, por isso o ganhou com trabalho extra na colheita de algodão.

Em certa edição da *Comfort*, Anna encontrou um aviso que parecia atender exatamente às suas necessidades. Ela copiou literalmente, exceto substituindo seu próprio nome. Seu pedido dizia: “Alguns dos primos [leitores], por favor, me enviem algum material de leitura interessante? Gostaria de me corresponder com pessoas da minha idade.” A caixa de correios ficou cheia: Anna recebeu 40 respostas.

Edith Embree, uma jovem adventista do sétimo dia, atendeu ao pedido de Anna. Ela fazia parte do Grupo de Correspondência de Literatura Juvenil. O Espírito Santo permitiu que a Srta. Embree visse na mensagem de Anna uma oportunidade de levar alguém a Cristo. Ela trabalhou para a Sinais dos Tempos e enviou a Anna cópias desse diário, bem como vários outros folhetos e livros doutrinários. Durante um período, Edith não enviou apenas publicações, mas também escreveu cartas, pedindo a Anna que respondesse a certos artigos, o que a deixou muito feliz.

Após Anna ter lido tais publicações adventistas do sétimo dia e se correspondido com Edith Embree por cerca de seis meses, ela decidiu que deveria viver de acordo com as verdades encontradas nos jornais. Ela não fazia ideia alguma do grupo que publicou os materiais que ela estava lendo. Visto que os ensinamentos eram da Bíblia, ela obedeceu.

Anna começou a observar o sábado do sétimo dia, pois é isso que a Bíblia ensina. Quando ela explicou à família que agora estava descansando no sétimo dia, e não no primeiro, eles ficaram muito chateados. Eles suspeitavam que muita leitura e estudo estavam a deixando “louca”.

Anna tinha uma forma de poupança. Ela e o irmão, como resultado de muito trabalho duro, possuíam um fardo de algodão. Anna usou os lucros de sua metade para se mudar para Chattanooga e estudar mais.

Pode parecer estranho que ela tenha viajado do Mississippi ao Tennessee para aprender. No entanto, as igrejas e membros adventistas do sétimo dia eram poucos e estavam amplamente espalhados no Sul no final do século passado. Não existiam associações; toda a área dos estados do sul era designada naquela época como “campo missionário” pela denominação.

Srta. Embree ajudou Anna a fazer contato com uma amorosa família adventista do sétimo dia com quem ela poderia ficar. O jovem convertida recebeu boa instrução e foi batizada como adventista do sétimo dia enquanto estava em Chattanooga.

Entusiasmada com seu compromisso de seguir a Cristo, Anna voltou para casa, no Mississippi. As dificuldades

logo vieram. Por um lado, como Anna gostava de guiar o arado pelas fileiras, durante anos a família dependeu dela para arar. Agora, acreditando que era errado arar no sábado, Anna implorou para poder trabalhar no domingo. Ela tentou argumentar com a mãe, explicando por que sua consciência não lhe permitia trabalhar no sábado. Não saber ler parecia aumentar a frustração da Sra. Knight. Como era uma mulher de temperamento forte, ela ficou furiosa. Ela insistiu que era a mãe de Anna e que a menina não poderia ensinar a mãe. Anna teria que desistir dessa tolice de sábado em lugar do domingo ou sair de casa.

Anna tomou a dolorosa decisão de sair de casa. Amigos em Chattanooga a ajudaram com as despesas para que ela estudasse na *Mount Vernon Academy*, em Ohio, por um ano letivo. Foi o momento certo de sair de casa e apreciar a oportunidade de estudar.

No ano seguinte, Anna descobriu que era possível frequentar a nova escola industrial em Battle Creek, Michigan, a antecessora do *Battle Creek College*. Além de trabalhar duro, ela exibiu uma fé forte e um tremendo espírito de vitalidade. Em 1898, Anna Knight se formou no *Battle Creek College*, e se preparou para ser enfermeira missionária.

J. H. Kellogg, diretor do Sanatório de Battle Creek (que estava intimamente associado ao colégio), incentivou a classe de Anna a se voluntariar para o trabalho missionário autossustentável. Aceitando este chamado, Anna decidiu que nenhum outro campo missionário tinha tanta necessidade de seu ministério quanto seu condado natal, no Mississippi.

Quando voltou da faculdade para casa, Anna ficou muito aliviada ao descobrir que o mal-estar da família em relação à sua fé religiosa desapareceu. Seus parentes a receberam com alegria e estavam dispostos a ajudar a criar a escola que Anna considerava uma necessidade para o condado de Jasper. A escola ficava em uma cabana de madeira em ruínas. Anna ensinava por um dólar por semana, mais trabalho que os pais e filhos podiam fornecer em horários extras.

À medida que a escola progredia admiravelmente, o antigo prédio que a abrigava pegou fogo. Anna não se intimidou com esta calamidade e saiu pela fé novamente para organizar a construção de um novo edifício.

Srta. Knight plantou quatro acres de algodão, os lucros foram para a construção. Um amigo solicitou 50 dólares em Ohio. Pediu aos clientes e vizinhos amigáveis que contribuíssem com dinheiro ou trabalho. Todos prometeram fazer o que pudessem. O edifício, quando concluído, era tão esplêndido que pessoas de 120 quilômetros de distância vinham para vê-lo.

Srta. Knight ensinou 24 alunos em oito séries, uma tarefa nada fácil para uma professora do segundo ano. No entanto, ela não via seu chamado limitado aos deveres pedagógicos. Anna organizou duas aulas no domingo como divulgação, uma no prédio de sua escola e a outra a oito quilômetros de distância. Após as aulas de religião, ela ensinava os adultos a ler, escrever e calcular, como cozinhar e conservar alimentos com métodos saudáveis, e como viver de acordo com os princípios da temperança. Ela colocou o treinamento pedagógico para a obra médica missionária em uso.

O trabalho da Anna na causa da temperança despertou a ira de alguns “alambiqueiros” locais a tal ponto que vieram à escola para brigar. Após brigarem com os parentes de Anna, os cervejeiros perceberam não terem vantagem e foram embora.

A fama das destemidas atividades missionárias da senhorita Knight se espalhou muito além do condado de Jasper. Em maio de 1901, Anna ficou surpresa ao receber do Dr. J. H. Kellogg um convite para servir como delegada na Sessão da Associação Geral a ser realizada em Battle Creek. Ele ficou satisfeito por uma ex-aluna ter aceitado seu desafio de organizar o trabalho missionário autossustentável e pensou que ela poderia representar de forma articulada o trabalho médico missionário e autossustentável dos graduados de Battle Creek.

Aos 27 anos de idade, a jovem camponesa do Mississippi apresentou um bom relatório na Sessão da Associação Geral sobre os seus dois anos de trabalho missionário. Ela fundou uma escola para 24 alunos e construiu uma escola confortável e organizada, livre de dívidas, dirigia duas escolas dominicais, dava inúmeras palestras sobre saúde e temperança, e regularmente fornece tratamento simples para os enfermos. Quando elogiada por tais conquistas impressionantes, ela respondia humildemente: “A Deus seja a glória”.

Enquanto participava da Conferência Geral, a Srta. Knight ouviu algumas enfermeiras discutindo a necessidade crítica de pessoas com sua profissão na Índia. Anna lembrou que anos antes sentiu um chamado para ajudar as mulheres da Índia. Após buscar a orientação de Deus, ela disse que se a Associação Geral enviasse uma equipe de marido e mulher para continuar o trabalho que ela iniciou no Mississippi, pois considerava o trabalho muito pesado para uma pessoa, ela serviria na Índia.

Uma de suas melhores amigas, Sra. Atwood, e seu esposo concordaram em administrar a escola no Mississippi; então Srta. Knight foi uma das sete missionárias enviadas à Índia.

Sua primeira missão foi na Escola de Treinamento Karmatar. Ela ensinava Bíblia e inglês, cuidava das contas da missão, ocasionalmente cortava furúnculos e extraía dentes, e supervisionava a plantação. Anna Knight fez história, pois foi a primeira missionária negra enviada dos Estados Unidos para a Índia (*Extraído de H. D. Singleton, “Vanguard of Torchbearers”, The North American Informant XXII. Março-abril de 1968:1-2*).

Seu maior desafio em Karmatar não foi acadêmico nem médico, mas o manejo da plantação. Embora a agricultura fosse um assunto sobre o qual Anna Knight sabia muito, quando ela tentou mostrar aos seus ajudantes como preparar o solo para o plantio, eles hesitaram. Eles batiam o pé que não poderia ser feito daquela forma na Índia, afinal, eles também eram experientes.

Um projeto importante foi o plantio de mudas de batata-doce. Devido à sua experiência agrícola no Sul, Anna sabia que a batata-doce não cresceria no solo duro da missão. Ela, então, levou os trabalhadores até o rio, abastecidos com sacos de aniagem e a carroça de bois para trazerem areia para o jardim. Além da areia, ela os instruiu a adicionar esterco de curral ao solo. Após misturarem esses componentes com uma enxada, os trabalhadores foram convidados a cavar uma vala. Até este ponto, Srta. Knight conseguiu recrutar os aldeões designados para participarem nesse árduo trabalho, embora com dura oposição.

Contudo, quando o diretor do jardim se lembrou de ter visto um arado americano no celeiro e disse a um trabalhador para ir buscá-lo, os trabalhadores protestaram abertamente.

“Talvez funcione bem nos Estados Unidos, mas não na Índia”, insistiu um aldeão. Então a senhorita Knight pediu que lhe trouxessem o arado, e, aproveitando seus anos no Mississippi, atrelou os bois ao arado e ela mesma pegou no cabo da enxada. Trabalhando tão duro como sempre trabalhou em sua vida, ela conseguiu preparar fileiras adequadas e plantar mudas de batata-doce nelas, persistindo mesmo na chuva até terminar. Ela ficou tão exausta que depois do banho e do jantar desmaiou e ficou fraca por vários dias.

Usando duas meninas como muletas, a missionária determinada mancou até uma cadeira onde supervisionava os meninos da escola enquanto eles plantavam tomates, couve-flor, nabos e beterrabas. Em pouco tempo houve uma colheita de vegetais como nunca vista em Karmatar. Os trabalhadores da aldeia espalharam a notícia de que a própria missionária trabalhou no estranho arado americano e fez maravilhas.

Obviamente o objetivo de criar uma plantação bem-sucedida e de estar lá era apresentar aos alunos as alegrias do reino dos céus. Srta. Knight desejava apresentar para eles a vida futura e, ao mesmo tempo, prepará-los para compartilhar as boas novas da salvação com outros. Anna ficou muito feliz quando viu as meninas se interessarem profundamente pelas aulas bíblicas e pelas técnicas de enfermagem que ela lhes ensinava. Os meninos, que já haviam causado alguns problemas antes, comportavam-se melhor quando totalmente ocupados no trabalho manual sob a orientação de Anna, cavando buracos para novas árvores frutíferas.

Também havia um trabalho importante fora do campus. Um dia, Srta. Knight e Srta. White, outra funcionária, viajavam da escola para uma aldeia vizinha para visitar uma mulher doente. No caminho, as pessoas corriam para cumprimentá-las com profundas reverências, clamando aos missionários a ajudarem seus amigos doentes. Anna Knight sabia do seu chamado e ficou feliz em ajudar. Ela desejava muito ter mais trabalhadores e mais poder do Espírito.

Na escola, a Srta. Knight começou a receber ofertas na Escola Sabatina. Ela ficou encantada ao ver que as crianças aceitaram a ideia com alegria. Evidente que os mais novos não tinham rendimentos. Para corrigir esta situação, Anna Knight enviou os cinco alunos mais jovens para recolher estrume para colocar debaixo das novas árvores. Eles receberam uma peça cada. Assim, eles tinham renda para dar ao Senhor. Um garotinho gritou entusiasmado: “Ganharemos cem peças” (*Anna Knight, “Karmatar Training-School,” Eastern Tidings. março de 1904:10–11*).

Anna acreditava firmemente na admoestação: “Ensine a criança no caminho em que deve andar” (Pv 22:6). Primeiro no Mississippi, e agora na Índia, ela aceitou tamanha responsabilidade. Ela ficou encarregada de treinar trabalhadores indianos para ministrarem ao seu próprio povo.

Pessoas da comunidade vieram ao campus para ministério espiritual. Certa noite de sábado, cinco adoráveis mulheres bengalis compareceram ao culto. Um estudante leu um capítulo da Bíblia em bengali; orações foram oferecidas na língua nativa e também em inglês. No final do culto, as visitantes agradeceram. Elas prometeram voltar e insistiram para que Ana e outros a visitassem, para cantar e falar de Jesus.

“O que mais poderíamos querer?” perguntou Anna. Seu antigo sonho de ministrar às mulheres da Índia se tornou realidade (*Anna Knight, “Karmatar,” Eastern Tidings. Novembro de 1904:42–43*).

Srta. Knight ajudava seus alunos de outras maneiras além de seu trabalho formal de ensino, por mais importante que fosse. Ela queria que os alunos aprendessem meios de ganhar o pão, sabendo mais do que ninguém a importância de poder trabalhar na escola. Ela providenciou a transferência da *Watchman Press* para Karmatar, permitindo que vários jovens frequentassem a escola que de outra forma não teriam tido a oportunidade.

Durante vários verões, a Srta. Knight trabalhou em Simla, uma comunidade turística, realizando reuniões, dirigindo estudos bíblicos, ministrando tratamentos e dando aulas.

No início de 1906, a Srta. Knight e uma companheira, a Srta. Haegert, vendiam livros cristãos em Rajputana, onde os adventistas não ministravam há anos. As dificuldades incluíam insolação, períodos desconfortáveis sem comida e água e risco de assaltos. Em meio a tais tempestades, a lâmpada da fé de Anna não tremia nem um pouco. “Existem algumas nuvens e lugares áridos, com certeza,” reconheceu ela, “mas meu lema é: ‘Estar ao lado da vitória’, não verei a escuridão, pois sabemos que esta verdade triunfará, e quero triunfar com ela!” (*From Anna Knight, “A Word from the Out Posts,” Eastern Tidings, fevereiro de 1906:2–3, ênfase no original*).

Enquanto isso, histórias tristes chegaram do Mississippi em relação à escola que ela fundou. Os alambiqueiros, descobriu ela com tristeza, causaram mais problemas quando os novos professores chegaram. Os inimigos da escola chegaram ao extremismo de incendiar o prédio. A escola fechou. A obra no condado de Jasper parecia perdida.

Anna escreveu implorando à liderança da Associação Geral que enviasse alguém ao Mississippi para ensinar o seu povo. Ela acrescentou que, se ninguém fosse, gostaria de obter uma licença para reconstruir ela mesma a obra.

Após meses de espera e oração, Anna recebeu uma carta dizendo ter conseguido uma licença para voltar para casa e tentar retomar a obra do interrompida pela violência no Mississippi. Ela partiu, com o povo do Mississippi

e da Índia em seu coração. Ela deixou sua bicicleta de confiança e outros pertences na Índia para usar quando retornasse.

Chegando no Mississippi, Anna Knight foi recebida como uma celebridade. A construção de um novo prédio escolar já havia começado em virtude do retorno dela.

No seu primeiro domingo de regresso à comunidade, Anna e os seus apoiantes convocaram uma reunião no novo edifício. Muitas pessoas compareceram. Alguns alambiqueiros, embora tivessem ajudado a incendiar a escola que a Srta. Knight construiu, então se sentaram na congregação ou ficaram do lado de fora para ouvir. A missionária que retornou contou histórias emocionantes de suas experiências dramáticas em lugar distante.

Anna Knight então mudou de assunto e falou, não como uma viajante do mundo, mas como uma garota de sua cidade natal. Ela lembrou a seus ouvintes que nenhum deles sabia ler ou escrever até que ela, e depois dela os Atwood, lhes ensinasse. Ela desafiou a comunidade reunida a cooperar em direção a um futuro ainda mais brilhante.

A organizadora da escola estabeleceu um programa forte e específico, incluindo a compra de livros escolares para cada criança e a assinatura do Nosso Amiguinho e do Instrutor Juvenil para a leitura das crianças. A senhorita Knight estabeleceu as regras da escola: nada de carteados, bailes ou outras formas recreativas impróprias. A frequência escolar deveria ser regular. Se apoiassem o programa, Anna disse aos seus ouvintes que se dedicaria totalmente a liderança. Quando ela pediu que se levantasse quem cooperaria no projeto proposto, todos os patrocinadores, e muitos outros, se levantaram. A obra adventista do sétimo dia no condado de Jasper reviveu.

No dia seguinte, a escola começou a funcionar com 22 alunos. A construção do prédio continuou após o horário escolar.

Nos fins de semana, Anna conduzia reuniões religiosas dominicais em dois locais, como fazia antes de partir para a Índia. Todavia, muitas pessoas preferiram se reunir na tarde de sábado, em vez de domingo. Quando o presidente da associação visitou o local seis meses depois, ele encontrou nove candidatos prontos para o batismo. Dentre eles estavam a mãe de Anna, duas de suas irmãs, outros parentes e membros da comunidade.

Durante o recesso escolar de verão, a associação designou a Srta. Knight para visitar igrejas e empresas de crentes. Ela ensinou lições bíblicas e preparou pessoas interessadas para o batismo. Numa reunião de trabalhadores em Vicksburg, com a presença de trabalhadores negros e brancos, ela deu palestras sobre a obra missionária.

Anna Knight se deparou com uma decisão angustiante: se contribuiria mais regressando à Índia ou permanecendo no Sul. Alguns conselheiros não consideraram uma escolha difícil. Anna repetidamente ouvia um de seus colegas dizer algo como: “Se eu tivesse escolha, não deixaria você voltar para a Índia. Precisamos de você aqui. Que brancos vão para a Índia! Fique aqui e trabalhe conosco.” Os obreiros para os negros eram escassos. Poucos receberam treinamento ou preparação adequados.

Anna ficou intrigada. Ela estava diante de duas grandes necessidades. No entanto, ela era uma pessoa só. Felizmente, ela usou um critério nesse período de incerteza sobre a vontade de Deus para sua vida. Ela escreveu: “Embora fosse evidente que obra para com os negros nos Estados Unidos realmente precisava de obreiros, as necessidades da Índia me pareciam maiores. No entanto, orei e trabalhei” (*Extraído de Knight, Mississippi Girl, p. 168, ênfase acrescida*).

Não foi a primeira vez que Anna Knight achou melhor orar em busca de sabedoria, e, enquanto esperava a resposta de Deus, continuava com a vida. O impasse acabou sendo resolvido, para a glória de Deus e para a alegria de Anna.

Srta. Knight recebeu um convite inesperado da União Sudeste para ajudar a desenvolver um novo sanatório para negros em Atlanta, em 1910, quando achando que voltaria para a Índia. Ainda ansiando por conhecer a vontade de Deus, Anna levou a carta de convocação para o seu quarto e estendeu-a diante do Senhor, como o rei Ezequias fez com uma carta que lhe causou grande preocupação. Após orar fervorosamente, ela decidiu descobrir quem a convidou. Se fossem pessoas que não soubessem sobre seu compromisso com a Índia ou não valorizavam seu trabalho lá, ela não aceitaria o chamado. No entanto, se este convite lhe tivesse sido transmitido por alguns dos líderes da Associação Geral que conhecia o seu trabalho dedicado, tanto no país como no estrangeiro, a sua orientação seria significativa. Ela escreveu perguntando quem foi. Enquanto esperava uma resposta, ela orava e continuava trabalhando.

A carta de resposta mencionou líderes que conheciam e valorizaram seu serviço de missão no exterior e agora aprovaram o chamado dela para Atlanta. Um cheque para a mudança veio junto. Anna recebeu o sinal que pediu. Logo ela recebeu uma carta da liderança da igreja solicitando que fundasse uma obra especial para os negros em Atlanta. Encontrar pessoas treinadas para liderar no projeto pareceu quase impossível. Os líderes da igreja concluíram que a vaga na Índia poderia ser preenchida com mais facilidade. Após orar mais uma vez, a Srta. Knight enviou uma mensagem informando que aceitaria o chamado para Atlanta.

Em poucos dias, ela já estava lá.

Como resultado de seus dois anos de trabalho durante a licença, Anna deixou um pequeno grupo de observadores do sábado no condado de Jasper. Inicialmente, alguns desses convertidos se opuseram fortemente à guarda do sábado.

Quando Anna chegou a Atlanta esperando trabalhar no novo centro médico, ela se deparou com o sanatório em um estado embrionário: nada mais do que uma casa inacabada e sem mobília. Além disso, ninguém parecia saber onde a Srta. Knight iria morar enquanto organizava o novo centro.

Tendo sido uma missionária autônoma durante grande parte de sua vida, Anna não tinha reservas financeiras. Exatamente como ou onde ela iria morar naquele momento, ela não fazia ideia. Em vista disso, ela orou durante crise, como em outras ocasiões. Ela decidiu dormir em uma sala vazia do sanatório. A desbravadora encontrou alguns móveis usados, limpou-os bem e mudou-se.

Pouco antes da chegada da Srta. Knight, os vizinhos circularam uma petição e obtiveram uma liminar contra o funcionamento de um sanatório na casa que os adventistas conseguiram. Demorou a derrubar a liminar. Enquanto isso, ela ficou responsável em ministrar estudos bíblicos na região. Ela também foi convidada por vários grupos para contar sua obra na Índia. Isto ajudou a quebrar o preconceito em relação aos adventistas do sétimo dia.

Quando um vizinho doente não respondeu aos esforços de seu médico, Anna pediu permissão para administrar tratamentos de água. Como o médico não sabia o que fazer, ele consentiu. Em alguns dias, o paciente estava sentado, e, mais algum tempo, se recuperou completamente. Relacionamentos favoráveis com várias pessoas na comunidade deram resultado.

Anna esperava economizar dinheiro suficiente para comprar um casaco quando chegasse o inverno, porque Atlanta é mais fria do que o Mississippi. Enquanto isso, ela aceitou a presidência do conselho da escola de dois professores em Atlanta. Por causa da própria experiência de Srta. Knight com uma escola em dificuldades, ela era uma ouvinte simpática, pois os problemas da escola lhes eram direcionados.

A sala maior precisava de várias mesas imediatamente para acomodar os alunos. Um fogão mais adequado era necessário para aquecer a sala corretamente. A associação forneceria o equipamento? Srta. Knight fez o requerimento.

Foi -lhe dito que, por ser uma escola missionária, a associação já pagava 50% do salário dos professores;

administração da associação achou que não poderia fazer mais do que isso. Em seguida, Anna solicitou permissão para comprar o equipamento tão necessário no plano de parcelamento e fazer pagamentos a partir das mensalidades. Este plano foi aprovado.

Em um ato de sacrifício, a presidente do conselho usou suas economias, destinada a um casaco de inverno, enquanto se virava com o pagamento do fogão e das mesas da escola. Alguns membros do conselho, embora felizes em ver o fogão e as mesas no lugar, ficaram apreensivos com a dívida. Anna garantiu que o Senhor, que abriu a porta para garantir o equipamento necessário para operar a escola, impressionaria os responsáveis em pagar suas mensalidades; e aconteceu exatamente assim.

No entanto, a recém-chegada do Mississippi não tinha fundos para comprar um casaco de inverno para se proteger no inverno pesado de Atlanta.

Várias semanas depois, ao responder cartas, Anna encontrou uma que recebeu de sua amiga Edith Embree Runnels (Edith Embree foi a jovem que escreveu a Anna e enviou sua literatura em resposta ao anúncio na pequena revista *Comfort*). Ao longo dos anos, Anna manteve contato com essa amiga que a influenciou em sua conversão. Então Anna escreveu a Edith uma longa carta descrevendo o trabalho em Atlanta. Ela mencionou a compra do material escolar em crédito, usando o dinheiro do casaco para adiantamento no fogão de aquecimento e nas mesas da escola. Ela contou como estava feliz por ter economizado o dinheiro na hora certa para promover a obra de Deus.

Edith Runnels leu a carta à Sociedade Voluntária Missionária em sua igreja. Os membros da sociedade decidiram arrecadar dinheiro para substituir o casaco. Em dado momento, alguém que conheceu Anna no *Battle Creek College* disse que tinha um casaco para doar. Foi assim que a senhorita Knight recebeu o casaco e o dinheiro. O belo casaco preto de pano largo, bem construído e quase novo, era melhor do que qualquer coisa que Anna teria comprado para si mesma. Ela o usou com muita alegria.

O dinheiro enviado pela Sociedade Voluntária Missionária foi suficiente para pagar a dívida do fogão da sala de aula. “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, tudo aquilo de que vocês precisam,” lembrou Anna. A partir de então, em Filipenses 4:19, passou a ser um de seus versos favoritos da Bíblia.

Outra inquietação da Srta. Knight era que, embora houvesse uma associação cristã de moços para os negros em Atlanta, não havia instituição correspondente para mulheres; então ela decidiu fazer algo a respeito. Ela pediu às representantes que se encontrassem com ela para montar uma Associação Cristã de Moças locais para as negras. Mulheres de diversas denominações trabalharam juntas para realizar essa conquista significativa.

A nova YWCA realizou reuniões grandes para apresentar verdades sobre saúde, temperança, castidade e higiene pessoal. Ministrou-se aulas de primeiros socorros e enfermagem. A sede nacional da YWCA elogiou o trabalho que estava sendo realizado, mas não afiliou o grupo de Atlanta naquele momento por causa de seus fortes laços com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Srta. Knight se ofereceu para renunciar como secretária, mas o grupo preferia continuar operando como uma unidade local independente sob sua liderança.

Além de seus outros trabalhos, Srta. Knight conduzia uma média de 500 estudos bíblicos por ano. Durante o ano anterior, ela trabalhou em Atlanta, pois muitos novos membros se decidiram através de seu ministério, como quando a igreja foi organizada.

Entre esses convertidos, que Anna Knight levou vários cidadãos importantes de Atlanta para o Senhor (*De uma conversa telefônica da escritora com o Élder H. D. Singleton, Wheaton, Maryland, 6 de dezembro de 1988*).

Além disso, por causa de seu exemplo de doação sacrificial, juntamente com a boa instrução bíblica que ela deu na mordomia, todos os anos, enquanto ela era líder do trabalho ali, o dízimo e as ofertas dobraram.

Devido à espiritualidade, capacidade e produtividade de Anna Knight, foi-lhe confiada maiores responsabilidades. Em 1913, ela foi chamada a servir como secretária missionária associada da União Sudeste. Esta unidade administrativa da igreja abrangia os estados da Carolina do Norte e do Sul, Geórgia e partes do Tennessee e da Flórida. Srta. Knight foi convidada a assumir a responsabilidade por supervisionar o trabalho em igrejas e escolas negras (*De Singleton, "Vanguard of Torchbearers", 1*). Como a liderança da união prometeu cooperar e apoiar, ela achou que valia a pena tentar.

Começando na igreja em Atlanta, ela organizou a membresia local para o ministério Leigo. Então ela percorreu diversas cidades em seu território: São Petersburgo, Charleston, Jacksonville, Chattanooga, Nashville, Birmingham. Em cada lugar, ela treinou e organizou os membros para o ministério.

Sem repousar e com trabalho extenuante, ela visitou voluntariamente cada escola da igreja em seu território para dar aos alunos o benefício de um exame físico anual.

Como parte de um relatório de rotina, Srta. Knight mencionou uma vez que, no decorrer de suas responsabilidades daquele ano, ela escreveu mais de 1500 longas cartas à mão. Os administradores ficaram impressionados. Pastor C. B. Stephenson, presidente da união, recomendou que cada associação ajudasse a comprar uma máquina de escrever para a Srta. Knight. Como resultado, as associações presentearam aquela incansável obreira com uma máquina de escrever portátil Corona. Começando devagar, ela gradualmente ficou habilidosa na datilografia. Depois disso, muitas cartas foram escritas no trem, enquanto a movimentada secretária missionária da casa estava a caminho de uma reunião.

Seu estilo de vida foi moldado por suas viagens. Ela planejava seu trabalho uma vez por mês e trabalhava em uma associação inteira antes de passar para outra. Sua vida itinerante aparentemente não a incomodava nem um pouco.

Apareciam cada vez mais responsabilidades para a Srta. Knight: missionária doméstica associada, educacional, voluntária e departamental da Escola Sabatina da União Sudeste. Ela não era chamada de ministra e não foi ordenada. Sua autorização ao longo dos anos era chamada de missionária licenciada e missionária credenciada. No entanto, qualquer homem que assumisse suas responsabilidades ano após ano certamente teria sido designado ministro e seria ordenado.

Após trabalhar alegremente e acumular muitas responsabilidades na União Sudeste por seis anos, em 17 de dezembro de 1919, o Comitê da Associação Geral concordou com a recomendação da União do Sul para Srta. Anna Knight liderar a missão local para as pessoas de cor naquele grande campo (*Extraído da Atas do Comitê da Associação Geral, 17 de dezembro de 1919, 11–12 p. 496*). Após solicitar sinceramente a orientação de Deus, ela escolheu aceitar esse desafio.



Anna Knight, com quase cem anos (1874–1972), fundou uma escola e uma igreja no Mississippi, viajou como a primeira missionária negra da América para a Índia e carregava pesadas responsabilidades departamentais em associações no sul.

*Foto usada com permissão da Review and Herald Publishing Association.*

Seu novo território incluía Kentucky, Louisiana, Mississippi, Alabama e as partes ocidentais da Flórida e Tennessee. Ela não ficava sentada no escritório, Srta. Knight viajava consistentemente entre igrejas e escolas de seu grande campo. "Para cuidar do trabalho de todos os três departamentos, trabalhando entre igrejas e escolas, ela praticamente morava no trem com suas malas na maior parte do tempo," lembrou o Pastor Singleton tempos depois; "No entanto, planejando minuciosamente seu trabalho, ela liderou com muita efetividade" (*Extraído de Harold R. Singleton, "Vanguard of Torchbearers," The North American Informant [março-abril, 1968], 2*).

Ela normalmente ficava de dois dias a uma semana em cada lugar, usando o tempo criteriosamente. Na área do ministério leigo, ela organizou equipes missionárias nos lares e fazia treinamentos aos finais de semana.

A maneira como Anna Knight integrou seu trabalho com o dos funcionários da associação local é impressionante. Ao completar seu roteiro em um campo, ela sempre se reportava à liderança local em pessoa, se possível; caso contrário, por escrito. Ao cooperar de perto com muitos líderes e com Deus, ela gerou resultados impressionantes.

Em 1932, as Uniões Sul e Sudeste se fundiram para se tornar a atual União Sul. Srta. Anna Knight foi convidada a ser a secretária assistente da educação, dos missionários voluntários jovens e dos departamentos missionários para os negros da recém formada União Sul.

Cuidar de três departamentos para o povo negro de todo o sul foi um desafio tremendo. Mas por causa de sua longa e exigente preparação, ela não foi intimidada pelo peso de suas responsabilidades cada vez maiores. Muito

antes, ela aprendeu a se apoiar no Senhor.

Educação foi extremamente importante nos valores de Anna Knight. O número de escolas fundadas durante sua liderança nunca foi superado (*De H. D. Singleton em uma conversa telefônica com a escritora, 6 de dezembro de 1988*).

Como oradora, Anna Knight era conhecida por ter um discurso forte. Ela estudava um texto e desenvolvia uma mensagem edificante. As pessoas vinham ouvir o que ela tinha a dizer. Eles confiavam na franqueza dela, pois ela “dizia as coisas como elas eram.” As histórias de sua estadia na Índia encantavam a todos.

Grande parte do trabalho de Anna Knight era público, mas ela também teve um grande interesse em indivíduos. Um jovem que ela carregou sob suas asas, incentivou e ajudou a conseguir uma bolsa, mais tarde se tornou conhecido como o Pastor H. D. Singleton, da Associação Geral.

Srta. Knight, sabendo que ela teve uma oportunidade muito maior do que o jovem de se locomover e conhecer pessoas, até procurou uma esposa para o pastor Singleton. Feliz com a recomendação de sua mentora, o pastor convidou a jovem escolhida para lecionar na escola em seu distrito. Eles se casaram e abençoaram a Srta. Knight por apresentá-los enquanto se dedicavam à obra do Senhor juntos.

Quando a estrutura organizacional da igreja no sul foi alterada em 1945 para criar associações negras, o departamento de cor no nível da União, no qual Anna Knight havia trabalhado por 13 anos, foi automaticamente encerrado. Embora tenha sido convidada a ser departamental em uma das associações locais, ela preferiu se aposentar, aos 70 anos de idade. No entanto, ela concordou em assumir temporariamente a responsabilidade em duas das novas associações até que seus sucessores assumissem. Dessa forma, ela continuou na Associação Atlântico Sul até março de 1946 e na Associação Central do Sul até novembro daquele ano.

Na aposentadoria, Anna Knight morou no *Oakwood College*. Lá, ela influenciou ainda outra geração de novos líderes adventistas.

Durante o último ano de sua vida, aos 98 anos, recebeu o Prêmio Medalhão de Mérito do Departamento de Educação da Associação Geral em 17 de novembro de 1971. Naquela época, apenas 12 prêmios foram concedidos (*De L. A. Paschal, “Woman Approaching 100th Birthday Given Merit Award,” Review and Herald [15 de junho de 1972]: 22*).

No ano seguinte, em 3 de junho, faleceu essa grande missionária pioneira. Ela deixou para trás um recorde surpreendente. A garota da roça do Mississippi emergiu da pobreza e analfabetismo para se tornar uma força poderosa para o progresso. Dedicando cedo sua vida a Cristo, ela viveu seguindo seus princípios através de seus quase cem anos. Às vezes, ela teve que tomar decisões difíceis, sem saber qual opção escolher. Naqueles momentos, ela escolheu “orar e trabalhar” até que Deus lhe mostrasse claramente o próximo passo.

Ela alcançou metas surreais em sua juventude. Anna Knight realizou mais de 9.000 reuniões e viajou equivalente a 23 voltas ao redor do mundo (*Knight, Mississippi Girl, p.223. [Ver o Apêndice A, 4.] 1*), sem contar sua obra na Índia. “Escrevi 48.918 cartas missionárias,” descobriu ela ao totalizar os relatórios mensais de uma vida. Foram registradas 11.744 visitas missionárias.

Pessoas que ela trouxe a Cristo, estudantes educados nas escolas estabelecidas sob sua orientação, e homens e mulheres que a ouviram falar ainda apreciam com carinho a memória dessa notável serva de Deus e líder da humanidade. Particularmente, para muitos nativos na Índia e para centenas de pessoas negras no sul, Anna Knight demonstrou a diferença que uma verdadeira cristã comprometida e consagrada pode fazer.

Tocada com o desejo de apresentar o evangelho ao povo, a senhorita Weiss conseguiu uma tenda, e, com a ajuda de dois homens, ergueu-a na fazenda de C. A. Straw, onde centenas se reuniram para ouvi-la.

—Hazleton, Pensilvânia, artigo de jornal, 1927

**Evangelista e Professora de Ministros**  
**Jessie Weiss Curtis: 1881 a 1972**  
**Ministra licenciada 1945 a 1972**

Algo incomum ocorreu no país perto da cidade de Drums, Pensilvânia, durante o verão de 1927. Uma grande tenda foi erguida em um campo, e o que aconteceu ali atraiu muita atenção.

Um repórter contabilizou 110 automóveis estacionados nos campos ao redor da tenda em certa noite e verificou que os presentes vinham de um raio de 36 quilômetros. Em um artigo intitulado “Garota de Kingston Realizando Reuniões perto de Drums,” o repórter explicou o que tanto atraía os proprietários desses muitos automóveis: “Tocada com o desejo de apresentar o evangelho ao povo, a senhorita Weiss conseguiu uma tenda, e, com a ajuda de dois homens, ergueu-a na fazenda de C. A. Straw, onde centenas se reuniram para ouvi-la.” Noite após noite, as multidões chegaram a tempo de participar do serviço de música congregacional dos velhos tempos e ficaram até que o sermão terminasse.

“Com a habilidade de um clérigo de longos anos de experiência,” afirmou o artigo, “Srta. Weiss declara que ela não ensinará nenhuma doutrina que não esteja fundamentada na Palavra de Deus. O repertório de sermões dela abrange uma ampla variedade” (*De “Kingston Girl Holding Services Near Drums,” artigo em um jornal de Hazleton, Pensilvânia 1927 [Ver Apêndice A, 5.1]*).

Na conclusão de sua primeira série evangelística, Jessie Weiss apresentou 80 convertidos prontos para o batismo. Assim nasceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Drums, na Pensilvânia. Sr. Straw, o fazendeiro, doou a terra em que a tenda foi erguida, e, nela, foi construída uma bela igreja. Jessie Weiss e seu irmão contribuíram com os belos vitrais de âmbar.

Como essa mulher, filha de um comerciante proeminente em Wilkes-Barr, senda ela mesma uma empresária de sucesso, foi parar no evangelismo?

Jessie Weiss nasceu em 30 de dezembro de 1881, em Larksville, Pensilvânia. Ela tinha uma irmã, Olive, e um irmão, Homer. Seu pai era um comerciante próspero e sua mãe uma dona de casa. Enquanto Jessie crescia em Wilkes-Barre, dois colportores adventistas do sétimo dia visitaram a família. Vendendo livros para ganhar a vida, esses homens estavam ainda mais ansiosos para ganhar almas pelo reino dos céus. Em uma casa, a mulher que eles conheceram não comprou seus livros, mas sugeriu que eles visitassem sua prima, Catherine Weiss, porque ela poderia se interessar. A mãe de Jessie ouviu atentamente a apresentação dos colportores e comprou os livros deles. Posteriormente, ela lhes proporcionou espaço e quarto quando os adventistas realizaram reuniões de tenda em Wilkes-Barre. Catherine Weiss se tornou a primeira adventista do sétimo dia em Wilkes-Barre, Pensilvânia (*De Jack e Joan Davis, entrevista com a autora na casa de Davis em Monrovia, Maryland, 24 de agosto de 1984. [Ver apêndice A, 5.2] As citações deste capítulo não creditadas de outra forma são baseadas em uma transcrição desta entrevista*).



Jessie Weiss, a evangelista, ao lado da tenda em que conduziu seu primeiro esforço perto de Drums, Pensilvânia, em 1927. Oitenta pessoas foram batizadas.



Equipe evangelística que ajudou Jessie Weiss nas reuniões em Drums.

*Fotos cortesia de Jack e Joan Davis.*

Jessie Weiss, como Helen Stanton Williams (capítulo 1) e Anna Knight (capítulo 4) se prepararam para o ministério no *Battle Creek College*. Aos 14 anos, Jessie foi a estudante mais jovem a ser aceita na faculdade, segundo sua família. Sem dúvida, sua mente brilhante e zelo sincero contribuíram para sua admissão antecipada. Após começar a faculdade, Jessie mudou seu currículo de enfermagem para o curso preparatório de alunos para se tornarem ministros e obreiros bíblicos.

Quando concluiu sua graduação, Jessie retornou à Pensilvânia. Para se sustentar, ela entrou no ramo de vitrais com seu irmão, Homer. Ele e sua esposa, Vanetta, assim como sua irmã, Olive, e o marido de Olive, John Davis, eram todos adventistas. John se tornou gerente de negócios da *Review and Herald Publishing Association* em Battle Creek em 1893. Weiss, o pai de Jessie, tornou-se adventista do sétimo dia no final da vida.

Jessie Weiss era uma empresária de sucesso, mas seu coração estava no evangelismo. Toda vez que um pregador adventista do sétimo dia era enviado para as reuniões a fim de realizar reuniões evangelísticas Jessie se oferecia para dar estudos bíblicos a pessoas interessadas. Ela ajudou o Pastor H. M. J. Richards e outros evangelistas

estabelecidos. Desta forma, ela acrescentou experiência prática ao seu aprendizado bíblico na faculdade.

Após um tempo, Jessie Weiss se sentiu chamada pelo Senhor para realizar uma série de reuniões evangelísticas. Naturalmente, ela pediu uma tenda, e os administradores da Associação Pensilvânia Leste atendeu seu pedido. Ela se responsabilizou com outras despesas. Ela pediu ao sobrinho, Jack Davis, um cantor talentoso, que assumisse a responsabilidade pela música e providenciou duas enfermeiras para ajudá-la a apresentar a mensagem de saúde. Jessie preparou e apresentou os sermões noturnos.

Embora o artigo de jornal relatando as reuniões a chamou de “Garota de Kingston Realizando Reuniões perto de Drums,” Jessie Weiss já tinha 45 anos de idade naquela época. Com tanta vitalidade e entusiasmo, ela parecia uma “garotinha”.

Enquanto ela orava e trabalhava, Deus abençoava seu esforço de forma incrível. Certa noite, enquanto se preparava para pregar, Jessie descobriu que um marido e uma esposa judeus estavam na congregação. O que ela deveria fazer? Rapidamente ela pediu sabedoria ao Senhor.

Jessie desejava dizer algo para convencer aquele belo casal da messianidade de Cristo.

Ela decidiu mudar o sermão e pregar sobre a profecia das “setenta semanas” de Daniel 9. Para seus ouvintes interessados, Jessie Weiss demonstrou que Daniel, um profeta hebreu do Antigo Testamento, predisse que o Messias seria “cortado” na época em que Cristo foi, de fato, crucificado (Dn 9:26–27).

As orações de Jessie foram respondidas quando o casal judeu se converteu ao cristianismo e se juntou à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os novos convertidos, Jay e Trudie Hoffman, mais tarde se tornaram conhecidos por seu trabalho com o povo judeu. Hoffman’s dirigiram o Centro de Evangelismo da Times Square na cidade de Nova York por 20 anos.

Segundo o Pastor Hoffman, Jessie Weiss era uma pregadora dinâmica. Ele e sua esposa, Trudie, foram batizados juntos como parte da igreja de Drums que Jessie Weiss fundou (*De uma carta ao autor de J. M. Hoffman, Valley Center, Califórnia, 4 de outubro de 1985. Ver Apêndice A, 5.3*).

A certeza do chamado divino de Jessie ficou evidente pelos 80 adultos batizados como resultado dessas reuniões. Jessie, como Jesus, “não batizou” (João 4:2.); um ministro ordenado foi enviado para conduzir esse rito por seus convertidos.

Após os resultados excelentes em Drums, Jessie Weiss foi reconhecida como membro da equipe evangelística e ministerial da Associação Pensilvânia Leste. Ela conduziu muitas séries evangelísticas, geralmente em tendas, e fundou uma igreja após a outra no nordeste da Pensilvânia (*De “Curtis, Jessie Weiss”, autobiografia mimeografada*).

Jessie Weiss foi efetiva no púlpito antes de grandes grupos e uma excelente obreira também. Ela era compassiva e atenta às necessidades dos indivíduos.

Quando Sra. John Curtis ficou gravemente doente, Srta. Weiss fez amizade com ela. Antes de sua doença, Sra. Curtis e seu marido ajudaram a ministra nos evangelismos dela. Jessie e Sra. Curtis se tornaram boas amigas. Mais tarde, quando Sra. Curtis piorou, Srta. Weiss concedeu sua ternura.

Cercado pelo amor de seu marido, pastor e amigos, Sra. Curtis faleceu. Sr. Curtis apreciou a maneira como Jessie Weiss fez amizade com sua esposa durante sua doença terminal.

Após um período de espera respeitoso, John Curtis pediu a Jessie Weiss que se casasse com ele. Ela era muito atraente. O senso de humor de Jessie e seu equilíbrio atraíam as pessoas ao seu redor. Embora autodisciplinada,

ela também sabia como aproveitar a vida. Sra. Curtis se vestia elegantemente com seus casacos, vestidos e chapéus com excelente qualidade e bom gosto. Nos dias de cabelos compridos, as crianças da família ficaram fascinadas por vê-la escovar suas longas e sombrias madeixas que caíam quase no chão; depois, ela enrolava os cabelos em volta da cabeça. A aparência de Jessie se destacava em uma multidão. Além disso, ela era fisicamente forte e saudável.

Jessie pensou, orou, e, por fim, decidiu aceitar a proposta de John. Ela tinha então 50 anos de idade.

O casamento foi celebrado em 21 de março de 1932. Depois, Sr. Curtis forneceu uma empregada e um motorista para sua esposa ministra, que nunca aprendeu a dirigir um carro. Longe de se opor ao ministério de sua esposa, John Curtis, um empreiteiro adventista do sétimo dia de sucesso, incentivou mais do que ninguém a Jessie seguir o chamado dela.



Jessie Weiss, com as duas enfermeiras que palestraram sobre saúde na série evangelística em Drums.



Jessie Weiss Curtis, fundadora de igrejas no nordeste da Pensilvânia. Jovens ministros estagiaram sob sua orientação.

*Fotos cortesia de Jack e Joan Davis.*

Em Beaumont, Tunkhannock e Montrose, no nordeste da Pensilvânia, Jessie Weiss Curtis usava pelo Espírito Santo para aumentar as congregações. Ela pregava em tendas e ministrava diversos estudos bíblicos. Depois que os grupos foram formados, ela arrecadava dinheiro e supervisionava a construção de casas de adoração.

Sra. Curtis oficiou a primeira reunião trimestral e o serviço de comunhão realizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Tunkhannock em 10 de abril de 1943 (*De "Historical Sketch of Tunkhannock Seventh-day Adventist Church," no programa para os serviços de dedicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Tunkhannock em 11 de outubro de 1975*).

Joan Davis e seus pais aceitaram o adventismo através da pregação de Jessie Weiss Curtis na comunidade de Montrose. Sra. Davis enfatizou que Sra. Curtis comunicava as verdades da salvação em palavras claras e fáceis de entender, mesmo para uma criança.

Os colportores costumavam passar para Sra. Curtis nomes de pessoas dispostas a estudar a Bíblia; pessoas que ela apascentaria muito bem. Muitas vezes, ela ministrou classes bíblicas na casa de alguns deles. Isso estimulou os participantes, além de permitir o uso eficiente do tempo para o evangelista.

A igreja fundada em Montrose, como outras fundadas por Jessie Curtis, estava completamente fundamentada na doutrina adventista.

Mesmo assim, o legado dado aos seus convertidos foi além do que é comumente compreendido como correção doutrinária. A pastora evangelista ensinou amor e compaixão no seu dia a dia. Por um lado, ela sempre estava sintonizada com as necessidades dos membros. Quando ela era pastora evangelista em Montrose, sua congregação consistia principalmente de pessoas pobres da fazenda.

Às vezes, quando Sra. Curtis cumprimentava na porta após o culto, ela colocava discretamente 10 ou 20 dólares na mão de um membro que estava atravessando uma crise financeira. A pessoa se perguntava: "Como ela sabia que era exatamente isso que eu precisava para pagar a conta?"

Ela tomava cuidado, no entanto, para exercer sua generosidade de maneira tão discreta para não constranger ninguém.

Ao alimentar as pessoas em direção à verdade e prática adventistas, Jessie Curtis mostrou sabedoria e carinho. Quando visitava casas pobres, onde carne e ovos faziam parte da dieta, ela não pediria imediatamente que fossem a uma dieta vegetariana rigorosa para a qual não tinham os recursos. Ela deixava claro as distinções entre carnes puras e impuras, e falava sobre o corpo como templo de Deus. No entanto, ela não dizia: "você tem que desistir de carne agora" ou "você não deve comer ovos". Como adventista muito boa e fiel, ela não demonstrava extremismo. Entrevista de Jack e Joan Davis com a escritora, 1984.

O casamento feliz de Jessie com John Curtis terminou após apenas cinco anos, quando Curtis morreu. Posteriormente, uma presidente de união viúva a visitou com frequência, fez uma proposta de casamento para Jessie, mas ela não aceitou.

Contudo, Jessie Weiss Curtis não era "sozinha". "Jamais viveria sozinha," dizia ela. Sem os problemas financeiros passavam outras ministras e homens também, Sra. Curtis se dispôs a usar sua bela casa em Lehman, Pensilvânia, como missão. Os membros da família e outros deslocados pela depressão ou infortúnio encontraram moradia necessária com esta ministra, cujo lar e coração pareciam grandes suficientes para todos. Em sua casa, o lema, "Quanto mais, melhor," prevaleceu.

Às vezes, para aqueles sob seus cuidados ela não fornecia apenas moradia, mas também comprava comida e pagava contas de médicos e dentistas. Muitos jovens foram ajudados a obter uma educação cristã por intermédio desta pastora generosa.

Um dos jovens abençoado pelo amor e generosidade de Jessie foi Jack Davis, seu sobrinho-neto. Ela o empregou para levá-la a compromissos, cuidar de seu equipamento, montar o projetor e pendurar os cartazes. Embora ele tenha limpado o carro após fumar enquanto esperava Sra. Curtis dar um estudo bíblico, ela sabia o que estava acontecendo. Durante esse período, as orações, o amor e o apoio que ela deu a Jack resultou em sua conversão e dedicação plena ao serviço de Deus na Igreja Adventista. Ele foi conquistado pela pregação no púlpito e pelo amor na vida dela.

Ainda conquistando pessoas para Cristo no nordeste da Pensilvânia, Sra. Curtis montou uma tenda em Kingston durante setembro e outubro de 1964. O orçamento para a série evangelística foi de US U\$ 5.000, dos quais US U\$ 2.000 foram para aluguel do terreno. Mais uma vez, Jessie Curtis foi usada por Deus para fundar uma igreja.

Não há indícios de que as pessoas servidas por Jessie Weiss Curtis achassem errado ter uma mulher ministra. De fato, com o passar dos anos, eles praticamente a reverenciaram.

Um dos pontos fortes de Jessie Weiss Curtis foi seu dom para pregar. As pessoas que a ouviram se lembram de características específicas de seu estilo no púlpito. Margaret Potts disse que a pregação da Sra. Curtis era “dinâmica. Ela conhecia o tema pregado como jamais vi igual.” Nas campanhas do leste da Pensilvânia, Margaret e outros experimentaram a inspiração da vida e da pregação desta evangelista. Sra. Curtis se movia ao redor do acampamento confraternizando com as pessoas, muitas das quais provavelmente eram seus convertidos. O fato dela ser uma rigorosa adventista do sétimo dia não afastou as pessoas. Conhecer seus ouvintes, sem dúvida, ajudou a moldar suas mensagens. Ela era “alguém que você queria ouvir. Ela era simplesmente fascinante. Quando Jessie Weiss Curtis falava,” disse Sra. Potts enfaticamente, “as crianças ouviam. Eles realmente prestavam atenção” (*De Margaret Potts, Hyattsville, Maryland, conversa telefônica com a escritora, 22 de junho de 1985*).

Muitos fatores contribuíram para sua efetividade como pregadora e permitiram que ela mantivesse as crianças fascinadas. Jack Davis lembra que sua tia nunca lia um sermão. Esta espontaneidade sem dúvidas, ajudava a manter a atenção. Ela também era eminentemente compreensível. Ela nunca pregava “sobre a cabeça das pessoas”, mas diretamente aos corações e mentes das pessoas.

Davis diz que Sra. Curtis chamava a atenção enquanto pregava sobre os eventos dos últimos dias. Ela usava recortes de jornais de terremotos e furacões, naufrágios ou acidentes de avião, relacionando esses eventos aos últimos dias da história da Terra e à vinda do Senhor.

Embora ela não fosse uma pessoa excessivamente emocional, ela ocasionalmente enxugava uma lágrima de seus olhos. Ao ouvir sua pregação, seu sobrinho Jack Davis pensou que o Senhor poderia estar chegando no dia seguinte. Ele diz: “Eu costumava pegar espinhas de ganso ouvindo a pregação dela!”

Sra. Curtis estava bem equipada para o evangelismo. Ela usava pôsteres e gráficos coloridos, e encartes do tamanho de uma cama para ilustrar tópicos bíblicos: Imagem de Daniel 2, Bestas de Daniel 7, Juízo, Santuário, Sete Selos, Dez Mandamentos, Sábado (42 encartes no total). A pregadora pagou artistas adventistas em dificuldades para criar esses impressionantes recursos visuais para ilustrar seus sermões e colocar pão nas mesas deles ao mesmo tempo.

Além dos encartes, Sra. Curtis montou uma grande coleção de slides para projetor, juntamente com o equipamento para mostrá-los, equipamento fundamental para os evangelistas mais bem-sucedidos de sua época.

Depois que ela estabeleceu uma igreja e os batismos foram contados, Jessie Curtis não esqueceu de seus convertidos. Ela os visitou para monitorar o progresso deles e os incentivou a jejuar; ou, se eles tivessem escapado, ela os buscava de volta. Quando não havia pastor para igrejas que ela havia estabelecido anteriormente,

ela concordou de bom grado em pastorear por um curto período de tempo. Assim, novos membros foram adicionados, enquanto outros foram mantidos. Esses métodos ajudam a explicar por que as igrejas que ela fundou ainda existem, visto que outros grupos inteiros de convertidos desapareceram.

Quanto mais aprendemos, mais se torna compreensível que os presidentes da Associação Pensilvânia Leste tenham enviado seus estagiários para o treinamento desse ministro experiente e eficaz. Pastor N. R. Dower, ex-diretor ministerial da Associação Geral de Adventistas do Sétimo Dia, lembra que ele iniciou seu trabalho no evangelismo de Curtis (*De uma conversa do Pastor N. R. Dower com a escritora do Potomac Campgrounds, junho de 1973*).

Além disso, os administradores da associação decidiram enviar ministros para trabalhar com Sra. Curtis quando pareciam estar se afastando em algum ponto da doutrina ou da autoridade da igreja. Às vezes, um obreiro era reabilitado e se reencontrava enquanto trabalhava e era aconselhado com essa mulher sábia e piedosa.

Embora Sra. Curtis geralmente conduzisse suas próprias campanhas evangelísticas e plantasse igrejas praticamente sozinhas, ela não deixava de ajudar quem precisasse. Ela pediu materiais de construção de empreiteiros para ajudar outro ministro a construir a Igreja de Scranton, Pensilvânia. Sendo ousada, ela não tinha vergonha de pedir contribuição de ninguém. Ela também trabalhou para construir a Igreja Wilkes-Barre. De fato, John Curtis deu a terra para o prédio, enquanto Jessie Curtis e Homer Weiss doaram os vitrais.

Assim, por métodos amplamente diversos —evangelizando, pastorear, solicitar, doar— Jessie Weiss Curtis contribuiu enormemente para o crescimento da obra no leste da Pensilvânia.

Como pessoa, Sra. Curtis era bem organizada e uma líder excepcionalmente forte. Por caráter e personalidade, ela chamava atenção e respeito; quando Sra. Curtis falava, as pessoas ouviam. Embora ela não fosse extrovertida, as pessoas ao seu redor sentiam o calor dela. As crianças a amavam.

Jessie Curtis era uma pessoa razoável com prioridades em mente. Ela lia os jornais, acompanhava os eventos de seu tempo e tinha sua própria biblioteca. Ela coletava material para sermões continuamente.

Sra. Curtis participou fielmente de reuniões e comissões da igreja, como a Sessão da União Columbia em Atlantic City, em 1959, onde foi fotografada no centro junto a alguns membros dela.

Sra. Curtis e Mary Walsh eram boas amigas, ambas ministras licenciadas. Jessie teve o privilégio de conhecer Ellen White pessoalmente.

Há uma anedota contada pela família em relação a uma tentativa de ordenar Jessie Curtis na qual ela aparentemente discordou (*De Vanetta Weiss e Janet e Charles McKeel, entrevista com a autora em Drums, Pensilvânia, Igreja Adventista do Sétimo Dia em 27 de julho de 1985. Ver Apêndice A, 5.4*).

Jessie Weiss Curtis serviu como ministra licenciada na Igreja Adventista do Sétimo Dia de 1945 a 1972, mais de 25 anos. Após a aposentadoria, ela continuou ativa em testemunhar por seu Senhor. Uma doença finalmente a assolou no último ano de sua vida, e ela faleceu no Mountain Top, Pensilvânia, em 6 de setembro de 1972. Ela viveu quase 91 anos, uma mistura única de ministério, amor familiar e interação habilidosa com o público. Ela morreu na esperança da ressurreição, desejando mais do que qualquer coisa encontrar seu Senhor em seu retorno.

Sra. Curtis deixou o mundo muito diferente da maneira como ela o encontrou. Em seu epitáfio está escrito “ela evangelizou em tendas e fundou muitas igrejas na Associação Pensilvânia Leste” (*De “Curtis, Jessie W.”, Review and Herald, 2 de novembro de 1972*).

No final de Sua vida, Sra. Curtis disse que, se pudesse voltar no tempo, ela faria tudo da mesma maneira que fez. Que emoção maior poderia haver do que ensinar a Bíblia para as pessoas, trazendo-as para o Senhor, vê-las

batizadas e salvas no reino?

Peço ao Senhor que me mantenha vivendo, e minha mente clara, desde que seja capaz de funcionar e trazer almas para a mensagem. É a única coisa que faz a vida valer a pena. Sim, a única coisa!  
—Mary Walsh, 1984

**Aquele Pequeno Livro Preto**  
**Mary E. Walsh: 1892–1997**  
***Ministra licenciada 1921 a 1981***

Na Europa, a Primeira Guerra Mundial foi assustadora. No entanto, na cidade de Nova York, jovens do mundo todo encontravam cultura, emoção e oportunidades de carreira. Mary Walsh, da Irlanda, voltava do serviço de enfermagem para seu apartamento na cidade de Nova York, tirava seu uniforme e se vestia ousadamente nas noites. Adicionando joias, ela logo estava pronta para certa noite na ópera. Pequena, magra, na casa dos 20, Maria irradiava a beleza interior da inteligência e um caráter forte.

Olhando-se no espelho, embora tivesse boa aparência, Mary não se sentia satisfeita. Ela se perguntou: “Meu bendito Senhor faria o que estou fazendo?” Definitivamente não, concluiu ela. Consequentemente, ela trocou a roupa para certa noite em casa e nunca mais participou da ópera, do hipódromo ou de suas aulas de dança; abandonou tudo isso. O que a fez tão repentinamente mudar seus padrões de vestimenta e entretenimento naquela noite na cidade de Nova York? Seu passado dá uma pista.

Mary Walsh nasceu na Irlanda do Norte em 1892. Quando adolescente, ela viajou para visitar sua tia na cidade de Nova York. Mary gostou da vida nos Estados Unidos tanto que quis ficar e fez enfermagem. Embora estivesse longe de casa, suas raízes se estendiam para a cidade de Nova York: ela morava com seus tios e adorava na Igreja Católica Romana, como fazia na Irlanda. Como seu tio era primo do Cardeal Farley, no domingo, Mary normalmente participava da missa das onze, a qual Farley oficiava. (*Mary Walsh, Berrien Springs, Michigan, entrevista com a escritora, 13 de julho de 1984; Mary Walsh, Glendale, Califórnia, entrevista por telefone com a escritora, 20 de julho de 1989. Todas as citações de Mary Walsh neste capítulo não creditadas são extraídas dessas entrevistas*).

Após concluir sua graduação, Mary encontrou trabalhos de enfermagem que pagavam melhor do que os salários que ganharia na Irlanda. Ela gostava de viver sozinha, comprar roupas elegantes e aproveitar as oportunidades culturais na cidade de Nova York. Ela se entretinha com as óperas, palestras de cultura e aulas de dança para o desenvolvimento pessoal.

Certa noite de sábado, um amigo entregou a Mary um anúncio para uma palestra na noite seguinte. Depois que seu amigo saiu, Mary segurou o jornal em sua mão e leu inúmeras vezes a manchete em negrito: Esta Geração Passará antes de Testemunharmos A Segunda Vinda de Cristo? Ela nunca se fez essa pergunta intrigante antes.

A palestra foi agendada em um teatro em uma área da cidade que a Srta. Walsh não conhecia. Para ter certeza de chegar a tempo na noite seguinte, ela partiu no sábado à noite para encontrar o local. Então, no domingo à noite, ela chegou na hora e conseguiu um lugar na frente.

Mary supôs que estaria ouvindo uma *chautauqua* (Uma apresentação educacional. Muitas vezes, as palestras e o entretenimento eram combinados em uma série, modelados de acordo com as escolas de verão estabelecidas em *chautauqua*, Nova York). Quando o orador entrou carregando “um pequeno livro preto” e se ajoelhou no centro para pedir a bênção de Deus, ela ficou impressionada. Ela nunca tinha visto um palestrante *chautauqua* orar.

O “pequeno livro preto” acabou sendo uma Bíblia, para a decepção de Mary, pois isso era um livro que ela evitava intencionalmente. Sua educação como católica romana a deixou com medo das escrituras. Ela aprendeu que o estudo da Bíblia era especialmente perigoso para os leigos. Um amigo que trouxe uma Bíblia para o

apartamento que a Srta. Walsh morava, mas ela pediu gentil e firmemente para remover aquele pequeno livro preto e nunca mais o trazê-lo.

Contudo Mary permaneceu no teatro, e logo o que o professor falou fez sentido para ela. Ele falou dos eventos atuais e dados históricos com os quais Mary estava familiarizada, pois ela possuía uma mente brilhante e lia assiduamente. Então ele mostrou nas predições claras da Bíblia dos mesmos eventos que ele citava da história e dos eventos atuais. A jovem senhorita Walsh pensou: “Ninguém pode prever o futuro assim! Mas eis todos os séculos preditos.” Ela deixou o teatro naquela noite convencida de que o pequeno livro preto do professor continha, não heresia, mas as próprias palavras de Deus.

Sendo uma mulher de atitude, Mary logo pela manhã procurou uma loja aberta para comprar um pequeno livro preto. Ela encontrou uma cópia da versão de Douay da Bíblia e começou a ler tão ansiosamente quanto um viajante sedento recebe um bom copo de água.

Mary foi quinta à noite no teatro para a segunda palestra. Um evangelista comum pode não conseguiria vencer o preconceito de Mary Walsh contra a Bíblia, mas Deus, em seu amor, a fez ouvir o pregador certo para alcançá-la.

Professor C. T. Everson demonstrou erudição. Ele era fluente, articulado, admirável e tinha um “bom vocabulário.” Mesmo sem projeção eletrônica, sua voz melodiosa ecoava por todas as partes do teatro. Mary Walsh respeitou o professor Everson como uma pessoa competente e profissional.

Ainda assim, havia mais. No professor Everson, a erudição combinava com o compromisso com Cristo. O principal objetivo dele não era rastrear profecia cumprida, mas retratar o Filho de Deus vividamente. Ele desenhou imagens verbais atraentes de “aquele manso e humilde galileu.”

Dotado com uma imaginação vívida, Mary Walsh imaginou exatamente como Jesus era quando o Professor Everson falava sobre ele nas noites de domingo e quinta. Mesmo sendo uma pessoa que costumava ir à igreja, ela se deparou com uma experiência nova e vivificante. “Eu encontrei meu Cristo,” lembrou ela com gratidão. “Eu tive um verdadeiro vislumbre.”

Como ela aceitou a Cristo como seu Salvador, e o convidou diariamente a compartilhar sua vida, Mary percebeu que seu estilo de vida estava mudando. Foi assim que ela se olhou diante do espelho e perguntou se seu Senhor faria ou não o que ela estava fazendo. Concluindo que não, ela mudou seu estilo de vida. Em pouco tempo, ela comprou um guarda-roupa diferente, melhor e mais simples. Ela se desfez das suas joias.

Ninguém disse para mudar assim. Por conta própria, ela leu tudo o que encontrou, a Bíblia, juntamente com livros e panfletos publicados pelos adventistas do sétimo dia sobre várias doutrinas e ensinamentos da igreja.

Em sua preciosa nova Bíblia, Srta. Walsh leu o segundo mandamento diversas vezes. Sendo uma boa católica, ela ficou intrigada com a proibição de adoração da imagem. Ela continuou estudando por três semanas; então ela pegou os ícones de adoração e os destruiu.

De sua leitura, a Srta. Walsh concluiu que os adventistas do sétimo dia não comiam carne de qualquer tipo nem bebiam chá ou café. Para alguém cujo café estava sempre no fogão, surpreendeu. No entanto, em uma manhã de domingo, depois que ela adorou no sábado do sétimo dia no dia anterior, ela abandonou tudo: carne, chá e o costumeiro café.

Mary considerou consultar o Cardeal Farley sobre as verdades bíblicas que estava aprendendo. No entanto, ela concluiu que tudo se confirmou na verdade pelo Espírito Santo, e que, nessas circunstâncias, poderia insultar a Deus discutindo isso com um ser humano. A Palavra de Deus foi a Suprema Corte.

O sábado no qual Mary Walsh foi batizado em Cristo como adventista do sétimo dia pelo professor Everson foi um grande dia de celebração para ela e a equipe evangelística.

Nem todo mundo, com certeza, compartilhou essa reação positiva às escolhas que a jovem enfermeira fez. Sua tia na cidade de Nova York ficou absolutamente chateada com a conversão de Mary. Sem dúvida, sentindo alguma responsabilidade para com o restante da família, ela disse a Mary que nunca deveria atravessar o oceano. A tia escreveu ao pai de Mary, representando o grupo que Mary se juntou como uma seita estranha. A verdade é que a família não sabia nada sobre adventistas do sétimo dia e não se importava em saber.

Nesse ponto, Maria sentiu que o texto das Escrituras, “Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10:37), falou claramente sobre o sacrifício que foi chamada a fazer. Sua tia e seus outros parentes cortaram contato. Maria os desonrou, pensaram eles. A explicação mais viável que eles chegaram, foi que, por causa dos seus estudos, a pobre menina ficou desequilibrada mentalmente.

Essa cruz de separação de sua família nunca foi removida da vida de Mary Walsh, embora ela nunca tenha se queixado disso ao seu Senhor. Ninguém da família se juntou a ela em sua amada fé. Eles estão todos na Inglaterra agora, disse ela, no topo acadêmico, “e eles acham que eu os escandalizei.”

A separação da família veio com outras privações. A jovem convertida, tão empolgada com seu novo relacionamento com seu Senhor, ficou desapontada ao perceber que as mudanças em seus valores e comportamento —o que ela come e bebe, seu dia de adoração, seu traje— separou-a rapidamente de pessoas próximas. Seus velhos amigos a abandonaram, e ela se sentiu muito sozinha.

Por outro lado, ela encontrou uma família totalmente nova na Igreja de Cristo. E eles incentivaram Mary a mudar de carreira.

Quando Mary Walsh se tornou adventista do sétimo dia e ouviu falar das faculdades da denominação, ela pensou em ingressar em alguma delas. Suas economias permitiam que ela voltasse a estudar. No entanto, logo que entregou seu coração a Cristo através da obra de uma equipe evangelística, foi convidada a trabalhar no evangelismo.

Ser convidada a se juntar a uma equipe evangelística imediatamente após o batismo, em vez de ser aconselhada a se preparar e ponderar mais tempo, foi conectada às circunstâncias extraordinárias de sua conversão. Mary Walsh, por algum motivo, não recebeu nenhum estudo da Bíblia; ela se leu e se baseou nas várias doutrinas, sob a orientação do Espírito Santo. Quando via algo que devesse fazer, ela normalmente fazia imediatamente. Ela foi uma convertida excepcional. Portanto, o presidente da associação, o evangelista e os dois obreiros bíblicos pediram que Maria entrasse diretamente em evangelismo.

Em resposta ao convite claro dos líderes da igreja que a conhecia, e, evidentemente, a um chamado de Deus, a nova adventista se mudou para o Maine em 1917 para se juntar a uma equipe evangelística liderada pelo Pastor A. E. Sanderson.

Em contraste com a enfermagem, a qual foi treinada profissionalmente e era bem paga, o evangelismo exigia tarefas algumas das quais ela nunca imaginou e por salários baixos.

Embora ela não soubesse nada sobre fazer evangelismo ou dar estudos bíblicos além de ter participado de uma série de reuniões, Pastor Sanderson prometeu treinar a senhorita Walsh “na obra.” Ele cumpriu a promessa.

Começando na obra, Srta. Walsh ficou receosa só de tocar a campanha de uma casa pela primeira vez. Ela tinha o cuidado de simplesmente se sentar, nunca cruzando as pernas, por causa de sua educação muito rígida na Irlanda. Seu jeito britânico reservado era muito confundido com orgulho.

Treinando diligentemente sob a orientação do Espírito Santo, Maria Walsh se preparava para seu novo ministério. Ela adquiriu Leituras Bíblicas para O Lar e todo material semelhante que ela encontrou.

Uma de suas tarefas era ensinar às pessoas em suas casas as verdades das Escrituras. Ela não apenas ensinava, mas também aconselhava, orava e fazia amizade. Com a orientação do Espírito Santo, ela trouxe muitos convertidos para a igreja, certificando-se de que eles entendiam claramente as doutrinas e a prática.

A equipe evangelística de Sanderson e Walsh ia de cidade para cidade. Mesmo com baixo orçamento, eles batizavam bastante. Quando foram enviados para evangelizar em Nova York, com um orçamento de apenas 1.000 dólares, perceberam que o valor não era viável para fazer um trabalho adequado na maior cidade do país. Srta. Walsh e seus colaboradores jejuaram vários dias, pedindo ajuda ao Senhor. E ajudou!

Srta. Walsh ministrou estudos bíblicos a duas idosas com boas condições financeiras. Elas aceitaram a mensagem da Bíblia, juntaram-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia e depois doaram generosamente à causa de Deus. Certa vez, elas doaram 15 mil dólares para a obra do Senhor. Outros também doaram, enquanto Mary jejuava, orava e trabalhava. Ela viu como Deus no céu realizou seus propósitos quando dependia dele.

Srta. Walsh se mudou para Boston, onde fez parte de uma equipe evangelística liderada pelo Pastor Robert S. Fries. À medida que ela ganhava experiência, suas responsabilidades aumentavam e diversificaram consideravelmente. Por um lado, antes da palestra principal da noite do Pastor Fries, Srta. Walsh sempre fazia uma breve apresentação sobre um tópico selecionado. Ela fazia isso no começo da noite, mas para um grande público, pois as pessoas vinham para ouvi-la. Certa noite, enquanto descia da plataforma quando o Pastor Fries subia, o pastor sussurrou: “Walsh, você roubou cena!”

Ela respondeu discretamente: “Bem roubei mesmo. Você já roubou muito antes.” Foi um momento que ela nunca esqueceu. O evangelista e sua assistente compartilhavam uma ótima relação de trabalho, um complementando o outro.

Mary Walsh respeitava o Pastor Fries, a quem ela considerava um poderoso evangelista. Ele estudou medicina na Universidade de Denver (*de Robert S. Fries, obituário, Review and Herald [24 de outubro de 1946]: 20*) e Srta. Walsh apreciava como ele habilmente unia evangelismo e saúde em seus evangelismos.

Dentre as responsabilidades da Srta. Walsh, estava a caixa de perguntas. As pessoas eram estimuladas a fazer perguntas sobre tópicos da Bíblia em uma caixa antes da reunião. Então, no final das reuniões, todos que tinham perguntas foram convidados para outra sala onde a caixa era aberta para abordar textos e questões intrigantes. Era um tremendo teste do conhecimento, fé e presença de espírito de um ministro para responder tais questionamentos “friamente”. Às vezes, Mary Walsh era convidada a correr esse risco.

Antes de “responder à pergunta”, Mary ficava aterrorizada. Ela perguntava ao Senhor como responder as perguntas sem pestanejar. Na noite anterior à sua primeira sessão de perguntas e respostas, ela perdeu o sono. Em vista disso, ela se ajoelhou pedindo ajuda do Deus que a chamou para obra evangelística. Ao lado de sua cama, ela orou pedindo alguma garantia, alguma promessa. Ela orou para que o Deus celestial ficasse ao seu lado. Sem a ajuda dele, não seria possível.

De joelhos, ela folheou a Bíblia, e a seguinte promessa prendeu sua atenção: “Tomem, pois, a decisão de não se preocupar com o que irão responder, porque eu lhes darei palavras e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos os que se opuserem a vocês” (Lc 21:14–15). Credo que a promessa foi a resposta do Senhor para ela, Mary voltou para a cama e dormiu.

Com a bênção de Deus, a caixa de perguntas de Mary Walsh se tornou uma parte importante da série evangelística. No anúncio estava escrito: “façam perguntas”, então os participantes fizeram todo tipo de pergunta. As respostas que Srta. Walsh além de abençoar as pessoas, ajudou a aumentar a frequência.

Apesar de todo o seu estudo e preparação contínuos, às vezes, algumas perguntas surpreendiam. Houve momentos em que ela se questionou se encontraria ou não um material bíblico relevante em um assunto rapidamente. Mas Deus prometeu lhe dar “boca e sabedoria” de forma que todos os seus adversários não venceram. Deus nunca falhou com ela.

Devido à sua eficácia e habilidade, apareceram outros desafios. Boston Commons era um lugar onde pessoas ou organizações poderiam reservar espaço e falar livremente, então houve contratemplos. Os adventistas do sétimo dia receberam um lugar por uma área especial em uma extremidade do shopping. Os católicos ficaram do outro lado. Diversas denominações protestantes ficavam no meio, cada uma conforme sua reserva. Frequentemente, por causa dos debates religiosos acalorados, ocorriam desavenças entre católicos e protestantes.

Todos os domingos, Pastor Fries e Srta. Walsh falavam e respondiam perguntas no Commons. Muitas pessoas teriam evitado esse confronto direto. “Mas isso nos colocou no mapa,” explicou Srta. Walsh. “Foi a razão de sermos conhecidos.”

Segundo Mary Walsh, Pastor Fries era um mestre do toma lá dá cá no Commons. “Ele foi militar antes de se tornar adventista,” explicou ela. “Ele tinha aquele porte militar, impecavelmente vestido e preparado. Quando ele se levantava, eu ficava orgulhosa dele” (*Da entrevista com Walsh em 13 de julho de 1984*). Mary Walsh também andava pelo Commons perfeitamente vestida e alegremente pronta para o inesperado.

Da maneira agressiva da época, o pastor de uma das maiores igrejas, um batista, anunciou no jornal que ele falaria contra as doutrinas dos adventistas do sétimo dia. Ele era conhecido nacionalmente e lotava estabelecimentos. Parecia inacreditável para os adventistas que algum pregador enfrentasse seus ensinamentos da maneira que aquele homem fez.

As acusações falsas e injustas não agradaram a Mary Walsh. Quando ela se encontrou com o Pastor Fries e outros obreiros examinando o anúncio da reunião do atacante, Srta. Walsh exclamou: “Quem é esse filisteu incircunciso para afrontar os exércitos do Deus vivo?” (1 Sm 17:26).

No momento em que disse isso, sentiu que estava condenada. Pastor Fries insistiu que Mary Walsh era a pessoa certa para responder às acusações, não apenas na igreja, mas também no Boston Commons. Com ressalvas dela, ele anunciou o que viria acontecer.

“Implore, peça, provoca e chore—não senhor! Eu tive que fazer,” lembrou ela. “Ele foi em frente e colocou meu nome no jornal. Gostaria que você pudesse ter visto a multidão no Boston Commons!”

Srta. Walsh e seus ajudantes jejuaram, oraram e procuraram o Senhor para os fortalecer na labuta. Srta. Walsh defendeu a verdade bíblica admiravelmente. Ela se alegrou quando ouvintes decidiram viver de acordo com as verdades bíblicas que ouviram. Alguns deles até desertaram da igreja do desafiante.

Mary Walsh não se intimidou com a movimentação frequente exigida dos evangelistas. Ela ficava contente em compartilhar uma mensagem centrada em Cristo tirada do livrinho preto que tem poder para mudar vidas.

Ela começou a trabalhar por sete dólares por semana. Os homens jovens que possuíam as mesmas credenciais receberam mais; naqueles dias, entendia-se que custava mais para um solteiro viver do que uma solteira. Todavia, Maria não se magoou. Ela dependia de seu Deus para suprir todas as suas necessidades. “Dinheiro, quem se importa?”, pensava ela.

Por causa de seus salários mais altos como enfermeira, Srta. Walsh tinha muito dinheiro para suas roupas e outras despesas naquela fase de sua vida. Quando ela entrou no evangelismo, felizmente ela já havia montado um guarda-roupa clássico. Ela nunca se contentou com coisas “básicas”, ela sempre comprou da melhor qualidade

e, conseqüentemente, suas roupas duraram anos.

Srta. Walsh foi licenciada como ministra no início de sua carreira por causa do volume de trabalho público que ela realizou. As apresentações que ela fez como parte da série evangelística fizeram dela uma figura familiar e facilitaram sua entrada nas casas das pessoas posteriormente.

Além de sua licença ministerial, Srta. Walsh também carregava uma credencial de imprensa da igreja, emitido porque ela escrevia artigos para periódicos denominacionais. Certa vez, sua credencial de imprensa garantiu sua entrada na Câmara do Parlamento em Londres.

Srta. Walsh escreveu uma série de seis artigos chamados “Como Alcançar A Mente Católica”. Esses escritos muito úteis aparecem na *Review and Herald*, entre 3 de abril e 8 de maio de 1947. No primeiro artigo da série, “Nosso Dever para O Católico Romano”, ela escreveu:

Certa vez, fiquei na Basílica de São Pedro em Roma e vi homens, mulheres e crianças se curvarem diante da figura negra de Pedro, o suposto primeiro papa. Eu vi muitos beijar o dedo do pé saliente com veneração profunda; outros, pequenos de estatura, estenderam a mão direita e, após um toque suave do mesmo dedo do pé, pressionaram a mão nos lábios. Alguém que testemunha tamanha idolatria e conhecer esta mensagem, pode ser indiferente às necessidades dessas pessoas? Não!

—Mary E. Walsh, “How to Reach the Catholic Mind: Our Duty to the Roman Catholic,” *Review and Herald* (3 de abril de 1947):7.

Mary Walsh pranteava por causa dessas pessoas. Ela desejou ser o instrumento de Deus para libertá-los da escravidão da idolatria. Ela acrescentou que não é preciso ir a Roma para sentir esse fardo e mencionou sua preocupação ao ver pessoas em uma igreja católica em Baltimore se prostrando diante de um grande crucifixo e beijá-lo.

Na obra para com os católicos, a Srta. Walsh recomendou fortalecer a fé do ouvinte na Bíblia e mostrar como o primeiro advento de Cristo foi predito pelos profetas. Importante mencionar que esses são os métodos que o professor Everson empregou muito bem ao pregar para Mary Walsh. Ela apontou que enfatizar a importância do nascimento milagroso de Cristo, de viver uma vida pura e santa e da crucificação, morte e ressurreição de Cristo terão um forte apelo à mente de um católico.

Além de escrever para os periódicos, Mary Walsh preparou dois conjuntos de guias de estudo (de Mary Ellen Walsh, “Bible Lessons for Catholics” (*Nashville: Southern Publishing Association, 1967*), *folhas soltas e “Doctrinal Bible Studies for the Layman”*). *Os Apócrifos*, (Mary E. Walsh, *The Apocrypha* Nashville: Southern Publishing Association, 1968) e *O Vinho da Babilônia Romana* (Mary E. Walsh, *The Wine of Roman Babylon*, Nashville: Southern Publishing Association, 1945). Descendente de muitas gerações de aderentes fiéis ao catolicismo, batizada na fé romana quando tinha apenas um dia, Mary Walsh foi motivada a apresentar o que considerava um tratamento prático e sincero dos ensinamentos de papado e do catolicismo. Sua oração no parágrafo final de *O Apócrifa* é: “Que nosso Senhor faça por todos nós, protestantes e católicos, o que ele fez pelos discípulos antes: ‘Então abriu o entendimento deles, para que eles pudessem entender as Escrituras’” (*Ibid.*, 104).

Além de todas as apresentações públicas, a caixa de perguntas, o artigo e a redação de livros, Mary Walsh se envolveu em trabalho pessoal com pessoas em suas casas. Muitos membros atuais da igreja podem rastrear suas raízes no adventismo e verificarem que se tornaram adventistas pelo ministério de Mary Walsh (Exemplo: Dra. Valerie Landis, de Beltsville, Maryland, cuja mãe foi convertida pelo trabalho de Mary Walsh no evangelismo da cidade de Nova York, na Academia de Música do Brooklyn em 1939).

Devido à sua experiência em dar estudos bíblicos, Srta. Walsh foi convidada a preparar outras pessoas para

trabalhar nesse ministério. De 1943 a 1953, ela foi empregada pela União Colúmbia para treinar leigos e obreiros da igreja para evangelismo. Ela inspirou membros de igrejas locais a trabalhar efetivamente como evangelistas leigos.

Durante sua década na União Colúmbia, seus colegas de obra lembram que ela parecia trabalhar sem cessar e que toda a vida dela foi centrada em levar as pessoas a Cristo (*De uma conversa telefônica, Zella Holbert e a escritora, Takoma Park, Maryland, 1989*). Um colega descreveu Mary Walsh como uma oradora habilidosa, uma obreira bíblica de sucesso e muito dedicada a libertar pessoas da dominação católica (*De uma conversa telefônica, Pastor M. E. Loewen e o escritora, Silver Spring, Maryland, 1989*).

Srta. Walsh foi chamada União Pacífico para trabalhar no departamento do lar missionário em 1953. No anuário de 1960, ela é listada como secretária assistente do Departamento Missionário do Lar e Defesa Civil na União Pacífico. Sua designação foi modificada no anuário de 1965 para secretária assistente de Departamento de Atividades de Leigos, Defesa Civil e Instituto de Estudos no Lar Em vista de sua vida ativa, poucos acreditariam que ela solicitou “aposentadoria” em 1963 aos 70 anos (*Formulário de Inscrição do Fundo de Sustentação, enviado em 28 de janeiro de 1963. Arquivos da Conferência Geral*).



Mary E. Walsh (1892). Irlandesa convertida ao adventismo, escritora, palestrante, obreira bíblica e instrutora de ministros leigos. Ministra licenciada 1921–1981.

*Foto usada com permissão da Review and Herald Publishing Association.*

Mary Walsh foi ministra licenciada de 1921 a 1981. Então, após 60 anos como ministra licenciada ao lado dos homens, ela foi transferida para um status criado principalmente para mulheres no ministério e homens em posições não ministeriais: ministro comissionado licenciado (*Veja a nota de rodapé 2 na página \*\*\* para uma discussão sobre essa mudança de credenciamento*). Isto não a abalou. Ela continuou comprometida com o chamado do Senhor para compartilhar o evangelho.

Em relação à sua obra em seus 90 anos, em comparação com as responsabilidades pesadas e variadas que ela carregou e o quanto viajou no passado, disse Srta. Walsh:

Estou apenas em um cantinho. Peço ao Senhor que me mantenha vivendo, e minha mente clara, desde que seja capaz de funcionar e trazer almas para a mensagem. É a única coisa que faz a vida valer a pena. Como vivi todos esses anos?

Para a obra de Deus.

—Mary Walsh, Glendale, Califórnia, conversa telefônica com a autora, 20 de julho de 1989.

A vinda do Senhor foi o papel central no pensamento dela. A mensagem na qual ela trouxe centenas de convertidos marchará triunfante, vitoriosa, até o fim dos tempos; nunca houve dúvidas em sua mente. Desde o momento de sua conversão, ela dedicou toda sua vida a trazer outros para se alegrar com ela na adoração a Jesus (Mary Walsh morreu em Glendale, Califórnia, 21 de setembro de 1997 aos 105 anos).

É a presença do Espírito Santo de Deus que prepara obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do rebanho de Deus.

**Fundadora da Igreja**  
**Ellen Gould Harmon (Sra. Tiago) White: 1827 a 1915**  
***Ministra ordenada de 1884 a 1915***

É difícil acreditar que uma mulher que falou efetivamente para públicos 5000 (*de Ellen G. White et al., Vida e Ensinos de Ellen G. White [Mountain View, Califórnia, 1915], 221–222*) a 20000 (“*White, Ellen Gould [Harmon],” Seventh-day Adventist Encyclopedia, Commentary Reference Series, vol. 10 [Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association], 1410*). ficaria receosa de prestar seu testemunho na presença de 10 ou 20 pessoas. No entanto, essa foi a experiência da mulher que, junto ao marido, foi cofundadora da denominação Igreja Adventista do Sétimo Dia, (*ibid.*, 1406.) Ellen Harmon White.

Sendo criança sensível, perturbada com a religião, Ellen lutou contra o medo de não ser salva. Quando adolescente, ela teve um pesadelo aterrorizante, deixando-a certa de que o Espírito Santo se afastou dela. Então, logo depois, ela sonhou que viu Jesus, o que lhe deu esperança. Com a esperança, surgiu um forte senso de responsabilidade de compartilhar o amor, a paz e a compreensão que Deus lhe concedeu.

O início da década de 1840 foi a época do movimento do advento, quando se pensava que o retorno de Cristo era iminente. Ellen participou de uma reunião do advento, como fez várias vezes antes. Pela primeira vez, quando a oportunidade foi dada para os seguidores de Cristo compartilharem seu testemunho, Ellen conseguiu se levantar e falar diante dos outros presentes. Ela não se preparou com antecedência, mas compartilhou como o amor de Deus a alcançou.

Logo a família Harmon, incluindo Ellen, foi removida do rol membros de sua igreja metodista por causa do envolvimento no movimento do advento. Embora decepcionante para os Harmon’s, significou que o esforço de

Ellen estava todo com os crentes do advento.

Após a grande decepção de 1844, quando Jesus não retornou à Terra como esperado, Ellen Harmon experimentou sua primeira visão, mostrando a jornada espiritual do povo do advento e sua união final com Cristo no céu. Cerca de uma semana depois, em sua segunda visão, Ellen teve uma visão dos juízos que ela deveria suportar para compartilhar com os outros as verdades que Deus comunicou por meio dela. Ela teve certeza de que a graça de Deus a sustentaria por toda parte.

Após a visão terminar, Ellen ficou abalada. Quando criança, quando seu rosto foi atingido por uma pedra arremessada por um companheiro de brincadeira furioso, Ellen era tão frágil que não pode frequentar a escola. Agora, aos 17 anos, ela não estava acostumada à sociedade, era muito tímida e estar na presença de estranhos era uma experiência dolorosa (*White, Vida e Ensinos, 69*).

Enquanto orava para que tamanho peso fosse removido de seus jovens ombros, Ellen o apelo de Deus para compartilhar com os outros o que ele lhe revelou. O desafio pareceu tão impossível, que ela se encolheu de terror e viu a morte como uma libertação.

Através de uma demonstração de sinal do poder divino durante uma sessão de oração, (*Ibid., 69–71. Ver Apêndice A, 7.1*), Ellen recuperou sua confiança na liderança de Deus. Contudo, ela temeu se orgulhar quando colocada em um papel especial, mesmo em um ambiente religioso. Ela orou para que, se ela fosse sair para compartilhar o que Deus lhe mostrou sobre a salvação e a verdade, ele a protegeria de alguma forma da autoexaltação. Satisfeita com a resposta, Ellen se comprometeu a seguir a liderança de Deus onde quer fosse.

Oportunidades apareceram para ela testemunhar em Portland, Maine, a 48 quilômetros de distância e depois no leste do Maine. Sua voz, rouca e fraca, era forte e clara enquanto quando falava diante das congregações reunidas.

Logo ela viajou para New Hampshire para abordar as pessoas tão amargas com a decepção de 1844 que então se sentiram iludidas com o movimento que fizeram parte. Fanatismo havia tomado conta. Em Orrington, através de amigos em comum, ela conheceu Tiago White, um jovem ministro fazendo um trabalho semelhante ao dela. Tiago e Ellen, juntos, expuseram práticas e crenças incorretas, chamando seus ouvintes de volta à pureza da verdade da Bíblia. Enquanto trabalhavam juntos, eles ficaram mais próximos.

Ellen Harmon e Tiago White se casaram em 30 de agosto de 1846. O ministério deles para o Senhor foi a razão da união. Juntos, eles viajaram, buscando trazer almas para o reino de Cristo. Em pouco tempo, eles estavam convencidos de que o sétimo dia era o sábado e incorporaram essa verdade em suas vidas e ensinamentos.

Ellen deu à luz um filho, Henry, em 26 de agosto de 1847. Enquanto Viajavam e Ellen viajavam e se mudavam com frequência para compartilhar as boas novas do adventismo, por cinco anos, uma família com o nome de Holland cuidou de Henry (*Ibid., 120. Ver Apêndice A, 7.2*). Naturalmente, foi doloroso Ellen deixar seu bebê sob os cuidados de outra pessoa e vê-lo apenas ocasionalmente. Mas foi assim que ela entendeu seu compromisso de levar a mensagem da verdade onde quer que Deus a chamasse.

O segundo filho de Tiago e Ellen, Tiago Edson White, nasceu em 28 de julho de 1849. Quando ele tinha seis semanas de idade, seus pais o levaram a Paris, Maine, para uma reunião na qual o poder de Deus foi invocado contra o fanatismo.

White's ficaram temporariamente em Oswego, Nova York, com móveis emprestados de colegas crentes. Dali, Tiago escreveu, publicou e pregou, enquanto Ellen o auxiliava na promoção da verdade e no combate ao erro.

Quando os White's decidiram visitar Vermont e Maine na primavera de 1850, eles deixaram Edson de nove meses aos cuidados da irmã Bonfoey e, sob a liderança de Deus, suportaram fortes privações. Enquanto Ellen White, em Vermont, viu famílias confortavelmente estabelecidas em suas casas, ela pensou em seu

filho de dois anos no Maine e em seu bebê de nove meses em Nova York. Um observador relatou que as viagens despreocupadas de Ellen White podem ter sido agradáveis, mas, na verdade, o coração da jovem pregadora era de seus filhos. Ela sonhava que um anjo falava de seus filhos como uma oferta perfumada a seu Senhor e a incentivou mesmo neste sacrifício a seguir as providências de abertura de Deus (*Ibid.*, 120. Ver Apêndice A, 7.2).

De Vermont, os White's cruzaram para o leste do Canadá. Ellen orou para que sua garganta, que a incomodou novamente, permitisse pregar a mensagem de Deus claramente, pois muitos que professavam crer no retorno de Jesus depreciavam a lei de Deus. Sua oração foi respondida, então falou clara e confortavelmente. Os crentes foram fortalecidos.

Retornando cinco semanas depois para Nova York e para o pequeno Edson, os White's ficaram apavorados ao encontrar o bebê "muito fraco." Nesse ponto, Sra. White escreveu: "Foi difícil suprimir pensamentos murmurantes" (*Ibid.*, 135). Tiago e Ellen oraram pela criança; ele melhorou e foi com eles para uma conferência em Oswego.

Em meio a mudanças e viagens constantes, Ellen White deu à luz Willie em 29 de agosto de 1854. Ela ficou feliz que o bebê até certo ponto tenha tirado a mente das crises com as quais parecia cercada, incluindo uma publicação herética Mensageiro da Verdade que caluniou ela e seu marido (*Ibid.*, p. 155). De tempos em tempos, Tiago e Ellen ficavam gravemente doentes.

White's se mudaram para Battle Creek, Michigan, em 1855, porque a obra de publicação que Tiago começou, com forte incentivo de Ellen, poderia ser estabelecida com vantagem lá. Ellen ficou com os três filhos. Às vezes, ela temia que os meninos ficassem sem a presença paterna por causa da tendência de Tiago, apesar de sua saúde fraca, trabalhar excessivamente. As demandas para estabelecer uma nova denominação foram muito grandes.

As coisas melhoraram após os White's se mudarem para Michigan. Na conferência de novembro de 1856 em Battle Creek, foi dado apoio às publicações de que os White's começaram pela fé. Pouco depois, o Mensageiro da Verdade cresceu e as vozes discordantes foram abafadas. Tiago White conseguiu pagar as dívidas da publicadora e sua saúde se recuperou a ponto de poder pregar três vezes em um sábado com facilidade.

Battle Creek se tornou a sede para a denominação em formação que, em 1860, o nome Igreja Adventista do Sétimo Dia foi escolhido.

Ellen White uniu maternidade e ministério em uma vida plena e produtiva. Ela dividiu seu tempo entre sua família em desenvolvimento e a igreja em crescimento. A pesada responsabilidade de seu dom profético, ela suportava com energia e dependência de Deus.

Ellen continuou pregando, geralmente em viagens acompanhada do marido. Ela visitou igrejas recém-formadas, dando conselhos aos membros e à liderança. Às vezes, ela teve visões nas quais Deus revelou instruções específicas para a igreja em crescimento. Ela pregou as alegrias concedidas ao cristão nesta vida e na vindoura.

Herbert, seu quarto filho, nasceu em 20 de setembro de 1860, mas viveu apenas até 14 de dezembro daquele ano. Ser separada de uma criança com a promessa da vida diante dela foi muito doloroso. Ainda mais difícil de suportar foi a morte do seu filho mais velho, Henry, com apenas 16 anos, em 8 de dezembro de 1863 (White, Vida e Ensinos, 165–166). Para Ellen e Tiago, essa foi uma perda cruel, pois Edson e Willie sentiram muito a falta do irmão mais velho. Contudo, os White's continuaram na obra de Deus, apreciando a esperança de encontrar seus filhos novamente na ressurreição, e viver com eles uma vida livre de doenças e da morte.

Evangelismo público foi um papel que Ellen White aceitou com peso na consciência no começo, pois ela era muito tímida. Aos 41 anos, ela escreveu:

Embora eu fosse uma oradora tímida no começo, quando a providência de Deus abriu o caminho diante de mim, fiquei confiante diante de grandes públicos. Juntos, [Sr. e Sra. White] participaram de nossas campais e outras grandes reuniões, do Maine a Dakota, de Michigan ao Texas e Califórnia.

—Ibid., p. 195.

Os White's passaram algum tempo da primavera de 1877 em Battle Creek para Tiago participar de reuniões do conselho da *Review and Herald Publishing Association*, *Battle Creek College* e do hospital. Ele pregou, escreveu, trabalhou até tarde da noite e estava completamente exausto. O casal planejou uma viagem ao Colorado para descansar depois. No entanto, Sra.

White ficou muito impressionada pela obra que fez em Battle Creek primeiro; então, eles decidiram ficar.

Durante a estadia em Battle Creek, Sra. White passou uma semana realizando reuniões todas as noites e no sábado e domingo para os estudantes de *Battle Creek College* por causa de sua grande preocupação com a salvação. Os encontros tiveram bons números. Muitos estudantes se apresentaram para oração quando Sra. White fez o apelo. Muitos decidiram pelo batismo como resultado das reuniões e da obra do Espírito Santo.

Sra. White então participou de uma de missa de temperança patrocinada pela União Cristã Feminina de Temperança e pelo *Battle Creek Reform Club*. Ela agradeceu a espiritualidade dos planejadores. Circo de Barnum estava na cidade, e as obreiras da temperança organizaram um ambicioso serviço de alimentação para evitar que os participantes do circo buscassem se alimentar nos bares locais. Este restaurante de temperança foi montado na tenda evangelística da Associação Michigan.

Sra. White foi convidada a falar na grande tenda na noite de domingo, 1 de julho de 1877. Ela falou para cinco mil ouvintes ou mais sobre o tema da temperança cristã (Ibid., p. 221).

No mês seguinte, Ellen White, acompanhada por sua nora, Mary White, participou da campal em Kokomo, Indiana; mas Tiago White permaneceu em Battle Creek para resolver as pendências. Sra. White chegou à campal com os adventistas do sétimo dia e seus convidados reunidos. Ela observou com surpreendente alegria o quanto rebanho cresceu de grupo pequeno, principalmente pobre e sem instrução, que ela cuidou no mesmo lugar seis anos antes.

Evidentemente, a reunião de temperança da tarde de domingo foi bem divulgada, pois as pessoas saíram de excursão em três trens para a campal. Ellen White escreveu sobre o grande grupo que se reuniu e a mensagem que lhes apresentou:

As pessoas ficaram muito empolgadas com a questão da temperança. Às 14h30 Falei para cerca de oito mil pessoas sobre a temperança do ponto de vista moral e cristão. Fui abençoada com notável clareza e liberdade, e fui ouvida com muita atenção pelo grande público presente.

Popularizamos as palestras e rastreamos a origem da intemperança predominante no lar, na família e a indulgência do apetite na criança . . . A grande obra de reforma da temperança, para ser completamente bem-sucedida, deve começar em casa.

—Ibid., pp. 222–24.

Na noite seguinte, Ellen White apelou para seus ouvintes a entregarem seus corações a Cristo. Cerca de 50 se apresentaram para a oração especial e 15 foram batizados como resultado da pregação por Ellen White e Pastor Wagoner.

Sra. White retornou a Battle Creek para se tratar no hospital. Na mesma época, o Tiago White ficou doente de exaustão. Não obstante eles oraram e decidiram se aventurar nas promessas de Deus pela fé de participar

da campal em Groveland, Massachusetts. Milhares de pessoas vieram de barcos e trens no domingo. Mais uma vez, Ellen White aceitou o privilégio e a responsabilidade de falar em uma tenda lotada dentro e fora. No começo, ela experimentou dor nos pulmões e na garganta, mas enquanto falava, ela esqueceu seu desconforto e cansaço. Por mais de uma hora, ela falou sobre temperança cristã.

Certa noite, Sra. White dirigiu especialmente suas observações a pecadores e apostatados; 200 ouvintes, de crianças a idosos de cabelos grisalhos, se apresentaram para oração especial. À tarde, 39 pessoas se batizaram, e muitos outros decidiram pelo batismo quando voltaram para casa.

Continuamente, —para o Oregon, Colorado, Nova Inglaterra, o Centro-Oeste— considerando sua única oportunidade de chamar alguns desses ouvintes para se prepararem para o julgamento no fim do mundo.

Quanto ao seu método de preparar sermões, parece que Ellen White pensava e orava sobre o assunto necessário para um determinado momento e local enquanto ela viajava. Em uma determinada ocasião, o Senhor lhe deu instruções específicas para transmitir a um grupo específico (Ibid., p. 111). Ela geralmente falava espontaneamente, olhando diretamente para seus ouvintes. À medida que envelhecia, ao se dirigir a comissões, às vezes lia de um manuscrito que escreveu e depois seguia com comentários improvisados (Ibid., p. 422). Ela conseguia ser ouvida de 5000 a 8000 pessoas por vez (Ibid., 221–222), relatórios afirmam que os enormes públicos que Sra. White se dirigiu durante as campais na década de 1870 numerou de 15.000 a 20.000 (*De “White, Ellen Gould [Harmon]”, Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia, 1410*). Sua voz forte, sem tecnologia de amplificação, pairava claramente através de campos abertos e grandes edifícios.

Ela não era apenas uma ministra, mas Ellen White também incentivou muitas outras mulheres a usar seus dons no ministério para Deus e a Igreja. Ela apelou aos administradores da igreja para remunerarem devidamente as mulheres por este trabalho, mesmo indicando que teria que criar um fundo de seu próprio dízimo para usar para esse fim, se os homens na administração continuassem a ser insensíveis e evasivos (*Extraído de uma carta para irmãos Irwin, Evans, Smith e Jones por Ellen White, 21 de abril de 1898, 1191a, 1898. Ver o apêndice A, 7.4*).

Para Sra. S.M.I. Henry, Sra. White escreveu,

Você tem muitas oportunidades diante de você. Dirija-se à multidão sempre que puder; faça de tudo para evitar que o fermento faça parte da refeição. Todo homem e toda mulher tem um trabalho a fazer pelo mestre. Consagração e santificação pessoal a Deus realizarão, através dos métodos mais simples, mais do que a exibição mais imponente.

—Carta de Ellen White para Sra. S.M.I. Henry, 25 de março de 1899; publicado na *Review and Herald* (9 de maio de 1899).

Dois anos depois, ela escreveu em um artigo na *Review*, “Espírito Santo de Deus é quem acompanha e prepara obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do rebanho de Deus” (De Ellen White, *Review and Herald*, 15 de janeiro de 1901).

Em 1881, Tiago e Ellen White, em seu trigésimo quinto ano de casamento, passaram algumas semanas agradáveis juntos durante o verão em Battle Creek. James White completou sessenta anos de vida vigoroso em mente e corpo, apesar das doenças anteriores. Então, durante uma viagem com sua esposa, Tiago White ficou gravemente doente, falecendo em um sábado, 6 de agosto. Assim terminou um ministério matrimonial memorável.

Naquele outono, Sra. White foi morar com seu filho Willie (W. C. White) em Oakland, Califórnia. Ela falou em uma campal em Sacramento e nas igrejas da região. No ano seguinte, quando o Healdsburg College foi aberto, ela comprou uma casa por perto. Lá, ela trabalhou intensivamente em escrever sua compreensão das relações de Deus com a humanidade, pois ele lhe revelou este assunto. Ela também viajou muito. Em agosto de 1883, ela deixou a Califórnia para pregar no grande tabernáculo em Battle Creek,

Michigan, e em vários locais no leste dos Estados Unidos.

Após a morte de seu marido, Ellen White recebeu as credenciais e o pagamento de um ministro ordenado. A menos que a denominação tenha duas categorias de ministros ordenados, uma para Ellen White e outra para todos os outros clero ordenados, Ellen White era uma ministra ordenada (*Anuários, 1884–1915. Ver nota da escritora sobre o credenciamento de Ellen White no Apêndice A, 7.5; ver a listagem de ministros no Apêndice B*).

Em 1884, Sra. White, seu filho W. C. White e sua secretária Srta. Sara McCenterfer foram visitar a obra adventista do sétimo dia na Europa, uma missão da denominação à época. Ellen White imediatamente se dirigiu às empresas de crentes na área de Londres e falou em salões públicos. Ela trabalhou durante a maior parte dos dois anos na Europa. No Conselho Missionário Europeu, na Suíça, em setembro de 1885, ela pregou uma série de sermões nas reuniões da manhã. Ela também falou nas comissões. Ela insistiu em esforços contínuos para vender a literatura adventista, apesar dos resultados ruins. Inspirados pelo apelo da Sra. White, vários jovens se comprometeram em fazer uma nova tentativa de viver da colportagem; as escolas preparatórias para colportores foram realizadas na Dinamarca, Noruega e Suécia.

Durante uma visita agradável aos vales valdenses na Itália, Sra. White pregou uma dispersão de pequenas congregações.

No 4º Concílio Missionário Europeu, realizado em Great Grimsby, Inglaterra, no outono de 1886, as dificuldades de espalhar o adventismo na Europa tornaram-se dolorosamente visíveis. Sra. White incentivou persistência. Alguns obreiros responderam com determinação e fé. Outros pensaram que Sra. White não entendeu as dificuldades específicas da região. Outros queriam ter esperança no futuro, procurando uma base para otimismo.

Sra. White relatou enfaticamente como o assunto lhe foi apresentado em visão: o mundo parecia estar envolto em névoas, nuvens e escuridão; então ela viu pequenos jatos de luz aparecendo vagamente através da escuridão. Com o tempo, sua luz ficou mais brilhante e mais fontes de luz apareceram, iluminadas por causa das que já existiam.

Ela concluiu dizendo:

Este é um retrato da obra que vocês devem fazer. “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5:14). Sua obra é iluminar as pessoas ao seu redor. Aguentem firme. Aguentem um pouco mais. Luz com outras luzes. Não temam se a sua luz não for muita. Se for apenas uma pequena chama, continuem. Deixe brilhar. Façam o melhor, e Deus abençoará seus esforços.

—Ellen White, *Vida e Ensinos*, 295.

Ela visitou a Escandinávia, pregando e dando palestras de temperança. Para pequenos grupos de crentes na Alemanha, ela falou através de um intérprete. Ela cobriu uma grande variedade de tópicos, incluindo a auto-cultura das habilidades, a importância de conselho conjunto em humildade e viver de acordo com a regra de ouro.

Sra. White incentivou os obreiros da Europa em um momento crucial, gerando resultados positivos. Ela viveu para ver um crescimento encorajador da igreja na Europa e um grande aumento na venda anual de literatura cristã.

Sra. White passou outro período nos Estados Unidos dedicada à escrita, pregando em conferências e aconselhando nos concílios da igreja. Então a liderança da igreja solicitou que ela voltasse ao exterior, desta vez para a Austrália, para orientar o desenvolvimento da obra educacional lá. Em 12 de novembro de 1891, Ellen White e seu filho W. C. White, junto com quatro assistentes pessoais e de redação, embarcaram para viajar metade do mundo até a Austrália. Essa decisão foi resultado de uma deliberação do Conselho da Missão, que por sua vez resultou de um apelo pelo Pastor S. N. Haskell na Conferência Geral de 1891

para que uma escola de treinamento fosse estabelecida na Austrália para formar obreiros cristãos naquela região.

Em Honolulu, durante uma parada de 19 horas, Sra. White se dirigiu a uma grande audiência no salão da Associação de Jovens Cristãos. Ela passou seu sexagésimo quarto aniversário, em 26 de novembro de 1891, a bordo a caminho de Samoa, expressando gratidão a Deus e rededicando sua vida ao serviço dele. Uma semana depois, ela pregou sobre o amor de Jesus no primeiro grupo adventista do sétimo dia fundado ao sul do equador em Auckland, Nova Zelândia. Poucos dias depois, ela falou duas vezes à igreja em Sidney, Austrália.

Em Melbourne, Pastor George Tenney, presidente da casa publicadora, havia se mudado de sua nova casa e insistiu que Sra. White e seus ajudantes ficassem lá. Ela imediatamente se dirigiu às comissões para considerar o estabelecimento de uma escola. Ellen White pregava de tempos em tempos nos sábados na Igreja de Melbourne. Às vezes, ela precisava ser carregada pelas escadas da igreja, e, ocasionalmente, sentava-se em uma cadeira enquanto falava.

A Escola de Treinamento da Bíblia foi inaugurada em edifícios alugados em Melbourne, Victoria, Austrália, em 24 de agosto de 1892. A inscrição foi de 25 no início para 56 em junho. Ellen White recomendou a compra de uma fazenda no país, e uma propriedade de 1.450 acres foi encontrada em Cooranbong. Embora alguns líderes da igreja e especialistas em agricultura reagissem negativamente ao local, Sra. White acreditou que o Senhor estava nessa direção. Foi tomada uma decisão em 1895 para fundar uma escola lá (De “Avondale College,” *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia*, 91). Ellen White demonstrou sua confiança no projeto da faculdade em Avondale em Cooranbong, comprando propriedades nas proximidades e providenciando que uma casa fosse erguida; ela chamou de “Sunnyside.” Imediatamente ela instruiu que alguns de seus 66 acres fossem limpos e arados para que as árvores frutíferas fossem plantadas. Ela tinha certeza de que frutas e legumes poderiam ser cultivados lá.

Ela ainda demonstrou boa vontade emprestando 5.000 dólares para serem usados na construção da escola. Sra. White expressou repetidamente a opinião de que os ativos financeiros são de valor apenas, pois são usados para promover a obra do reino de Deus. “Uma alma salva no reino de Deus é mais preciosa que todas as riquezas terrenas” (Ellen White, *Vida e Ensinos*, 206). Ela cedeu direitos de futuros de livros para a construção de uma escola para treinar obreiros na Austrália. Ela colocou o primeiro tijolo na fundação do Bethel Hall, o dormitório feminino antecipado, em outubro de 1896. A Escola para Obreiros Cristãos foi inaugurada em 28 de abril de 1897, com dois edifícios parcialmente concluídos e 10 alunos. Foi uma obra de pura fé. No final do termo, a inscrição chegou a 60.

Ellen White permitiu que os recursos da venda de seu livro *Parábolas de Jesus* fossem aplicados para a redução do endividamento de US U\$ 23.000 da faculdade. Mais de US U\$ 20.000 da dívida foram liquidados dessa maneira.

Por um tempo, Ellen White “serviu, em certo sentido, como pastora local das igrejas de Kellyville, Prospect e Parramatta, N.S.W.” (*Bert Halovik, “Route to the Ordination of Women,” p. 18*). Ao mesmo tempo, ela estava terminando o livro *Desejado de Todas As Nações* e enviando testemunhos pessoais. Em seu papel pastoral, Sra. White travou guerra energética contra dificuldades econômicas sofridas por indivíduos e famílias durante uma grave depressão na Austrália.

Naquele momento, um não adventista que ouviu Sra. White falar e disse: “Eu nunca ouvi uma pregação com a dessa mulher em toda a minha vida. Essas pessoas fazem de Cristo o centro e o sistema completo da verdade” (*Ellen White, carta a J. H. Kellogg, 25 de outubro de 1894; Ellen White, carta a O. A. Olsen, 26 de outubro de 1894*).

Tendo pregado, guiado e contribuído financeiramente, Ellen White deixou uma base sólida para a obra educacional na Austrália quando retornou aos Estados Unidos em 1900.

Ao retornar à Conferência Geral de 1901 em Battle Creek, Sra. White viajou pelo sul dos Estados Unidos. Ela insistiu que as obras médica e educacional fossem estabelecidas nessa área e apontou a necessidade de preparar literatura adequada para a nova Associação de Publicação do Sul.

A capa deste livro mostra Sra. White falando na Conferência Geral de 1901 no Tabernáculo de Battle Creek. Naquela época, ela defendeu o estabelecimento de centros de treinamento na Grã -Bretanha e em outros países europeus, bem como no sul nos Estados Unidos.

Na Conferência Geral de 1903, Ellen White falou de forma persuasiva em favor de mover a sede da denominação de Battle Creek, após o incêndio que destruiu as edificações da Associação Geral e da *Review and Herald*. Mais tarde, ela incentivou a consideração cuidadosa da área de Washington, DC para a sede da igreja e da editora.

A Conferência Geral de 1909 foi a última a qual Ellen White se dirigiu pessoalmente aos líderes e membros da igreja. Seus sermões foram repletos de advertência para a Igreja, ensino bíblico e essência do evangelho. Embora tivesse 81 anos e com problemas de saúde, falou 72 vezes em 27 lugares na viagem de 13000 quilômetros, de ida e volta, de sua casa perto de St. Helena, Califórnia, às reuniões em Washington, DC (*White, Life Sketches, p. 416*)

De volta à sua casa em Santa Helena, “Elmshaven,” no vale de Napa, no norte da Califórnia, Sra. White se dedicou a conclusão da série Conflito dos Séculos, que retrata a providência de Deus em toda a história da Terra. Ela terminou Atos dos Apóstolos em 1911 e Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes em 1913.

Durante seus últimos anos, Ellen White continuava alegre como sempre. Ela adorava meditar em uma passagem das Escrituras ou ser levada para um passeio para ver as atrações da natureza. Em fevereiro de 1915, ela caiu em sua casa em Elmshaven. Um exame revelou uma costela quebrada. Se causou ou resultou da queda, não se sabe.

Depois disso, passou grande parte do tempo descansando em sua confortável sala de escritório no segundo andar. Ela relembra a história da igreja com ouvintes interessados, e esperava ver seu salvador na ressurreição.

Seu último sermão pregado, seu último artigo escrito, Ellen White morreu em 16 de julho de 1915, aos 87 anos de idade. À medida que as décadas passam, ela continua sendo um poderoso modelo para as mulheres chamadas por Deus para ministrar em sua igreja e evangelizar entre os não salvos.

Irmãos e irmãs, Deus me quer.  
—Hetty Hurd Haskell, 1884

### **Outras Ministras do Passado Breves Histórias**

As mulheres apresentadas nos sete primeiros capítulos de maneira alguma esgotam a lista de ministras na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Neste capítulo, vários exemplos adicionais são tratados brevemente.

Este capítulo é organizado em ordem alfabética e não cronologicamente. Para fornecer alguma perspectiva quanto ao tempo, observe que entre as primeiras ministras licenciadas estavam Sarah Lindsey (1872), Ellen Lane (1878) e Julia Owen (1878). Em 1878, a Conferência Geral adotou uma resolução para emitir uma licença ministerial para aqueles competentes e conhecedores da doutrina; no entanto, duas dessas mulheres receberam suas licenças ainda mais cedo, de associações locais (*De Bert Halovik, “Rota para a Ordenação de Mulheres na Igreja Adventista do Sétimo Dia: Dois Caminhos,” material não publicado, 18 de março de 1985*). Elas estavam na linha de frente.

Outras ministras que enriqueceram o passado de sua igreja aparecem neste livro apenas por menção de seus nomes no

Apêndice B, deixando espaço para mais pesquisas.

### **Hetty Hurd (Sra. S. N.) Haskell: 1857 a 1919** **Ministra licenciada 1901 a 1919**

O esboço da vida da Sra. S. N. Haskell, escrito pelo Pastor J. N. Loughborough perto de sua morte, ocupa quase três colunas na *Review and Herald* (de J. N. Loughborough, "Life Sketch of S. N. Haskell," *Review and Herald*, 20 de novembro de 1919, a fonte do material deste capítulo, juntamente com as informações fornecidas por Bert Halovik nos Arquivos da Conferência Geral) indicando o quanto Sra. Haskell era estimada pelos líderes da denominação. Por vários anos, ela e Ellen White foram listadas no anuário como ministras credenciadas pela Associação Geral, Ellen White, conforme ordenada (ver discussão sobre ordenação no Capítulo 7 e Apêndice A, 7.5) e Sra. Haskell como licenciada. Hetty Hurd Haskell trabalhou na obra evangelística por 34 anos.

Antes de se tornar uma adventista, Hetty Hurd era professora de escola distrital na Califórnia recebendo um bom salário 75 dólares por mês. Evidentemente capaz e independente, ela comprou seu próprio cavalo e carruagem para levá-la até o trabalho. Os administradores da escola ficaram tão satisfeitos com sua eficácia que lhe ofereceram um contrato vitalício.

Em 1884, ela concordou em visitar a campal adventista do sétimo dia de Oakland, Califórnia, com sua irmã e a família do seu cunhado, os Gray's, mas apenas porque ela gostava de acampar; foi combinado que ela não participaria de nenhuma reunião.

Para sua surpresa, Hetty gostou da música. Ela ficou do lado de fora do pavilhão para ouvir. Ela ouviu não apenas música bonita, mas também sermões sobre profecia e verdades bíblicas. Finalmente, quando um ministro falou sobre a herança futura dos salvos, Hetty decidiu: "Eu estarei lá." Srta. Hurd participou de estudos bíblicos, aceitou as verdades que ouviu e se juntou à Igreja Adventista em sua cidade natal, Lemoore, Califórnia.

Após a campal, os ministros Loughborough e Ings realizaram uma reunião em Lemoore, convidando os membros a enviar Sinais dos Tempos acompanhados pela correspondência pessoal. Hetty Hurd ordenou um clube de dez assinaturas para ela mesma enviar por e-mail. Pastor Loughborough percebeu que a Srta. Hurd ficou muito empolgada. Ela ficou corada e depois pálida; Eea agarrou o assento na frente dela. Por fim, ela se levantou e disse com uma voz tão sincera que suas palavras trouxeram lágrimas aos olhos de seus ouvintes: "Irmãos e irmãs, Deus me quer." Ela não explicou mais nada.

Após a reunião, os pregadores convidados foram jantar com os Gray's e Srta. Hurd. Antes da refeição, Hetty caminhou até o Irmão Ings e entregou seu relógio de ouro, alguns anéis e outras joias. Ele agradeceu e perguntou se isso era para pagar pelos materiais que ela encomendou. Ela respondeu que não, que poderia pagar por eles de outra forma; esta foi uma contribuição para a sociedade missionária da associação.

Um programa de treinamento para ensinar mulheres jovens a dar estudos bíblicos estava prestes a começar em São Francisco. Srta. Hurd decidiu se juntar. No final do período da primavera, ela parou de lecionar e iniciou seus 34 anos de serviço missionário, muito centrado em dar estudos bíblicos e treinar outros a ministrar efetivamente. Além disso, ela construiu uma reputação de pregadora poderosa. Ela foi chamada para treinar obreiros na Inglaterra, África e Austrália.

Enquanto trabalhava na Austrália, ela conheceu o Pastor Stephen N. Haskell. Eles se casaram em 1897. Depois disso, eles ministraram juntos, trabalhando pela primeira vez na Escola de Avondale. Após retornar aos Estados Unidos, eles publicaram a revista *Bible Training School* para ajudá-los no treinamento de obreiros para Deus.

Hetty Hurd Haskell como ministra licenciada trouxe muitas pessoas para seu Senhor; ela também preparou inúmeras outras pessoas para a obra missionária.

## **Emma Songer (Sra. G. R.) Hawkins: 1870 a 1926** **Ministra licenciada 1901 a 1911**

Emma Florence Songer, natural de Iowa, casou-se com G. R. Hawkins em 1893. Juntos, eles se envolveram no ministério evangelístico em Iowa, onde fundaram diversas igrejas.

O fato de ela ter sido licenciada como ministra por mais de uma década pela Associação Iowa indica que Sra. Hawkins contribuiu significativamente na Igreja Adventista. Emma Hawkins e Minnie Sype (capítulo 2) serviram como ministras licenciadas por vários anos ao mesmo tempo na Associação Iowa.

Irmão Hawkins escreveu No Boletim dos Obreiros de Iowa: “Na outra noite, enquanto Sra. Hawkins falava, ele [um “fazendeiro próspero”] ficou tão emocionado a ponto de derramar lágrimas. Ele se levantou no final da reunião e declarou sua intenção de manter o sábado” (*De G. R. Hawkins, “Wapello,” Boletim dos Obreiros de Iowa, 30 de julho de 1907*).

Sr. e Sra. Hawkins ministraram séries evangelísticas bem-sucedidas. A Igreja Keokuk dobrou de membros enquanto ministravam lá. (*De “Keokuk,” Boletim dos Obreiros de Iowa, 16 de abril de 1907, 163*). Sr. Hawkins foi logo ordenado.

Após ministrar em Iowa, os Hawkinses evangelizaram em Nebraska, Colorado e Illinois. Eles fundaram uma grande igreja em Danville, Illinois. Posteriormente, eles se mudaram para a Geórgia.

Enquanto Sra. Hawkins se preparava para a ala juvenil da campal, bem como para uma série para instruir as mães, ela foi atropelada por um caminhão ao atravessar a rua; ela morreu na hora. Esse desfecho repentino de seu ministério foi um choque para seus amigos, familiares e conhecidos. Eles velaram Emma Hawkins pessoalmente e também lamentaram a perda para a denominação (*Do obituário, Sra. Emma Florence Hawkins, Advent Review e Sabbath Herald, 16 de setembro de 1926, 22*).

## **Sarepta Irish (Sra. S. M. I.) Henry: 1839–1900** **Ministra licenciada 1898–1899.**

Quando criança, Sarapta Irish viajou por Illinois com seu pai amoroso e sábio, um ministro metodista pioneiro. Ele a ensinou a andar na carroça, usando a Bíblia como o livro, seja o tópico religião, leitura ou matemática. No final da adolescência, Sarapta se matriculou no *Rock River Seminary*. Ela era uma cristã comprometida desde a infância.

Aos 22 anos, ela se tornou Sra. James Henry. Quando o marido morreu, oito anos depois, Sarepta ficou com três filhos entre dois e sete anos para sustentar. Ela exerceu essa responsabilidade admiravelmente, confiando nas promessas de Deus enquanto trabalhava diligentemente para sustentar sua família.

Crendo ser chamada para a obra de temperança, Sra. Henry avançou de um começo humilde para se tornar evangelista nacional da União das Mulheres Cristãs para Temperança. Pouco tempo depois, uma doença paulatinamente reduziu suas capacidades a ponto de quase completa invalidez em 1895. No ano seguinte, ela se recuperou no *Battle Creek Sanitarium*, operado pelos adventistas, em Michigan. Enquanto internada lá, ela aceitou os ensinamentos adventistas do sétimo dia e, no final de 1896, se batizou na igreja. Com fervorosas orações, não muito tempo depois, ela foi curada. Isso permitiu à Sra. Henry retomar seu trabalho na WCTU.

Sarepta Henry instituiu um ministério da mulher na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi o primeiro esforço organizado na igreja para treinar pais e ajudá-los a enfrentar seus problemas particulares. Para ajudá-la em sua organização e pregações, Sra. Henry recebeu uma licença ministerial pela igreja adventista do sétimo dia de 1898 e 1899.

Sra. Henry escreveu rotineiramente para a *Review and Herald*. Títulos de alguns dos livros e panfletos de autoria dela indicam a diversidade de seus tópicos: *Espírito Permanente*; *Boa Forma e Etiqueta Cristã*; *Cruz de Mármore e Outros Poemas*; *Estudos para O Lar e Educação das Crianças*; e *A Oração Sem Resposta*.

A morte desta ministra ativa e talentosa em 1900 trouxe muitas pessoas a quem ela serviu muito tristes. Os enlutados lotaram o *Battle Creek Tabernacle* no funeral dela.

Posteriormente, sua influência continuou viva a medida que outras mulheres foram nomeadas para dar andamento a obra que ela estabeleceu para as mães (*De uma palestra do Dr. E. D. Dick na Reunião da Union College realizada na Conferência Geral, 30 de junho de 1885*; “*Sister S. M. I. Henry*,” *Advent Review e Sabbath Herald, 30 de janeiro de 1900, 64–69*).

### **Anna M. Johnson** **Ministra licenciada 1881–1884.**

Temos uma quantidade limitada de informações sobre uma ministra licenciada chamada Sra. A. M. Johnson, através da lista de ministras dos arquivos e da carta de sua neta:

Minha avó era ministra licenciada na Associação Minnesota em 1881. Estou providenciando uma cópia de sua licença. Ela realizou conferências evangelísticas. Meu avô ajudou liderando a música e oferecendo oração, mas era vovó quem pregava. Ela ainda pregava de vez em quando em sua igreja local quando eu era jovem, onde ouvia ela pregar.

Considerações, sua irmã em Cristo, Queda B. Bahnsen  
— Queda B. Bahnsen, Gresham, Oregon, Carta à autor, 1 de agosto de 1984.

### **Ellen S. Edmonds (Sra. E. B.) Lane** **Ministra licenciada 1878–1889.**

Enquanto frequentava a Escola Estadual em Ypsilanti, Michigan, Ellen S. Edmonds e E. B. Lane se conheceram e depois se casaram. Este casal adventista do sétimo dia se estabeleceu em uma fazenda em Bedford Township, esperando residir lá por toda a vida. No entanto, na *Review and Herald*, eles leram repetidos apelos para que adventistas comprometidos entrassem no ministério para preparar as pessoas para encontrar seu Senhor. Orando profundamente pela orientação de Deus, os Lane’s colocaram sua pequena fazenda à venda; uma semana depois, eles tiveram um comprador. Ainda assim, eles não decidiriam até procurar conselhos da liderança da igreja, particularmente Tiago e Ellen White. White’s os aconselharam a seguirem suas convicções. Lane’s venderam sua casa e ingressaram no ministério. Sr. Lane recebeu imediatamente uma licença para pregar.

Dois anos depois, os Lane’s se mudaram para a Missão Indiana. Suas vidas não foram livres de provações. A criança deles morreu e Sra. Lane contraiu um caso grave de febre tifoide. Apesar de tudo, eles continuaram no ministério. Eles trabalharam em vários estados e depois retornaram a Michigan.

Quando a Associação Michigan concedeu uma licença ministerial à Sra. Lane em 1878, ela se tornou uma das primeiras mulheres adventistas do sétimo dia a receber tal licença. Posteriormente, no mesmo ano, em 7 de outubro, sua licença de pregação foi renovada durante a Comissão Diretiva da Associação Michigan. Como a Sessão da Conferência Geral estava sendo realizada com os mesmos motivos simultaneamente, não podemos afirmar o licenciamento de uma mulher para pregar foi feito às escondidas da jovem denominação. A esposa de um ministro ordenado, Ellen Lane havia dado provas de seu próprio chamado ao ministério.

Às vezes, Sra. Lane realizou conferências evangelísticas por conta própria. Outras vezes, ela ajudou o marido. Pouco antes do Pastor Lane estar programado para iniciar uma campanha evangelística em Bowling Green, Ohio, ele ficou gravemente doente de difteria e enviou sua esposa no lugar dele. Sra. Lane iniciou a campanha; quando

o marido se recuperou, ele falava quando conseguia e ela pregava nos outros serviços.

Lane's realizaram conferências evangelísticas em diferentes partes de Ohio, até o Sr. Lane ficar gravemente doente. Ele hesitou em informar sua esposa sobre sua condição porque não queria interromper as reuniões dela. Por fim, ele achou melhor contar a verdade para a sua esposa. Infelizmente, ele estava mais doente do que imaginou, morrendo logo depois.

Após o período de luto pelo seu companheiro, ela assumiu seus deveres ministeriais sozinha (“*Comunicados: Pastor E.B. Lane,*” *Review and Herald*, 23 de agosto de 1881; Bert Halovik, “*Rota para Ordenação de Mulheres na Igreja Adventista do Sétimo Dia: Dois Caminhos,*” 18 de março de 1985, artigo não publicado, p. 8).

### **Sarah A. Hallock (Sra. John) Lindsey Ministra licenciada 1872**

Convertida ao adventismo, a jovem Sarah Hallock escreveu questões teológicas profundas para a *Review*. Durante a Guerra Civil, ou logo depois, ela se casou com um jovem ministro leigo, John Lindsey. O entendimento de que o tempo era curto trouxe pedidos urgentes de líderes denominacionais para uma participação mais ampla na obra por ministros leigos. Com esse incentivo, Sarah Lindsey começou a pregar em 1867. Seis pessoas foram batizadas como resultado de suas primeiras reuniões evangelísticas. No início de 1869, Sarah e John juntaram esforços.

A causa do advento foi assolada por apostasia e problemas morais durante o final da década de 1860. No entanto, uma nova força na forma da equipe dinâmica de marido e mulher de pregação de Sarah e John Lindsey trouxe coragem à liderança da igreja.

Brian Strayer fornece detalhes interessantes em seu artigo sobre o ministério de Sarah Lindsey:

Em janeiro, eles se uniram a Nathan Fuller para uma conferência evangelística em Wellsville, Nova York, por três sábados “pregando a palavra” no púlpito. Então eles andaram a pé em meio a 40 cm de neve até o Pleasant Valley, onde Sarah pregou 23 vezes sobre os sinais dos tempos, a segunda vinda de Cristo e várias profecias de Daniel e Apocalipse. Tal itinerário de pregação pública era incomparável com qualquer outra mulher adventista, exceto Ellen White. Em maio, Sarah falou seis vezes na União Oeste. Seu marido John, que relatou essas reuniões à *Review*, deixou de mencionar se ele pregou ou não!

—Brian E. Strayer, “Sarah A. H. Lindsey: Advent Preacher on the Southern Tier,” *Adventist Heritage* (Outono de 1986): 16–25.

Viajando pelo oeste de Nova York e Pensilvânia com seu marido, Sarah pregou, conduziu funerais, deu estudos bíblicos e ensinou.

Ministros eram escassos; portanto, os Lindsey's incansavelmente enfrentaram a neve à deriva durante o inverno de 1870–1871 para levar as notícias da salvação e o retorno esperado de Jesus aos assentamentos ao longo da fronteira entre Nova York e Pensilvânia. No verão seguinte, Sarah e John pregaram em Hornby, Catlin e Beaver Dam, Nova York, além de Knoxville, Alva, Mountanha Armênia e Lawrenceville, Pensilvânia.

As cartas de agradecimento pela pregação dos Lindsey's foram escritas na *Review* pelo editor em Beaver Dams, Nova York, e muitas outras pessoas. Não é de surpreender que o trabalho dos Lindsey's tenha sido reconhecido por ambos serem licenciados como ministros em agosto de 1872. Eles continuaram seu trabalho na área conhecida como “Estados do Sul,” e os líderes da igreja testemunharam a um espírito de avivamento quando visitaram o casal (*De Bert Halovik, “Rota para a ordenação das mulheres”;* *Review and Herald*, 14 de novembro de 1878, 158; *Review and Herald*, 3 de janeiro de 1899).

**Julia (Sra. G. K.) Owen: 1840–1898**  
**Ministra licenciada 1878–1895**

Mais tarde, no mesmo ano em que Ellen Lane foi credenciada pela Associação Michigan, Julia Owen, em 1878, recebeu uma licença de pregação semelhante da Associação Kentucky-Tennessee. Assim, no primeiro ano em que o licenciamento de ministros foi praticado pela denominação com a ação Associação Geral, duas mulheres ministras foram licenciadas.

Julia Owen foi casada com um ministro ordenado, Pastor G. K. Owen. No entanto, a liderança da igreja a reconheceu como indivíduo ao ministério. Ela trabalhou como ministra do Evangelho por mais de vinte anos e foi licenciada de 1878 a 1895. Ela morreu em 1898. (Haloviak, 5).

**L. Flora (Mrs. Frank) Plummer: 1862–1945**  
**Ministra licenciada 1893**

Flora Plummer era uma jovem casada que lecionava no ensino médio em Nevada, Iowa, quando participou de reuniões evangelísticas conduzidas por A. G. Daniells no ano de 1885. No ano seguinte, após uma luta espiritual, ela se entregou a Cristo e se tornou adventista do sétimo dia. Conforme sua natureza dinâmica, ela imediatamente se tornou uma obreira fervorosa da igreja, enviando literatura e conduzindo estudos bíblicos.

Membro ativo da Associação da Escola Sabatina de Iowa, Flora Plummer se tornou presidente em 1891. Quatro anos depois, ela foi escolhida para ler um artigo perante o Conselho Geral da Escola Sabatina, quando esteve em Battle Creek, Michigan. A obra da escola sabatina estava ganhando força; com seu entusiasmo por este ministério, Flora Plummer estava na vanguarda.

Sra. Plummer foi eleita secretária da Associação Iowa em 1897. Durante parte do ano de 1900, atuou como presidente interina da Associação Iowa, quando o presidente se mudou para a Califórnia. Ela foi uma administradora habilidosa sem igual. Ainda naquele ano, ela se tornou Secretária da Escola Sabatina da Associação Minnesota.

Como delegada, Flora Plummer participou da Conferência Geral de 1901. Lá, o Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral foi organizado pela primeira vez, e Flora Plummer se tornou sua secretária de correspondência.

Quando a Associação Geral se mudou para Washington, DC em 1905, o marido da Sra. Plummer também mudou suas atividades para a Capital. Embora Frank Plummer não tenha sido adventista do sétimo dia até os últimos dias de sua vida, esse homem atencioso se mudou com sua esposa, acompanhando a carreira dela.

Em 1905, os Plummer's adotaram duas crianças. Flora, então, passou a desfrutar de sua própria família, além de sua grande família da escola sabatina.

Sra. Plummer se tornou editora da Obra da Escola Sabatina em 1904 e carregou essa responsabilidade, exceto por alguns meses, durante todos os anos, até sua aposentadoria em 1936.

Como resultado de seu excelente trabalho como secretária de assinaturas, em 1913, Sra. Plummer foi eleita Secretária do Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral, equivalente ao cargo moderno do diretor departamental. Ela ocupou esse cargo por 23 anos.

Pastor H. D. Singleton disse sobre Flora Plummer: “Ela foi poderosa em seu tempo.” Ele lembrou o uso de cartas, banners e fitas para alcançar metas como levar as pessoas à Escola Sabatina no horário. “Durante o reinado dela,” lembrou o Pastor Singleton, “a Escola Sabatina estava na flor da idade” (*De Pastor H. D. Singleton, Wheaton,*

*Maryland, conversa telefônica com a autora, 6 de dezembro de 1988).*

Sra. Plummer entendeu a Escola Sabatina como uma entidade salvadora de almas. Professora por natureza, promoveu treinamento para professores da Escola Sabatina.

Doações da Escola Sabatina para missões subiu de U\$ 22.000 anuais no primeiro ano de sua atuação no Departamento da Escola do Sabatina da Conferência Geral, 1901 para U\$ 2.000.000 anuais antes do final do seu mandato.

Sra. Plummer escreveu extensivamente. Além de trinta anos de editoriais para o *Obreiro*, ela escreveu muitos artigos para a *Review and Herald* e livros como “O Professor Ganhador de Almas,” “O Espírito do Professor,” e “História da Escola Sabatina de 1904 a 1936.”

Mesmo após os problemas de saúde que levaram a sua aposentadoria em 1936, ela continuou ativa. Apesar de sua fraqueza, ela escreveu lições de campais para crianças e foi autora de duas lições da escolas sabatina tratando do Livro dos Atos e da Vida de Cristo.

Durante a maior parte de seus 36 anos de obra, a credenciamento da Sra. Plummer foi a licença missionária. Ela recebeu uma licença ministerial em 1893, na Associação Iowa. Seu pagamento como diretora departamental era o mesmo de um ministro ordenado.

Flora Plummer morreu em 8 de abril de 1945. Em seu funeral, conduzido por quatro líderes da Associação Geral, prestou-se uma grande homenagem ao seu esplêndido trabalho de dirigir e promover o Departamento da Escola Sabatina por muitos anos, deixando uma influência que durará até o fim dos tempos. Sua obra na Escola Sabatina cooperou extensivamente para o crescimento da denominação durante o primeiro terço do século XX (Da *Review and Herald*, 24 de maio de 1945; R. A. Anderson, *Columbia Union Visitor*, 9 de agosto de 1945, 5; e uma conversa telefônica com H. D. Singleton).

### **Ura Joy Spring: 1873–1971 Ministra licenciada 1910**

Ura Joy Spring, nascida em Indiana em 1873, casou-se com um jovem ministro e com ele serviu nas Índias Ocidentais. Essa jovem esposa e mãe construiu igrejas ao lado do marido. Quando retornou aos Estados Unidos, Sra. Spring se especializou em evangelismo infantil. Ela conciliou e integrou seu ministério, sua própria família e a comunidade da igreja. Ela trabalhou também no Colorado, Arkansas e Nebraska.

Sra. Spring está listada no Anuário de 1910 como ministra licenciada na Associação Nebraska. Ela morreu em 1 de março de 1971, como resultado de ferimentos sofridos no terremoto da Califórnia em Sylmar (*Da Review and Herald*, 6 de maio de 1971, 46; *Pacific Union Recorder*, 13 de maio de 1971, 7).

### **Mabel Alice Vreeland: 1895–1985**

Essa ministra bem conhecida pastoreou todo o distrito de Adirondak no estado de Nova York por muitos anos, desempenhando todas as funções ministeriais, exceto batismo. Ela pregou, conduziu comissões e ajudou a levantar tendas para as campais ao lado de seus colegas do sexo masculino.

Mabel Alice Vreeland nasceu em Massachusetts em 1895. Após se formar no ensino médio, ela trabalhou para uma ministra unitariana, Srta. Margaret Varnard, em Bernardston, Massachusetts. Dentre outras responsabilidades, ela levou Srta. Varnard a muitos compromissos. Talvez essa experiência inicial com uma ministra fez com que Mabel Vreeland pensasse no ministério como uma carreira aceitável para uma mulher. Sendo uma adventista do sétimo dia, Mabel, por um tempo, ensinou na Escola Dominical Batista em Bernardston.

Ela estudou no Lancaster Junior College, hoje o Atlantic *Union College*, em Massachusetts, se formando em 1920. Enquanto ela era estudante, Mabel e outras jovens comprometidas da faculdade contribuíram com o trabalho voluntário, às vezes em tempo integral, para as vítimas da terrível epidemia de gripe que varreu Clinton e Lancaster durante a Primeira Guerra Mundial.

Após a formatura, Mabel começou seu trabalho ao longo da vida para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, servindo como instrutora bíblica em igrejas em Boston, Pittsfield e Springfield.

Em 1924, ela se mudou para o norte de Nova York e trabalhou para a Associação Nova Iorque, até sua aposentadoria em 1960. Como obreira bíblica, ela preparou os convertidos nas igrejas em Albany, Rochester, Buffalo, Elmira, Cortland, Siracusa e Watertown.

Enquanto trabalhava em Watertown, Mabel Vreeland foi convidada pela administração da associação para pastorear esse distrito. “A coragem, resistência e fé de Mabel sempre foram fortes,” escreveu David Knott, “mas acredito que essas qualidades foram postas à prova no distrito de Snow Belt em Nova York.” Como não havia outras pastoras na associação, “Mabel foi pioneira em todos os sentidos” (*De “Descansando em Paz: Mabel Alice Vreeland,” David W. Knott, AUC Setta, Summer, 1985, 26*).

Durante 1951, como nenhum pastor se interessou em pastorear o frio distrito de North Adirondack em torno do lago Saranac, os líderes da associação perguntaram a Mabel se ela aceitaria o desafio. Ela se dispôs. Sua ingenuidade e dedicação foram desafiadas pelos desafios e os perigos que o clima proporciona.

O distrito consistia em três igrejas a 106 quilômetros de distância. Embora Mabel não tenha sido mecanicamente inclinada, com seus carro e pneus usados, ela arriscou em meio a neve profunda, desvios em estradas isoladas no clima de inverno, chegando a temperaturas cair a -40° C. Ela teve aventuras para se relacionar de suas viagens naquelas estradas solitárias e cheias de neve, às vezes quilômetros de distância de alguma presença humana. Anjos devem ter sido seus companheiros de viagem.

Pastorear três congregações iam muito além de pregar: manter as vendas de bolos para atender às despesas, pintar e fazer trabalhos de reparo, enquanto visitava e ministrava constantemente às necessidades dos membros.

Srta. Vreeland continuou esse ritmo exaustivo até que seus problemas de saúde com câncer levassem à sua aposentadoria em 1960. Então ela trabalhou para recuperar sua saúde. Ela cuidadosamente arou o solo e, a partir dele, cultivou plantas saudáveis para alimentos. Seu espírito alegre e dieta saudável resultaram em uma melhoria significativa na saúde dela. Ela viveu mais de 25 anos após seus problemas de saúde, morando em sua fazenda.

Após a aposentadoria, Mabel Vreeland continuou a participar das atividades da igreja. Até os 81 anos, ela alegremente se encarregou do dormitório da campal de dez dias realizada pela Associação Nova York em Union Springs, Nova York, onde ela pode ver muitos amigos e convertidos.

Uma mulher intensamente ativa que exemplificou amor, fé e alegria em sua vida, essa ministra pioneira deixou memórias profundamente gravadas nas mentes de seus ex-membros e amigos (*Do Dr. Otilie Stafford, South Lancaster, Massachusetts, entrevista com o autor; David W. Knott, South Lancaster, Massachusetts e Betty Cooney, Manhasset, Nova York, cartas ao autor; David W. Knott, “Descansando em Paz”*).

“Não foi uma voz humana que me chamou para a obra mais importante, o chamado no ministério. Foi a voz calma e suave de Deus nos eventos da minha vida e nas meditações do meu coração.”

—Penny Shell

### **Ministras Ativas e Aposentadas Breves Exemplos**

O número de mulheres atuando no ministério na Igreja Adventista do Sétimo Dia aumentou consideravelmente desde que este livro foi publicado pela primeira vez em 1990. Dúane Schoonard, Secretário Associado do Departamento Ministerial da Divisão Norte Americana, escreveu na Contato de junho–julho de 2003: “Atualmente, existem 425 clérigas na Divisão Norte-Americana. Dessas, 237 são empregadas pela denominação. Outras 19 estão servindo em “ambientes não adventistas”, incluindo hospitais, lares de idosos, prisões, hospícios e indústria.<sup>1</sup>

Além dessas mulheres trabalhadoras no DNA, em todo o mundo do adventismo, existem outras mulheres evangelistas, pastoras e administradoras que servem ao Senhor.<sup>2</sup>

Por mais que desfrutemos de um relatório sobre cada uma dessas ministras, o legado delas vai muito além. Estou amplamente baseando o material deste capítulo sobre mulheres que participaram da Segunda Conferência das Ministras Adventistas do Sétimo Dia (realizado pela Associação Ministerial da DNA no *Cohutta Springs Conference Center*, de 14 a 17 de setembro de 2003) e que cooperativamente preencheu um formulário de informação que distribuí durante o evento.<sup>3</sup>

### **Brillhart, Rebecca**

Rebecca diz que seu chamado veio gradualmente enquanto trabalhava com mulheres no ministério como coordenadora no projeto TEAM. “Meus colegas ‘afirmaram’ em mim o que Deus estava me preparando por 10 anos.” Ela está completando um mestrado em Divindade no *Wesley Theological Seminary* em Washington, D.C.<sup>4</sup>

O cargo da pastora Brillhart, desde 1997, é Pastora de Discipulado na Igreja Adventista Sétimo Dia de Sligo em Takoma Park, MD. Anteriormente, Becky tinha um ministério leigo para discipular crianças em Sligo. Ela preparou crianças e batizou aproximadamente 15 candidatos.

Alguma frustração? Sim, “Programas, programas, programas! Eu prefiro uma ênfase individual do ministério.” Precisamos dizer, no entanto, que Becky faz excelentes programas bem planejados para a bênção e desfrute dos membros de Sligo e de seus muitos visitantes.

O que a pastora Brillhart acha especialmente gratificante em sua carreira? “Discipular, cuidados pastorais, aconselhamento e visitação. Estou trabalhando no cuidado contínuo de novos membros.”

### **Bumgardner, Leslie Helfer**

Leslie Helfer se converteu ao adventismo enquanto estava no ensino médio. Credo ter sido chamada ao ministério, estudou no *Walla Walla College*, em Washington, e obteve um bacharelado em religião. Quando percebeu que ela poderia não exercer um cargo ministerial, ela fez uma segunda formação em economia doméstica.

Leslie trabalhou como assessora legislativa e chefe de gabinete congressista estadunidense Thomas Foley, e foi gerente do departamento de alimentação no Hospital Adventista Shady Grove, em Maryland.

Leslie Bumgardner se mudou para Worthington, Ohio, onde uma conversa com o pastor reacendeu o desejo de Leslie de entrar no ministério. A única oportunidade disponível, no entanto, era como secretária de meio período no escritório da igreja, a qual aceitou. Leslie discutiu seu sonho com o próximo pastor sênior e foi contratada

---

<sup>1</sup> Ao todo, são 73 pastoras, 47 instrutoras de Bíblia, 43 capelãs em instituições médicas, 11 esposas de pastores atuando como associadas, 39 estudantes de pós-graduação, 26 somando professoras de Bíblia, professoras de teologia, capelãs do campus e outros.

<sup>2</sup> Para obter mais informações sobre essas obreiras ao redor do mundo, consulte cópias do Mosaico do Departamento do Ministérios da Mulher da Associação Geral.

<sup>3</sup> Você também pode saber mais sobre outras ministras da IASD, consultando o Atual anuário da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

<sup>4</sup> Tempo da Equiparação no Ministério Adventista (TEMA).

como obreira bíblica em tempo integral. Um ano depois, em 1985, sob um terceiro pastor, Leslie passou a ser pastora associada na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Worthington.

Em 1990 Leslie, com um grupo forte, fundou uma igreja em Dublin, Ohio.

Ela se juntou a equipe da Igreja do Walla Walla College Igreja em 1994. Como uma dos cinco pastores, ela supervisiona o Programa de Enfermagem Eclesiástico e o Departamento de Saúde, juntamente com outros serviços de atendimento pastoral.

Por alguns anos, Pastor Bumgardner batizou candidatos que ela preparou à igreja. Ela vê repetidamente evidências de que Deus a quer no ministério e lhe deu esse chamado.

### **Compton, Maggie M.**

Maggie diz sobre seu chamado: “Desde a infância (por volta dos 6 ou 7 anos), senti o chamado de Deus para contar aos outros sobre o amor de Jesus. Primeiro, fui enfermeira porque não havia oportunidades para as mulheres no ministério na década de 1970. Eu forneci cuidados espirituais então, mas em 1990 Deus abriu a porta da capelania para mim.”

Maggie conclui o bacharel em teologia pelo *Oakwood College* em 1995 e Mestre em Divindade no ministério pastoral da *Andrews University*. Em 1998, ela fez um estágio de capelania no Hospital Metodista de Bronson, em Kalzadoo, MI, e depois, em 1999, uma residência na capelania no Centro Médico Regional de St. Joseph, em South Bend, IN.

Compton foi a capelã dos funcionários protestantes do Sistema de Saúde da Administração de Veteranos de Ann Arbor em Ann Arbor, MI. Anteriormente, ela ocupou outros cargos como capelã e ministrou cuidados paliativos na Louisiana e no Texas.

Maggie Compton se frustrou com desrespeito e a desconsideração às mulheres no ministério. No entanto, Deus “sempre confirmou meu ministério, me concedendo oportunidades honrosas de compartilhar seu amor com os doentes e desanimados.” Capelã Compton se sentiu recompensada com seu ministério em hospital e os cuidados paliativos.

Quando atuou como enfermeira em 1983 no Hospital dos Veterano em Alexandria, L. A, Maggie compartilha sua experiência:

Certa noite, o Senhor me levou ao lado da cama de um homem que nunca experimentou a graça salvadora de Jesus Cristo. Eu, em obediência à vontade de Deus, fiz um apelo para que ele aceitasse o plano da salvação. Ele aceitou e, 20 minutos depois, morreu em seu quarto. Não conseguimos ressuscitá-lo. Quando a família dele chegou, eles ficaram muito felizes em saber que ele aceitou Jesus como seu salvador pessoal.

Quando comecei meu treinamento ministerial no *Oakwood College* em 1990, eu realmente tinha me esquecido dessa experiência, mas o Espírito Santo me lembrou. Ele me disse: “É isso que eu quero que você faça. É por isso que eu a trouxe para o *Oakwood College*.”

### **Farley, Linda**

A preparação de Linda Farley para seu trabalho atual inclui um bacharelado em religião e um mestrado em ministério especializado (cuidados pastorais e aconselhamento). Ela foi capelã da equipe no Kettering Medical Center e agora é gerente de serviços pastorais lá.

Ela batizou uma pessoa, enquanto prepara muitos outros para este sacramento. Qual a frustração dela? Ouvir alguém negar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem pastoras. Pastora Farley diz que não consegue mais ficar quieta quando alguém nega.

Esta pastora gosta de visitar e prestar cuidados. Ela diz: “Adoro trabalhar com pessoas de diferentes religiões.”

### **Ferreras, Marlene Mayra**

Marlene Mayra Ferreras foi dinamicamente envolvida como pastor de jovens de uma congregação espirituosa, a Igreja do Campus Hill em Loma Linda, CA. Ela se formou em junho de 2003 na *Universidad de La Sierra*, com ênfase em Estudos em Religião e Espanhol e especialização em línguas bíblicas. Em julho de 2003, Marlene ficou feliz ao ser contratada em tempo integral pela Associação Califórnia Sudeste para ministrar na Campus Hill Church. Ela está no “caminho da ordenação” com a associação, para a credencial comissionada-ordenada concedida da mesma forma nessa associação a homens e mulheres candidatos quando demonstram aptidão ministerial (Ver p. 166)

Marlene demonstrou seu dom para a obra do Senhor cedo, pois foi ordenada como diaconisa aos 16 anos e como anciã aos 18 anos. Ela diz: “A única coisa consistente na minha vida é Deus. Pensar que ele me chamou foi assustador, porque eu sabia que teria de dar tudo de mim. Mas Deus tem sido fiel a mim e eu seguirei sua liderança em tudo.”

Sua maior frustração é pregar em espanhol, sendo ela hispânica, mas enfrentar forte rejeição nessa cultura. Para lidar com isso, ela depende de Deus para “forças para suportar, palavras para falar e conforto para curar.”

O que esta pastora faz de melhor? Ela escreveu: “Gosto de pregar e compartilhar com as pessoas o poder de Deus. Observar Deus usar as pessoas é emocionante. Ver o evangelho transformar vidas, inclusive a minha no processo.” Ela também escreveu: “A vida é maravilhosa e o ministério é ainda melhor!”

Sra. Ferreras testemunhou o poder de Deus em seu ministério. Ao ungir um homem perdendo a visão dele, Marlene diz que “sentiu Deus colocar sua mão sobre nós.” Duas semanas depois, o homem encontrou Marlene na igreja e olhou para ela com lágrimas nos olhos, exclamando: “Eu posso ver!”

### **Gober, Carla**

Enquanto viajava pela Alemanha, olhando para uma estátua de Martinho Lutero, Carla Gober sentiu que o Deus que escolheu Lutero também a escolheu. Ela tinha 18 anos.

Como ela começou no ministério? Enquanto trabalhava como enfermeira, em determinado momento, Carla definitivamente sentiu o chamado de Deus, mesmo sem se voluntariar. No entanto, dentro de uma semana, o pastor Clarence Schilt ligou e disse a Carla: “Quero que você pregue na minha igreja.”

Surpresa, Carla perguntou: “Por que eu? Eu sou apenas uma enfermeira em uma unidade de saúde.”

“Bem,” disse o pastor Schilt após pensar um pouco, “digamos que me Deus tocou o meu coração.”

Depois que ela pregou a pedido do pastor Clarence algumas vezes, Carla, a pedido de amigas, participou de um retiro feminino onde Kay Kuzma foi a oradora. Perto do final, Kay disse que, se alguém se sentisse chamada para testemunhar, era para subir e dar seu testemunho. Quando Carla foi até Kay para dizer algo sobre o retiro, Kay lhe disse: “Gostaria de convidá-la a pregar no meu próximo retiro.” “Você me conhece?” perguntou Carla. “Já me ouviu pregar?”

Kay respondeu “não” para as duas perguntas. Então, para a jovem intrigada, Kay simplesmente disse:

“Confiemos em Deus.” No ano seguinte, Carla e outra jovem fizeram todo o retiro, sob os olhares de Kay Kuzma. Em Clarence Schilt e Kay Kuzma, Carla Gober encontrou mentoras dispostas e capazes para avançar no chamado de Deus. Carla ficou tão emocionada com a ajuda de Kay Kuzma, que, desde então, abriu espaço para outras pessoas testemunharem em seus programas.

A educação de Carla inclui diplomas de bacharel em Religião e Enfermagem pela *Southern Adventist University* e mestrado em Educação, Saúde, Casamento, Família e Aconselhamento Infantil pela *Universidade de Loma Linda*. Ela tirou licença sabática da *Universidade de Loma Linda* para fazer um doutorado em Estudos em Religião na *Universidade de Emory*, esperando no outono de 2004 retornar à *Universidade de Loma Linda* para lecionar na Faculdade de Religião.

Carla batizou candidatos que ela preparou na igreja.

### **Haloviak, Kendra**

Após se formar na Takoma Academy, em Maryland, Kendra Halovik recebeu um bacharelado no *Columbia Union College* em 1989 com ênfase em teologia e inglês.

Kendra passou um ano como pastora interina na Igreja Adventista do Sétimo Dia Kettering, em Ohio. Suas responsabilidades incluíram ministério para estudantes da Escola Médica da *Kettering College*. Em 1990, começou um mestrado em religião do Seminário Teológico da *Andrews University*. Durante seu ano na Andrews, Kendra foi pastora associado da Igreja Adventista do Sétimo Dia de All Nations em Berrien Springs, Michigan.

Em 1991, Kendra foi convidada a ingressar na equipe pastoral da Igreja Adventista Sétimo Dia do Sligo em Takoma Park, Maryland. Suas responsabilidades específicas incluíam ministérios de jovens e planejamento de adoração. Em janeiro de 1993, Kendra ingressou no Departamento de Religião do *Columbia Union College*, lecionando para estudantes que se preparam para o ministério adventista e para quem recebe créditos de educação geral.

As experiências no ministério congregacional e na sala de aula influenciaram o interesse de Kendra no Livro do Apocalipse. Ela buscou esses interesses em um programa de doutorado na União Teológica de Pós-Graduação em Berkeley, Califórnia, produzindo uma dissertação intitulada *Mundos em Guerra, Nações Cantando: Visão Geral e Imaginação Teológica nos Hinos do Livro de Apocalipse*.

Após concluir seu doutorado, Kendra lecionou na Universidade La Sierra, em Riverside, CA, em 2002.

Uma adventista de sexta geração que aprecia sua herança, a motivação e a esperança de Kendra para o ministério vêm convite final das Escrituras: “O Espírito e a noiva dizem: — Vem! Aquele que ouve, diga: — Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22:17).

### **Ibanez, Carmen**

Carmen diz: “Senti-me chamada ao ministério aos 15 anos.”

Ela é pastora associada na Igreja de Azure Hills, na Califórnia. No passado, Carmen atuou como pastora associada nas igrejas hispânicas de Inland, Riverside e Loma Linda.

Carmen batizou pelo menos seis candidatos.

Ela é ricamente recompensada por seus esforços na organização do ministério de jovens e crianças, bem como por interações individuais.

Uma provação para a pastora Ibanez é a falta de apoio e preconceito de alguns membros e pastores hispânicos. Como Deus a ajuda a lidar com isso? Por um lado, chamando-a para uma igreja anglófona. “Além disso, recebi muito apoio dos jovens que eu pastoreei. Amigos são a maneira de Deus de me manter sã.”

## **Johnson, Brenda**

Brenda Rogers era uma estudante da Universidade de Boston que tinha “tudo” na vida, exceto paz e satisfação quando uma jovem da Cruzada Universitária por Cristo compartilhou do relacionamento alegre dela com Cristo. Brenda foi convidada naquela noite a aceitar o Salvador em sua vida.

“Quase imediatamente,” diz ela, “a única coisa que eu queria era servir a Deus em tempo integral no ministério pelo resto da minha vida, custasse o que custar.” Tornou-se líder da Cruzada Universitária na Universidade de Boston e depois ingressou em uma equipe evangelística da cafeteria. Ela levou os jovens envolvidos com drogas e ocultismo para o Senhor.

Certa noite, ela testemunhou para um jovem seminarista. A única teologia que ela conhecia era pedir a Jesus Cristo em seu coração e nascer de novo. O jovem se dispôs a repetir a simples oração de pecador, aceitando Jesus como seu salvador pessoal. Três meses depois, ele pediu a Brenda em casamento. Ela seria a esposa de um ministro! Para ela, este foi um “chamado.”

Brenda se casou com Philip Johnson em 1972. Embora ela não pudesse frequentar o seminário, Brenda trabalhou como empregada doméstica para Phil estudar; então ele repassava para ela o aprendia no seminário. Quando ele se graduou na *Trinity Evangelical Divinity School* e se perguntaram qual denominação ministrar, tiveram problemas. Os batistas não estavam interessados nos Johnson's porque falavam em línguas, mas as Assembleias de Deus também não estavam interessadas porque, embora o casal falava em línguas, eles não acreditavam que falar em línguas fosse normativo para todos os cristãos cheios de Espírito. Então eles decidiram se tornar missionários do lar e plantar sua própria igreja carismática no belo estado do Maine.

Eles ficaram no Maine apenas algumas semanas quando se ajoelharam implorando ao Senhor pela sua doutrina. Naquele mesmo dia, Phil conheceu um adventista do sétimo dia pela primeira vez. Para ele e Brenda, o sábado do sétimo dia fez sentido, então não viram escolha a não ser acreditar no quarto mandamento. Os ensinamentos adventistas sobre morte, inferno, saúde e a segunda vinda também fizeram sentido. Eles se tornaram adventistas do sétimo dia no outono de 1974. A maior decepção deles foi esperar muitos anos para “se estabelecer na verdade” antes que pudessem ser considerados aptos para o ministério adventista.

Após três anos, os Johnson's, com dois meninos, foram para o Seminário Teológico da IASD. Eles não tinham patrocínio.

Demorou apenas seis meses, financeiramente difícil, mas espiritualmente estimulante, para que eles recebessem um chamado para o ministério em Dakota do Norte. Phil e Brenda amavam o ministério e se dedicaram ao máximo em seu distrito de duas igrejas. Depois de quatro anos, Phil foi ordenado. “Naquele momento,” diz Brenda, “ser a esposa do Pastor Phil foi o maior chamado que poderia imaginar.”

Após a ordenação de Phil, eles foram chamados para o West Líbano, New Hampshire. Os meninos começaram a estudar, então Brenda decidiu procurar um emprego.

Nada além do ministério lhe interessou. “Comecei a sentir que esse era um chamado e que não poderia ser feliz fazendo outra coisa.” Seu marido se perguntou, do ponto de vista prático, se ela ganharia suficiente para ajudar na educação de seus filhos.

Ela decidiu obter um diploma universitário por meio do Programa de Graduação para Adultos do *Atlantic Union College* com ênfase em teologia. Graduando-se pela *AUC* com um bacharelado em Ministério Pessoal, ela foi

imediatamente contratada como obreira bíblica. Quando o casal se mudou para a cidade de Nova York em 1990, Brenda foi contratada pela associação através de um programa especial com a Conferência Geral que pagou metade de seu salário com a estipulação de que ela recebesse um salário ministerial integral, algo raro para uma mulher naqueles dias. Em dois anos ministrando ali, eles batizaram 50 pessoas, mais da metade preparados pela Brenda.

Na Conferência Geral de 1990, Brenda estava presente para ouvir a discussão sobre a ordenação de mulheres. Não era um tópico que ela havia considerado antes. Mas quando saiu o resultado da votação, ela chorou amargamente, e “percebeu no fundo da alma dela que tudo o que queria era ser reconhecida como ministra do Senhor, uma ministra ordenada.” No entanto, Brenda compreendeu o que a igreja falou e decidiu esquecer esse momento doloroso. A discussão na Conferência Geral de 1995 trouxe tudo de volta: “mas eu estava ainda mais convicta do meu chamado.”

Johson’s se mudaram para Livingston, NY, onde Brenda trabalhou meio período como capelã e meio período como obreira bíblica. Ela foi diretora do Ministério das Mulheres da Associação Grande Nova York.

Depois se tornou capelã em tempo integral. Seu marido pediu que ela pregasse duas vezes por mês em seu distrito de duas igrejas. Ela fez isso por dez anos.

Brenda fez residência na Educação pastoral clínica, um mestrado em divindade pelo Seminário Batista do Norte e créditos para um possível doutorado.

Atualmente, Brenda divide seu tempo entre capelania hospitalar e ministério pastoral da equipe com o marido, ainda pregando duas vezes por mês. Johson’s passaram a pastorear as igrejas de Glen Ellyn e Northbrook, Illinois. Brenda espera ser certificada na primavera de 2005. Ela diz que, sem nenhuma dúvida, que Phil ficou feliz dela ter estudado.

### **Knott, Esther Ramharacksingh**

Aos três anos de idade, Esther começou a compartilhar seu amor por Jesus. Ela deu seus primeiros estudos bíblicos após seu primeiro ano na faculdade. Quando as pessoas com quem ela estudou escolheram seguir Jesus, Esther ficou emocionada. Durante seu terceiro verão da faculdade, ela trabalhou com uma equipe evangelística. Novamente, ela ficou impressionada com o fato de que, através de seu trabalho, as pessoas pudessem formar uma imagem mais clara de Deus e amá-lo.

Aqueles que viram sua obra e seu testemunho poderiam supor erroneamente que Esther fosse uma especialista em teologia. Ela diz que lutou contra seu chamado para o ministério. No entanto, durante seu último ano, ela finalmente mudou sua ênfase para a religião. Ela encontrou paz de espírito quando disse “sim” ao chamado de Deus por sua vida.

À sua especialização em religião, Esther acrescentou outras em educação física e saúde; ela usou esse treinamento adjunto em ministérios, deu estudos bíblicos e preparou batismos.

Esther atuou como capelã do campus na *Broadview Academy* 1980–1983 e como capelã assistente na *Andrews University* 1985–1987. Ela trabalhou no Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana, liderou campais e retiros bíblicos e realizou uma semana de oração no *Grand Valley Academy*, no Texas.

Esther Ramharacksingh se juntou à equipe pastoral da Igreja Adventista Sétimo Dia de Sligo em 1990. Após se casar com Ron Knott, ela continuou sua carreira no ministério. Ela se transferiu para a pioneira Igreja Memorial no campus da *Andrews University* em 1997, onde suas trabalhou em cuidados e treinamento pastorais, pequenos grupos e discipulado.

Em 1996, Esther teve a ordenação aprovada pela Associação Potomac, também registrado pela União Columbia. No Serviço Anual de Ordenação na campal de Potomac, com tudo preparado igualmente para Esther e seus colegas, mas ela “recebeu um pedaço de papel diferente.”

Portanto, se ou quando a ordenação das mulheres for aprovada pela denominação, Esther diz que não precisaria passar por outro serviço de ordenação.

### **Kretschmar, Juanita**

Durante anos, Juanita presidiu voluntariados de Nova York, uma obra de fé envolvendo muitos voluntários e contribuições espontâneas. Juanita foi diretora de saúde e temperança, serviços comunitários e missão urbana da Associação Grande Nova York. Ela pregou em igrejas locais, em campais e retiros. Juanita e seu marido, Merlin Kretschmar (presidente da Associação Grande Nova York), conduziram diversos retiros espirituais.

Após a aposentadoria, Merlin e Juanita se mudaram para o Florida Keys e criaram um ministério único, A Key Encounter Nature Theatre e Planetarium. Tanto turistas de todo o mundo quanto visitantes locais, entram, recebem literaturas, conforme apropriado, incluindo estudos bíblicos, e podem ser visitados e receber orações como a situação indica.

### **Losey, Tammy**

Tammy se sentiu chamada aos 18 anos ser afirmada repetidamente “por aqueles que eu servi e por nosso Deus fiel!”

Imediatamente após receber seu bacharelado em teologia pela *Universidade de La Sierra*, Tammy deu à luz a gêmeos e ficou em casa com eles até atingirem idade escolar. Quando foram para a escola, ela retornou para suas atividades pedagógicas e profissionais. Ela tem um mestrado em Ministério Pastoral e se dedicou a um programa equivalente ao Mestre em Divindade como preparação para entrar em um programa de doutorado.

Tammy Losey foi pastora executiva da Igreja Adventista de *Mountain View* em Las Vegas, Nevada. Anteriormente, ela atuou como obreira bíblica, pastor de crescimento de igreja e evangelismo, pastora dos ministérios das mulheres, pastora de jovens e pastora associado. Ela teve o privilégio de batizar cerca de 30 candidatos que preparou.

Questionada sobre contratempos, ela responde: “Embora eu tenha tido muitas frustrações como mulher no ministério, não são nada em comparação com a alegria de servir ao nosso Senhor no ministério em tempo integral. Com a ajuda de Deus, tento manter o foco em direção à eternidade.”

Embora Tammy goste de pregar e ensinar, ela também fica feliz em encorajar, equipar e capacitar outros para servir ao Senhor. Ela oferece um ministério de restauração para pessoas com problemas emocionais, e quebrantadas espiritual e fisicamente.

Pastora Losey aprecia profundamente as contribuições de mulheres e homens que se sacrificaram para abrir portas para pastores e pastoras servirem igualmente como ministros.

### **Neall, Beatrice Short**

Embora Beatrice Neall tenha feito uma ênfase em teologia modificada, ela não viu nenhuma maneira de entrar no ministério além da rota que seguia: se casar com um ministro. Ela e seu marido ministro serviram no Camboja, Vietnã e Cingapura. Beatrice ensinou a Bíblia aos enfermeiros, conduziu treinamento ministerial no Vietnã e, de 1971 a 1974, foi professor de Bíblia no *Southeast Asia Union College*. Licenciada, ela fez mestrado e doutorado em educação religiosa na *Andrews University*, enquanto aproveitava a oportunidade para se matricular em muitos

cursos do seminário.

O livro do Dr. Neall, *O Príncipe e O Rebelde*, alude a uma luta no Camboja enquanto retratava o Grande Conflito, foi traduzido para 12 idiomas e cerca de 50.000 cópias foram distribuídas em campos de refugiados para cambojanos.

Dr. Neall iniciou sua docência no *Union College* em Lincoln, Nebraska como professora de teologia e idiomas bíblicos em 1977.

Ela foi homenageada como Mulher do Ano pela Associação de Mulheres Adventistas em 2003 com o Prêmio Liderança Espiritual.

### **Oberg, Chris**

Pastora Oberg aceitou um chamado para se tornar pastora sênior da Igreja de Calimesa na Associação Sudeste da Califórnia em abril de 2005. A igreja tem 1200 membros.

Ela é pastora associado na Igreja da *Universidade de La Sierra* há quatro anos.

### **Osborn, Norma Keough**

Mãe e professora de escola da igreja, Norma Osborn, já havia concluído o diploma de bacharel e mestrado em educação quando, por causa de suas evidentes habilidades e experiência em educação, foi convidada a fazer parte da IASD de Sligo como pastora associada do Ministério da Criança. A partir de 1989, a pastora Osborn batizou candidatos que ela preparou, incluindo sua filha.

Na congregação de 3.000 membros de Sligo, em Takoma Park, Maryland, Norma desfrutou de seu ministério com apoio e incentivo. No entanto, ela, às vezes, desejou que houvesse mais mulheres em posições semelhantes para que, quando se deparassem com as alegrias e tristezas do ministério, elas se sentissem compreendidas; e quando uma ideia funcionasse bem, ela pudesse compartilhá-la. Estamos felizes que, durante os 15 anos desde que Norma expressou esse desejo e este livro foi publicado pela primeira vez, muitas outras mulheres foram chamadas para o ministério adventista.

Após ajudar a plantar uma igreja em Hoboken, N.J., Norma se mudou para o Centro Comunitário de Oração da IASD em Alexandria, VA. Nesta dinâmica igreja afro-americana, ela desfrutou das “pregações maravilhosas de Henry Wright e músicas vibrantes.”

Osborn's se mudaram em 2001 para o *Pacific Union College*, onde o pastor Osborn assumiu o Ministério da Família na igreja da faculdade enquanto seu marido se tornou o reitor da faculdade.

Norma comentou sobre sua posição: “Acredito de todo o coração, e sempre fico totalmente surpreso, que o Senhor me quer aqui. Sua vontade é o que importa para mim.”

### **Ripley, Heather**

Heather lutou contra seu chamado ao ministério e acordou que seguiria a liderança de Deus na obra se não tivesse que falar. “No senso de humor de Deus,” reconhece ela, “agora amo pregar.”

Sua preparação incluiu suas experiências de pastorear enquanto estudante e estagiária da Associação Texana, juntamente com seu “aprendizado de livros”, que contribuiu para um bacharelado em teologia da *Southwestern Adventist University* e um Mestrado em Divindade da *Andrews University*. Atualmente, ela está trabalhando em um doutorado em liderança e formação espiritual no *George Fox Evangelical Seminary*. Heather também

aprendeu muito com seus pais, ambos pastores (ver Lynn Ripley neste capítulo).

As responsabilidades atuais de Heather são pastora sênior de um distrito de duas igrejas nos condados de Brownwood e Coleman no Texas. Pesquisando, vê-se que o Condado de Coleman no Texas possui uma população de 9.710 pessoas apenas. É uma região de ranchos e fazendas, onde Heather foi apelidada de “*cow pastor*”. Ela explica que uma mulher para quem deu estudos bíblicos doou ganso e peru como dízimo. Heather mostrou até uma “vaca como dízimo”.

A frustração de Ripley surge de “não temos tempo para fazer tudo!” Deus permite que ela lide com esse problema, ajudando-a a estabelecer limites.

Qual a recompensa desta jovem pastora? Tornar a espiritualidade real para uma pessoa, algo que afeta todas as partes de sua vida; pregando, visitando, adorando com jovens, alcançando pessoas com orientação secular, ministério da criança e evangelismo contemporâneo. Ela teve o privilégio de batizar cerca de dez convertidos.

### **Ripley, Lynn**

Lynn Ripley é pastora associada da Primeira Igreja de São Paulo e atua como diretora de Ministérios da Mulher para a Associação Minnesota. Seu esposo Davi é ministerial da associação.

Lynn se graduou em Teologia e Idiomas Bíblicos pela *Southwestern Adventist University*, e fez mestrado em Ministério Pastoral na *Andrews University*. Lynn já serviu como pastora associada não remunerada, e esse ato de fé a fez ser contratada pela Associação Texas como pastora associada da Igreja Adventista de North West Houston.

Ripley’s trabalharam anteriormente na Associação Colúmbia Britânica no Canadá, onde Lynn era capelã de uma escola de ensino fundamental e médio e diretora do Ministério da Mulher, enquanto David atuou como ministerial.

Sra. Ripley batizou aproximadamente 15 pessoas enquanto preparava outra. Ela se vê recompensada em orientar mulheres, famílias e jovens no ministério ativo.

### **Roberts, Sandra**

Sandra Roberts ministrou muitos anos no Ministério de Jovens e acampamentos de verão, começando quando era estudante. Por cinco anos, ela foi pastora associada da IASD de Corona, Califórnia. Em 2000, tornou-se diretora associada do Ministério Jovem na Associação Sudeste da Califórnia.

Sra. Roberts foi eleita em 7 de novembro de 2004 como Secretária da Associação Sudeste da Califórnia. Ela é a primeira mulher a ser eleita como oficial em alguma associação da União do Pacífico.

### **Salcedo-Gonzales, Myriam**

Myriam diz: “No geral, levei 22 anos para atuar na minha verdadeira vocação e chamado.” Ela é pastora associada da White Memorial Church em Los Angeles, Califórnia. Desde 2000, ela é trabalha como Pastora de Saúde e Evangelismo.

Como Myriam chegou nesse cargo? Quando ela tinha oito anos de idade, seu pai se tornou pastor. Quando criança, acompanhava o pai em visitas e estudos bíblicos, o observou e o ouviu pregar, e, assim, sentiu o chamado de Deus para fazer o mesmo. Além de seus pais, outra referência foi Ana Rosa Alvarado, uma obreira bíblica que serviu como pastora sem ter o título oficialmente.

Com certeza do que ela estudaria, Myriam, em 1985 se tornou a primeira estudante mulher do Antillian College (em Porto Rico) a se formar como Bacharel em Teologia. Posteriormente, ela participou de um programa de

extensão da *Andrews University* em Porto Rico e obteve o Mestrado em Religião em 1988. Ela também tem um mestrado em Aconselhamento, Liderança Escolar e Administração.

Pastora Salcedo-Gonzales diz que sua paixão é evangelismo, ou mais especificamente para apresentar a incrível graça de Jesus a todos que precisam. Ela gosta de pregar, dar estudos bíblicos e organizar programas evangelísticos, como seminários baseados em necessidades e ações sociais. Ela também se sente recompensada quando visita membros da igreja. Myriam gosta de falar nos retiros femininos.

Até a conclusão deste material, Myriam batizou 15 pessoas.

### **Schoonard, Dúane**

Após a sessão da Conferência Geral de 1995, o Presidente da Divisão Norte A.C. McClure pediu uma Comissão sobre Mulheres no Ministério da NAD. Presidido por Harold Baptiste, secretário da divisão, a Comissão fez recomendações abrangentes às reuniões de final de ano do NAD em 1997, entre elas que uma mulher seja adicionada à equipe da Associação Ministerial da NAD. Dúane Schoonard foi selecionada para ser uma dos três diretores associados da Associação Ministerial da NAD.

Dúane atua como pastora de crescimento espiritual na IASD de Collegedale, no Tennessee, desde agosto de 1998. Anteriormente, ela pastoreou na Associação Flórida e atuou como capelã no Hospital da Flórida por sete anos. Ela tem um bacharelado em teologia pelo *Atlantic Union College* e um mestrado em Aconselhamento em Saúde Mental. Pastora Schoonard tem um casal de filhos já casados.

Pastora Schoonard cuida das mulheres ministras com cuidado e pensamento criativo. Ela organizou duas conferências nacionais para elas, e providenciou para que as Ministras da NAD se encontrassem na Conferência Geral de 2005.

### **Sheldon, Jean**

Jean Sheldon lembra que, no segundo ano do *Pacific Union College*, enquanto estava residencial feminino, ela percebeu que Deus a chamou para fazer Teologia. Ela contou: “Senti a presença de todos os três membros da divindade enquanto eles me ungiam de maneira semelhante aos sacerdotes levitas para a tarefa.”

Ela se preparou para a obra com um Bacharelado em Religião pela *Andrews University* em 1982; obteve um Mestrado em Religião (Estudos Bíblicos) pela *Universidade de Loma Linda* em 1984; e um Doutorado em Religiões do Oriente Médio em conjunto pela Universidade da Califórnia, Berkeley e a Graduate Theological Union em 2002.

A Dra. Sheldon está exercendo seu chamado como professora associada de religião no *Pacific Union College*. Ela gosta de ensinar e orientar estudantes, escrever para o público geral e acadêmico, palestrar em seminários, pregar sermões, ensinar em classe de Escola Sabatina, e liderando grupos de estudo da Bíblia.

Ela foi instrutora em religião no *Hong Kong Adventist College*, 1984–1987.

### **Shell, Penny**

Através do contato de Penny com Valerie Phillips, uma capelã do *Battle Creek Sanitarium*, Penny percebeu que uma mulher poderia ser capelã, e que ela e Valerie tinham aptidões em comum. Enquanto Penny cuidava de seus pais, que morreram de câncer dentro em um ano, ela ouviu o chamado tranquilo de Deus para o ministério.

Como preparação, Penny fez um mestrado em religião e doutorado em educação religiosa na *Andrews University*. Ela foi membro associado do Colégio de Capelães.

Penny foi a primeira capelã e diretora de atendimento pastoral do Hospital e Centro Médico Thorek em Chicago. Ela se mudou para capelania do Hospital Adventista Shady Grove, em Maryland, onde se tornou diretora de cuidados pastorais e liderando uma grande equipe. Penny conduziu funerais e casamentos, além de seus serviços na capelania. Ver os resultados de seu ministério permitiu que ela acreditasse: “Sim, eu sou ministra.”

Depois de 11 anos em Shady Grove, em 1999, Penny se mudou para o Centro de Recursos Femininos da *Universidade de La Sierra* como diretora assistente, tornando-se diretora em 2002. Ela também trabalha algumas horas por semana como pastora de visitação para a Igreja da *Universidade de La Sierra*

### **Small, Heather-Dawn**

Pequeno de Heather-Dawn trabalha no Departamento de Ministérios da Mulher da Associação Geral desde 2001; como diretora assistente, ela viajou para muitas divisões mundiais da Igreja Adventista. Ela atuou como diretora interina do departamento, atuando um diretor ser escolhido na Conferência Geral de 2005. Treinamento em liderança para mulheres tem sido uma parte importante de seu trabalho.

Heather-Dawn, natural de Trinidad e Tobago, serviu por cinco anos como diretora de Ministérios da Mulher e Infantil da União Caribe.

### **Stenbakken, Ardis**

Como diretora do Ministério da Mulher da Associação Geral de Adventistas do Sétimo Dia, Ardis Stenbakken pregou literalmente no mundo todo. Além disso, Deus lhe concedeu habilidades administrativas para permitir que outras mulheres pregassem ao redor do mundo também! Sob a liderança da Pastora Stenbakken durante o ano de 2003, o Ministério da Mulher realizou 100.385 séries evangelísticas, resultando em 96.288 batismos.

Pastor Stenbakken solicita especialmente oração para mulheres que ministram entre mulheres muçulmanas, porque seu isolamento e ostracismo podem ser de partir o coração.

Enquanto Stenbakken se aposenta da Diretoria dos Ministério da Mulher, seu marido, Dick Stenbakken, se aposenta como diretor do Ministério de Capelania Adventista. Que eles continuarão a ministrar, não temos dúvidas, pois retornaram ao amado Colorado deles.

### **Strykowski, Carolyn J. H.**

Carolyn experimentou seu chamado pela primeira vez quando, como uma garota católica de 10 anos, “estava um dia mudando as cortinas do tabernáculo na igreja vazia e silenciosa. Em um momento precioso, queria que os outros soubessem a alegria de um relacionamento próximo com Deus, e ansiava por ‘ajudar a Deus acontecer’ na vida dos outros, para que eles conhecessem o amor de Deus tão plenamente quanto ela.”

Embora Carolyn tenha crescido em St. Joseph, Michigan, a 13 quilômetros da *Andrews University*, passaram muitos anos até manter contatos com adventistas em Berrien Springs. Quando teve, o Espírito Santo usou belos serviços conduzidos pelos jovens para tocar seu coração. O pastor Dwight Nelson, da Igreja Memorial Pioneer, e sua esposa, Karen, pacientemente cuidaram e responderam as muitas indagações dela. Anteriormente ativa na Igreja Católica, foi batizada como adventista do sétimo dia no sábado da Páscoa em 1990. Por causa disso, seu pai não falou com ela por nove meses.

Carolyn seguiu a liderança de Deus sobre uma estrada que incluía o voluntariado, um mestrado no ministério pastoral e educação pastoral clínica. Ela foi diretora de cuidado pastoral em Lakeland em St. Joseph, Michigan, um programa que iniciou; capelã no Hospital da Flórida, Orlando; e capelã plantonista em Mishawaka, Indiana. Atualmente, ela é capelã hospitalar para o meio-oeste na área de Chicago. Carolyn gosta de liderar grupos de

crescimento espiritual semanais em uma unidade psicológica, em alas de maternidade para mães de recém-nascidos e pacientes cardíacos.

Ela foi anciã da grande Pioneer Memorial Church.

Experiências que parecem proibitivas a muitos são aquelas onde Carolyn encontra seu chamado: ela adora “caminhar com as pessoas no pranto, na perda, na doença,” nas tragédias da vida. Ela os chama para “Aqueles QUE estão aos olhos de Deus, não importa a circunstância.”

### **Vincross, Tara Vinyard**

Tara escreveu sobre seu chamado: “Como eu estava envolvida no ministério de jovens no verão como diretora assistente, senti Deus me chamando para o ministério em tempo integral. Senti uma paixão ardente em minha alma para compartilhar a alegria, a paz, o amor e a totalidade que só podem ser encontrados em Jesus. Eu sabia que não poderia fazer mais nada. Esse chamado foi reconhecido e afirmado por meus mentores e líderes.”

Tara se formou em bacharelado em teologia pela *Southwestern University* em 2002. Ela está atuando como Diretora Jovem Associada na Associação Washington, usando sua energia criativa para ajudar a projetar uma série doutrinária de sucesso para juvenis. Tara está animada em se preparar para pregar sua própria série evangelística completa. Ela foi abençoada por batizar oito pessoas que ela preparou.

Associação Washington patrocinou o seminário da Sra. Vincross em 2005.

Tara representa dezenas de mulheres jovens em nossas faculdades e seminários em todo o mundo e no campo sendo orientada para usar seus dons de maneira eficaz para Jesus no ministério.

### **Watts, Kit**

Kit Watts foi pioneira ao se juntar à equipe pastoral da Igreja Sligo SDA em 1973 como Ministra de Publicações. Ela descobriu que seus dons eram adequados para o cargo.

No entanto, por ser pioneira, ela descobriu que grande parte de sua energia era consumida em defender um lugar para as mulheres. Isso reduziu a oportunidade de se envolver mais no próprio ministério. Além disso, não havia cargo semelhante que pudesse ocupar quando se mudou de Sligo.

Portanto, Kit obteve um mestrado em Ciências Bibliográficas e passou oito anos como bibliotecária periódica na *Andrews University*. Enquanto trabalhava lá, ela se especializou com um mestrado em religião.

Em 1987, Kit foi para a *Adventist Review* como editora assistente. Ela sentiu um chamado “no sentido de querer ajudar a voz de Deus, suas preocupações, e garantir que sua voz seja ouvida no mundo. Percebi que Letras é o meu dom: às vezes escrevendo, às vezes pregando, outras vezes revisando.”

Depois de uma década na *Review*, Kit saiu para trabalhar meio-período como diretora do Centro de Recursos Femininos, localizado na *Universidade de La Sierra*, e meio-período como chefe do Departamento de Comunicação da Associação Sudeste da Califórnia. Em 2002, ela passou a trabalhar integralmente na associação, onde é assistente do Presidente de Comunicação. Ela ainda continua sendo coordenadora de projetos especiais para o Centro de Recursos Femininos.

Kit é a única mulher a ser membro de todas as comissões adventistas oficiais do sétimo dia criadas para estudar a questão da ordenação feminina em 1973, 1985, 1988 e 1989. Pensando no tempo que se passou, ela está muito preocupada com outras mulheres para que sejam usadas integralmente na obra do Senhor.

## **White, Jan**

Jan White é pastora associada ara cuidado pastoral e obras sociais na IASD de Calhoun, Geórgia. Ela foi a primeira mulher comissionada ministra na Associação Geórgia-Cumberland, em 2003. Seu marido, Phil White, é o pastor sênior de Calhoun, formando um casal ministerial.

Anteriormente, Pastora White atuou como diretora de Ministérios da Mulher e Diretor de Ministérios da Família da Associação Washington e pastora associada nas igrejas de North Cascade e na *Ausburn Adventist Academy*.

“Desde criança, sempre fui apaixonada por Jesus,” lembra Jan, “e, lecionando após me formar na faculdade, tive o privilégio de preparar minha primeira pessoa candidata para o batismo.”

Jan tem um Bacharelado em Religião pelo *Walla Walla College* e um Mestrado em Religião pela *Andrews University*.

Pastora Jan White desfruta de muitos aspectos da obra ministerial, incluindo visitar membros ativos e inativos, dar estudos bíblicos em pequenos grupos, e pregar em grupos de oração.

Ela falou de Jesus no mundo todo, incluindo uma série evangelística nas Filipinas com uma equipe do Ministério da Mulher. Que emoção quando mais de 400 pessoas foram batizadas! Jan compartilha o crédito modestamente com a população local, dizendo que eles fizeram a maior parte do trabalho de preparação para a série.

Nos Estados Unidos, a influência de Jan é amplamente aproveitada, já que ela fala nos retiros femininos.

Enquanto escrevia este material, a Pastora White já batizou mais de 20 candidatos.

## **Williams, Hyveth**

Hyveth Williams é Pastora Sênior da IASD de Loma Linda Hill em Loma Linda, Califórnia, desde 1996. Cinco pastores associados trabalham com ela em um programa abrangente e enérgico.

Anteriormente, Williams pastoreou a IASD do Templo de Boston. Foi uma tarefa desafiadora. A estrutura histórica ficou tão degradada a ponto da associação cogitar vendê-la. A frequência caiu para cerca de 50 pessoas. Não houve pastor por 18 meses até Hyveth, orar sinceramente, e, em 1989, aceitar o desafio de ministrar à igreja em declínio.

Pastora Williams começou a trabalhar arduamente e pediu orações. Afastados voltaram de universitários das redondezas começaram a frequentar.

Hyveth os amou e os inspirou a seguir Jesus. Membros e amigos doaram e trabalharam para reparar bancos quebrados, telhado com vazamento, substituir o tapete envelhecido e pintar paredes.

Pastor William G. Johnsson, editor da *Adventist Review*, pregou na rededicação do santuário. Em relação ao evento, ele escreveu que o clima era de “Ação de Graças, regozijando-se, maravilhando-se, e sentindo fazer parte de um milagre.”<sup>5</sup>

Na autobiografia de Hyveth, *Vou Aprender?*, escreveu ela francamente sobre a vida antes de sua conversão, quando experimentou lutas comuns a muitos convertidos. Ela foi batizada como adventista do sétimo dia em 1979. Enquanto estudava no *Columbia Union College* (e seu filho, Stephen, na *Takoma Academy*), Hyveth sentiu o chamado para o ministério. Ela serviu como estagiária ministerial estudantil na IASD Pennsylvania Avenue e

---

<sup>5</sup> William G. Johnsson, "Born to Grow," *Adventist Review* (22 de março de 1990): 4.

se formou no *CUC* em 1985.<sup>6</sup>

Hyveth era uma das sete mulheres e 450 homens que começaram a estudar no outono de 1985 no Seminário Teológico da IASD em Michigan. Ela foi aceita no seminário provisoriamente, sem nenhum patrocínio da associação. Ela se perguntou se receberia um chamado para o ministério.

Hyveth recebeu um chamado para servir na equipe da grande IASD de Sligo em Takoma Park, Maryland, como coordenadora de evangelismo, com tempo reduzido para continuar os estudos no seminário. De Sligo, Hyveth foi chamada para o Boston Temple e depois a Igreja do Campus Hill, como indicado acima.

Outro livro de Hyveth foi publicado recentemente, *Segredos de Um Coração Alegre: Uma Nova Perspectiva sobre O Sermão do Monte*.<sup>7</sup>

“Alguém pode proibir a água de batizar pessoas que receberam o Espírito Santo, como nós?”

### **“Alguém Pode Proibir?” Uma Analogia Bíblica**

Depois de falar com a voz de uma contadora de histórias, não resisto a me tornar “pregadora” neste último capítulo e na conclusão. Revise comigo, se preferir, releia o relato de Atos 10 e 11 e reflita sobre sua relevância para a situação atual. Esse segmento da história da igreja primitiva me deu coragem quando entrei no ministério em 1973.

Pedro, esperando o almoço no terraço em Cesareia, teve uma visão. Ele viu um grande lençol aberto pelos quatro cantos; nele viu bestas, répteis e pássaros excluídos da dieta de acordo com as leis bíblicas. Ao mesmo tempo, uma voz instruiu: “Levante-se, Pedro! Mate e coma” (At 10:13, NAA. As citações bíblicas são da NAA, a menos que indicado de outra forma.

Pedro protestou: “De modo nenhum, Senhor! Porque nunca comi nada que fosse impuro ou imundo.” “Não considere impuro aquilo que Deus purificou,” respondeu a voz. Isso aconteceu três vezes, e, em seguida, aquele objeto foi levado de volta para o céu.

Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados por Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta. Eles pediram que Pedro visitasse o centurião, garantindo eles se tratar de um homem de caráter excepcional. Considerando a mensagem da visão ser relevante para esse convite incomum, Pedro acompanhou os mensageiros ao lar dos gentios.

Para Cornélio e os que estavam ali reunidos, Pedro disse: “Vocês bem sabem que um judeu está proibido de se juntar a um gentio ou de entrar na casa dele. Tão forte era a proibição para judeus não se misturarem com gentios que Pedro considerou ilegal.

Convencido como ele estava da direção do Espírito, Pedro, no entanto, antecipou problemas com a liderança da igreja quando ele voltou; por esse motivo, ele trouxe colegas para testemunhar o que quer acontecesse.

Como Pedro contou sobre os ensinamentos e obras de Cristo, atestados por seus companheiros, que pregou sobre o juízo e remissão dos pecados, ele ficou surpreso ao ver o Espírito Santo caindo sobre seus ouvintes. Eles aceitaram ansiosamente suas palavras, e Deus visivelmente os aceitou.

Peter e seus companheiros consultaram juntos brevemente. Eles podiam ouvir esses gentios se converterem

---

<sup>6</sup> Hyveth Williams, *Will I Ever Learn?* (Hagerstown, Maryland: *Review and Herald Publishing Association*, 1996).

<sup>7</sup> Hyveth Williams, *Secrets of a Happy Heart: A Fresh Look at the Sermon on the Mount* (Hagerstown, Maryland: *Review and Herald Publishing Association*, 2004).

falando em línguas e exaltando o Deus verdadeiro. “Alguém pode proibir a água de batizar pessoas que receberam o Espírito Santo, como nós?” (At 10:47). Perguntou Pedro. Então, ele assumiu a responsabilidade pelo batismo dos gentios convertidos em nome do Senhor Jesus Cristo. Uma barreira estabelecida no tempo foi quebrada.

Após estabelecer seus convertidos na fé, Pedro e seus companheiros retornaram a Jerusalém, muito felizes porque haviam sido instrumentos do Espírito Santo.

Logo depois, Pedro foi interrogado pelos outros apóstolos. Por que, queriam eles saber, Pedro aceitou ilegalmente pessoas incircuncisas na igreja?

Ele contou aos líderes da igreja como o Espírito Santo confirmou aqueles gentios convertidos. Por esta razão, explicou Pedro, ele não se sentiu à vontade para impedir o batismo em Cristo, pois gentios receberam o batismo do Espírito Santo “exatamente como nós.”

Os líderes da Igreja de Jerusalém aceitaram a evidência. Eles não apenas pararam de se opor, mas realmente glorificaram a Deus. Eles se alegraram que seu Senhor queria tanto judeus quanto gentios. Esta história destaca uma reviravolta dramática na política da igreja primitiva.

Quando assumi os deveres de um pastor associado na década de 1970, pensei que, se Deus tem o prazer de chamar as mulheres para o ministério e abençoá-las com uma parte de seu Espírito Santo, então essa ação da parte de Deus em breve se tornará evidente. Nesse ponto, certamente a igreja deixará de considerar a ordenação das mulheres ao ministério inapropriada (na verdade, uma resolução que favorece a ordenação das mulheres ao ministério foi feita já em 1881; ver Apêndice C, p. 235), assim como a igreja primitiva deixou de considerar ilegal a aceitação dos gentios na fé.

No entanto, à medida que os concílios anuais e as sessões da Conferência Geral se seguiram por anos com os resultados de “estudos adicionais” repetidos, nunca resultando em total aceitação, outras ministras e eu ficamos perplexas. Após anos de de serviço no ministério sem ver um movimento em direção à ordenação, pensei a princípio que minha esperança derivada desse modelo bíblico não se concretizaria.

Ainda mais tarde, percebi que a analogia se sustentava, mas de uma maneira diferente do que eu esperava. A denominação agora é muito maior que a igreja primitiva, geográfica e numericamente, e, portanto, o progresso no ministério das mulheres até este ponto tem sido local e não global. Onde houve uma oportunidade para as mulheres aceitarem o chamado de Deus, ocorreu uma demonstração da presença do Espírito Santo, e, em muitos casos, a liderança está mais do que disposta a aceitar mulheres no ministério. As associações Potomac e Sudeste da Califórnia, nas quais um grupo crescente de mulheres ministrava durante as últimas duas décadas, apoia oficialmente suas ministras, Ohio também. Durante 1989, duas uniões (Comitê Executivo da Conferência da União Colúmbia, em 4 de maio, e a da União Pacífico em 7 de junho) votaram ações aprovando a ordenação de mulheres qualificadas, em geral ou especificamente. Estas duas administrações concordaram em adiar a ordenação até depois da sessão da Conferência Geral de julho de 1990 (*ver o Apêndice C para ações relevantes realizadas na Conferência Geral de 1990*). A analogia bíblica sustenta que, como as mulheres são chamadas ao ministério e abençoadas pelo Espírito Santo, o reconhecimento da aceitação de Deus é seguido em muitos casos pela aceitação da liderança da igreja.

Até que a denominação decida aceitar completamente suas ministras, ainda haverá mulheres chamadas por Deus para carregar as responsabilidades do trabalho evangelístico, pastoral, aconselhamento e estudos bíblicos, pois é algo que elas podem fazer.

No entanto, elas procuram o tempo em que os líderes convictos da igreja perguntarão: “Alguém pode proibir” essas mulheres de receberem plena participação no ministério, na medida em que “receberam o Espírito Santo como nós?”

Porque Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação.  
— 2 Timóteo 1:7

## *Considerações Finais*

### O Espírito do Futuro

Estamos olhando para o futuro por meio do passado, ao mesmo tempo tentando manter uma instituição firme no presente. Este livro é sobre mulheres que experimentaram um chamado para o ministério, um fenômeno reconhecido pelo Corpo de Cristo, pelo menos a parte no que diz às mulheres ministrantes: a associação e a unidade da igreja local.

Houve diferenças superficiais nas circunstâncias dessas várias ministras: Evangelista Minnie Sype enfrentava pobreza com frequência durante mais de quarenta anos no ministério, enquanto a pastora Jessie Weiss Curtis poderia dar uma assistência financeira confortavelmente aos membros da igreja necessitados. No entanto, a semelhança entre essas mulheres foi muito mais significativa do que as diferenças: ambas se sentiam chamadas — compelidas — para compartilhar as boas novas do evangelho. Muitas outras mulheres foram e são igualmente chamadas, com alguns ministérios observados nos capítulos deste livro.

Estudo dos casos individuais indica que, durante anos, o licenciamento de mulheres estava intimamente ligado à remuneração; e a remuneração para as mulheres, ao contrário da dos homens, durante grande parte do período estudado foi uma torneira desligada ou de acordo com a percepção de “necessidade” ou estado civil. O tratamento das mulheres no ministério melhorou de maneiras significativas à medida que a denominação amadureceu. Pastoras, evangelistas, capelãs e professoras de Bíblia agora recebem um salário regular, sejam solteiras, casadas, viúvas ou divorciadas. Uma ação anual do Conselho de 1989, aprovada por 190-46 e efetiva imediatamente, permite “ministras, assim como ministros, batizar e realizar casamentos em estados que permitem ministros não ordenados de realizarem casamentos” (Extraído de Carlos Medley, “Papel das mulheres, Discussão Anual do Conselho Esportivo”, *Adventist Review*, 9 de novembro de 1989: 6). Estes foram avanços significativos.

Por outro lado, o status das mulheres no ministério se deteriorou. Elas não apenas não são ordenadas; mas, agora, exceto em alguns casos, as mulheres não são mais licenciadas como ministras (Devido aos requisitos da Receita Federal nos EUA na década de 1970, a Igreja Adventista do Sétimo Dia redefiniu o status de ministro licenciado para incluir batismo e como um passo em direção à ordenação. Como a Igreja não está disposta para que suas ministras sejam designadas, poucas mulheres foram licenciadas para o ministério desde então (Muitas foram anteriormente; ver Apêndice B). Parece lamentável que, a fim de manter o status de ministro licenciado financeiramente viável para os homens, mantendo o altamente desejável subsídio, a denominação optou por tirar das mulheres a posição mais alta no ministério. O licenciamento do ministério estava disponível para as mulheres desde que a denominação começou a licenciar ministros (ver capítulo 8, 100 anos antes). Minnie Sype foi uma das 18 ministras licenciadas em uma associação que empregava apenas oito ministros ordenados. Dessa forma, ela atual mais centralizada na cúpula do ministério do que uma ministra hoje classificada em uma categoria não específica como ministra comissionada credenciada ou licenciada, separada de seus colegas do sexo masculino no trabalho pastoral e evangelístico.

Hoje dia, ser uma mulher chamada ao ministério na Igreja Adventista do Sétimo Dia é gratificante e frustrante ao mesmo tempo. A obra é gratificante porque o Espírito Santo capacita para o chamado de Deus, e cooperar com o Espírito é um privilégio insuperável. Um laço se fortalece entre a ministra e Deus, entre os membros pastoreados e colegas de profissão. As frustrações vêm da oposição demonstrada por alguns administradores da igreja, pastores, estudantes de seminário e membros para com as ministras.

Permita-me falar sobre as ministras um pouco. Acredito que a mensagem de 2 Timóteo 1: 6–7 pode chamar a atenção tanto dos ministros quanto a sua. Timóteo foi admoestado a manter “viva a chama do dom de Deus que

está em você mediante a imposição das minhas mãos” (2 Tm 1:6). Ministra, a imposição de mãos pode ser a concedida apenas a um ancião local; no entanto, o Espírito é suficiente para que você mantenha uma chama viva.

Quando, humanamente falando, o futuro parecer sombrio ou impossível, leia a gloriosa garantia do versículo sete: “Porque Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (2 Tm 1:7).

A palavra grega σωφρονισον [*sōfrónison*], traduzida como “moderação” na versão *Nova Almeida Atualizada*, é traduzida como “equilíbrio” na Nova Versão Internacional. Esta palavra possui uma enorme amplitude, pode ser traduzida “bom senso sóbrio” e “temperança” também.

Que tríade de características para marcar a ministra, enquanto ela enfrenta um futuro profissional incerto (e as palavras certamente não são menos aplicáveis à sua contraparte masculina). Deus proverá poder, mostrado pela ousadia em contraste com a timidez, uma intensidade de viver e servir; amor, a principal característica de Deus, o cuidado altruísta que pode incluir “amor severo” quando necessário; e uma mente sólida, caracterizada pela temperança e autocontrole. Fred Gealy comenta: “O ministro cristão exige ousadia e coragem, o poder que deriva de uma fé confiante; ainda assim, o exercício do poder é cristão somente quando se unir totalmente ao amor, e esses dois com autocontrole” (*Extraído de Fred D. Gealy, “Exegesis,” 2 Timothy, The Interpreter’s Bible, sobre 2 Timóteo 1:7*).

Anna Knight juntou poder para combater a ignorância e a pobreza iniciando uma instituição educacional, escolas bíblicas evangelísticas e aulas de adultos no Mississippi; aventurar-se longe como missionária pioneira na Índia; manter as responsabilidades da única mulher departamental. O fruto de sua vida longa e dedicada é incalculável.

Jessie Weiss Curtis experimentou poder para erguer uma tenda com a ajuda de dois homens, e nela pregar o evangelho que estudou no *Battle Creek College* e ouviu pregado pelo Pastor H. M. J. Richards. Como resultado, a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Drums, na Pensilvânia, existe até hoje.

Quando questionadas por serem pregadoras, as pioneiras adventistas, em sua defesa, citaram Joel 2:28–31: “Derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão . . . Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias . . . antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor.” Assim como na década de 1890, certamente na década de 1990 essa promessa pode ser reivindicada.

Hoje, onde estão as ministras cheias da coragem e ousadia do Espírito, exercendo poder na plenitude do amor sob as restrições de autocontrole? Olhe ao seu redor e você as verá. Não lhes peça para elas negarem o dom que possuem. Em vez disso, ore ao Senhor da Colheita para que ele traga mais ministros dedicados, tanto mulheres quanto homens, para completar a sua e acelerar sua vinda!

## **Apêndice A**

### **Documentos e Notas**

Algumas cartas foram ligeiramente editadas, como ortografia e pontuação. No entanto, tomou-se o devido cuidado para não distorcer a tese de qualquer material por esta edição.

Documentos relativos à vida e obra de Helen Williams (capítulo 1)

#### **1.1 Trechos das memórias gravadas do Pastor Hugh Williams (filho de Helen Williams)**

Meu pai, Eugene Williams, . . . era um jovem ministro quando eu nasci. Ele se casou com uma jovem chamada Helen May Stanton. Ambos estudaram no *Battle Creek College*.

Helen May Stanton, minha mãe, era uma oradora muito. Ela pregava sermões gravados na cabeça e era divertida.

Naqueles dias, eles não tinham TV nem outras fontes de entretenimento fácil como hoje, e, portanto, não eram os mais talentosos, mas faziam bom uso do que tinham.

Mãe também aspirou, por ser tão bem-sucedida em entreter, ser uma oradora, uma ministra. Ela me disse que essa era uma das razões pelas quais ela queria se casar com um ministro, porque isso abriria mais facilmente as portas trabalhar na obra. Graças a isso, ela conseguiu uma licença ministerial, dada a muito poucos em sua época . . .

Meu pai e minha mãe viveram em função do ministério.... Quando eu nasci, eles estavam evangelizando em um pequeno lugar chamado Bell's Corners . . .

No início de 1897, nos mudamos para Grand Rapids, Michigan.... Lá estão minhas primeiras lembranças . . . Meu pai supervisionou a construção de uma igreja enquanto morávamos em Grand Rapids . . .

Naturalmente, frequentávamos a Escola Sabatina . . . Eu ouvia os sermões. Eu devo ter tido uma concepção clara do Salvador, porque certa noite eu sonhei com ele . . . Jesus disse: "Hugh, eu vejo você ali" . . . Eu nunca esqueci do que senti quando ele lembrou de mim . . .

Meus pais trabalhavam na obra, e, quando éramos pequenos, sempre tivemos babá em casa . . .

Não demorou muito para que meu pai fosse chamado para ser departamental em um campo missionário na Península Superior de Michigan. Ele começou a obra em Sault Ste. Marie.

Em 1906, meus pais foram chamados . . . para cuidar de algumas igrejas em Chicago . . .

Enquanto morávamos no lado oeste de Chicago, estudamos em uma escola confessional majoritariamente escandinava . . . Nunca enjoamos de ir ao Lincoln Park. Lá tinha um dos melhores zoológicos na época . . .

Gostávamos também do Humble Park. Vimos tartarugas e cobras lá. Certa vez, nos deparamos com sete cobras. Coitada da mamãe . . .

## 1.2 Trechos de uma gravação de Phyllis Vineyard para a escritora, 22 de julho de 1985

Saudações! Quem fala é Phyllis, filha de Hugh, neta de Helen Williams . . .

Vovó não era do tipo que ficava abraçando e mimando, mas era simpática e queria que todos estivessem bem na presença dela. Sua risada era tão musical, e seu charme era cintilante . . .

Papai me contou coisas sobre o dom de pregação da vovó e seu jeito didático. Ela sempre tinha uma resposta na ponta da língua, mas . . . era humilde, calma, graciosa e disposta a servir. Lembro-me dela me dizendo . . . : "Veja bem, seu avô estava tão ocupado com as obrigações dele, que as pessoas passaram a gostar tanto das minhas pregações quanto das pregações do seu avô. Caso ele não pudesse pregar, eu pregaria no lugar dele, e todos ficavam felizes como você pode perceber." Ela estava acostumada a pegar de onde ele parou, ou se ele não conseguiu marcar uma visita, ela conseguia. Ela falava sem papas na língua . . .

Sua personalidade era um tanto única . . . Ela fazia você sentir que conhecia o pastor, ciente de sua presença e carinho amoroso. Ela era uma pessoa muito determinada . . .

Ela não tinha medo. Ela passou por muitas aventuras: perdeu um marido na África do Sul e sabia o que era se virar sozinha . . .

Seus sermões nunca eram monótonos. ela sempre trazia coisas novas. Não acho que ela gostava de provocar,

mas prender a atenção das pessoas.

Ela dizia: “A batalha não é sua, é de Deus.” Ela colocava as pessoas a pensar e as auxiliava a firmarem um relacionamento íntimo com o mestre, pois nenhuma instituição pode nos levar ao reino . . .

Vovó chorou dias quando perdeu seu esposo. Mas ela conta que um dos nativos apenas chorava e dizia: “Srta., Srta., por favor, não vá.” Isso fez a maré mudar, vovó ficou e terminou sua missão ali . . .

Todos queriam estar perto da vovó. Você sabia que ela tinha a alegria do Senhor. Crianças e jovens, todos gostavam da companhia dela. Essas são minhas melhores lembranças da vovó.

### 1.3 Anotações de Helem Williams para um sermão sobre humildade.

1. Onde Deus habita? Isaías 57:15.
2. É natural sermos humildes? Romanos 8:7
3. Por quê? Gênesis 2:17, 3:6
4. É razoável que sejamos humildes? Romanos 12:1
5. Por quê? Gênesis 3:15:
6. Se Jesus estivesse aqui, que vida ele viveria? João 14:8–9, 1:14
7. Do que somos feitos? Gênesis 2:7
8. O que é toda carne? Isaías 40:6–8
9. Deus nunca se esquece. Salmos 103: 13–14
10. Quando todos devem procurar o Senhor? Isaías 55:6–7
11. Se cumprirmos essa condição e confessarmos nossos pecados, o que ele fará por nós? 1 João 1:9
12. Quão grande é a misericórdia de Deus e o que ele fará com nossos pecados? Salmos 103:11–12
13. Depois de encontrarmos o Senhor, quanto tempo ele permanecerá conosco? 2 Crônicas 15:2
14. Qual é nossa relação com o Senhor agora? Oseias 2:19–20
15. O que devemos fazer a partir de agora? Isaías 40:9.
16. Se vivermos esta bela vida, seremos exaltados? 1 Pedro 5:6–7
17. Quando? Isaías 40:10–11, Apocalipse 22:12

### 1.4 Carta de Katherine Williams, 3 de agosto de 1985

Cara Dra. Benton:

Estou muito feliz por você estar pesquisando a vida repleta e ativa de minha sogra, Helen Stanton Williams, como uma pregadora e professora pioneira.

Ela era filha de um próspero fazendeiro que era líder comunitário, campeão de luta livre (!) e ancião da igreja, então Helen Mae Stanton foi criada como uma jovem mais privilegiada do que muitas na época. Ela teve duas irmãs e dois irmãos . . .

Helen Stanton era um pouco mais alta que a média, chamativa, dona de uma personalidade imponente, que costumava se lembrar de seus dias mais jovens como “aquela bela Helen Mae de cabelos dourados.” Ela teve uma vida muito difícil, mas sempre teve autoconfiança, e essa aura sem dúvida contribuiu para seu sucesso como pregadora, uma vocação raramente permitida a uma mulher naqueles dias . . .

Por volta de 1907, a família foi chamada para trabalhar na África do Sul. Lá, o chefe do lar sofreu insolação em uma viagem entre as aldeias, deixando sua viúva, três filhos adolescentes e um irmãozinho. Helen Mae assumiu o fardo galantemente, ensinou, pregou, colocou seus filhos no internato e a criança aos cuidados de uma garota Zulu . . .

Em 1914, quando a guerra parecia inevitável, a família retornou aos Estados Unidos....

Como uma nova noiva, eu era decididamente uma amadora na cozinha, e meu marido [Lewis] costumava me perguntar por que eu me preocupava com o planejamento de menus e a preparação de refeições. Eventualmente, aprendi que sua mãe tinha uma fórmula definida para comida: ela sabia a melhor forma de comprar e cozinhar certos alimentos, e ela caprichava nesses pratos! . . .

Muito poucas mulheres poderiam ter vivido e trabalhado como ela . . .

Poucas tiveram tanto sucesso em seus afazeres!

Katherine D. Williams St. Joseph, MI

## Documentos Relativos à Vida e Obra de Minnie Sype (Capítulo 2)

### 2.1 Carta de W. A. Howe, Hendersonville, N.C., à escritora, 5 de agosto de 1989

Querida amiga Josephine

. . . Sobre Sra. Sype, dos meus seis aos dez anos, lembro-me que ela pregou na igreja de Des Moines, Iowa, em várias ocasiões. Ela era, mesmo eu sendo uma criança, uma pregadora muito interessante e agradável. Ela sorria muito e sempre foi tratada como membro ilustre da família da Igreja Des Moines . . .

Voltei a Iowa como estagiária e me lembro de obreiros antigos da época que trabalharam com ela dizendo que a ordenação dela foi aprovada pela Associação Iowa, mas ela recusou. Eu nunca ouvi dela por que tomou essa decisão.

Como pregadora sem igual, nós, crianças, sempre insistíamos para tê-la conosco. Ela era muito interessante e parecia amar as pessoas, especialmente as crianças. Nunca percebi problema algum no fator dela ser mulher. Ela pregava como os homens e sempre trazia boas mensagens . . .

Eu nunca soube qual era a ocupação oficial dela na associação, mas ela era reconhecida como alguém da estrutura de poder (Minnie Sype era Secretária da Missão nos Lares da Associação Iowa).

Considerações, Walt

W. A. Howe

### 2.2 Carta de Lorene Moore Arlington, Washington, 7 de julho de 1984

Cara Josefina,

. . . Para minha grande surpresa, no Registro do Boletim da União Pacífico, há um artigo solicitando informações sobre uma ministra que tínhamos quando eu tinha cerca de 10 anos: Minnie Sype. Nossa igreja estava alugando uma igreja luterana em Ellensburg, Washington. Sempre me lembrarei dela pelo relógio que ela tinha preso ao vestido. Ela o puxava em uma corrente e olhava para ela não se prolongar, e isso me fascinava. Não apenas o relógio dela me fascinava. Ela também. Embora eu fosse criança, seus sermões eram interessantes e ela pregava tão bem como qualquer homem . . .

Foi entre 1926 e 1929 que Minnie Sype atuou em Ellensburg . . .

Sra. Joseph S. (Lorene) Moore

### 2.3 Carta do Dr. M. J. Sorenson, Riverside, Califórnia, à escritora, 15 de julho de 1984

QueridSra. Benton:

Seu anúncio no Recorder e no nome Sra. Minnie Sype trouxe muitas memórias agradáveis da minha infância em Iowa. Sra. Minnie Sype era uma pregadora ativa na associação desde que me lembro. Ela estava sempre ocupada visitando igrejas, tendo reuniões de avivamento e batizando pessoas . . .

Nos últimos anos, houve muita discussão sobre a ordenação das mulheres ao ministério. Para mim, esse tipo de controvérsia é totalmente desnecessário. Serviço dedicado, seja por homens ou mulheres, é o verdadeiro teste do ministério individual . . .

Considerações,

Dr. M. J. Sorenson Riverside, CA

2.4 Carta geral de Thomas E. Durst, Colville, Washington, enviada à escritora em 28 de maio de 1984

A quem possa interessar:

Minha mãe, Sra. Lillian Durst, sempre contava que ela foi batizada quando criança por volta do ano de 1908 ou 1909 pela Sra. Minnie Sype, uma ministra adventista do sétimo dia em tempo integral. O batismo ocorreu em um tanque em Dakota do Sul, onde minha mãe viveu sua infância (Hawarden, Iowa, faz fronteira com Dakota do Sul).

Gostaria de acrescentar que certamente posso atestar a autenticidade do testemunho de minha mãe em relação ao batismo dela. Minha mãe lembrava de detalhes, como datas, lugares, etc. Lembro-me quando criança, como minha mãe se lembrava de aniversários e comemorações de todos os nossos amigos e vizinhos. Ela se lembrava de cada pequeno detalhe. Era realmente incrível. Logo, eu sei que ela falou com precisão sobre ser batizada pela Sra. Sype. Ela se lembrava que Sr. Sype ficava em casa e fazia o trabalho doméstico, enquanto Sra. Sype pregava e cuidava dos deveres ministeriais . . .

Considerações, Thomas E. Durst

2.5 Carta de Evelyn Robeson Faust, Cerritos, Califórnia, à escritora, 27 de julho de 1984

Cara Josephine Benton,

Por volta de 1914, quando eu era uma garotinha de sete anos e morava em Carroll, Iowa, Sra. Minnie Sype fez uma série evangelística na cidade.

Meu pai, Oscar W. Robeson, levou suas três filhas Genevieve, Vivian e Evelyn (eu) para as reuniões todas as noites (minha mãe já era falecida), e, no final da série, aceitou a mensagem adventista. Ele foi um adventista até sua morte, e nós, meninas, ficamos na verdade a vida toda . . .

Considerações,

Evelyn Robeson Faust

2.6 Carta de Mariel Jean Blaine, Redlands, Califórnia, à escritora, 28 de julho de 1984

Cara Dra. Benton:

. . . Minha sogra, Dorothy Pelmulder Blaine Kistler, foi batizada por Minnie Sype em Lake City, Iowa, no Rio Raccoon, aos 12 ou 13 anos, em 1913 ou 1914.

"Vovó" lembra de Minnie Sype realizando reuniões em uma tenda no quintal de uma igreja ao lado do quintal da família dela em Grant City, Iowa . . .

Considerações,  
Mariel Jean Blaine (Sra. Cyril Blaine)

2.7 Trecho de uma conversa telefônica entre C. Joy Estes, Los Angeles, Califórnia, e a escritora, 16 de janeiro de 1989

Benton: Qual era a sua relação com Sra. Kistler?

ESTES: Eu sou a filha de Dorothy.

Benton: Saberá me dizer se sua mãe foi batizada por Minnie Sype?

Estes: Sim, ela foi. Sra. Sype era uma pessoa sem igual. Ela definitivamente batizou minha mãe.

Benton: Qual era o nome da sua mãe?

Estes: O nome de minha mãe era Dorothy Pelmulder, nascida em uma pequena cidade chamada Grant City, Iowa . . .

2.8 Carta da Sra. Hilda West, So. Cle Elum, Washington, à escritora, 1984

. . . Sr. Sype foi nossa querida pastora há mais de 50 anos em Cle Elum. Nós a amávamos muito; sem contar que ela foi uma obreira sem igual . . . Como você deve se lembrar, o salário de nossos pastores era muito baixo. Então, ela saía para colportar; como ela não tinha carro, andava por quilômetros, e, em Ingathering, com carona ou sem carona, distribuía nossos materiais. Ela era muito amigável . . . Ela era uma ministra que poderia trabalhar em qualquer igreja . . . Percebi isso quando ela saiu de Cle Elum, casada com Sr. Atteberry.

Sua irmã com fé, Sra. Hilda West

2.9 Carta de Minita Sype-Brown, Key Largo, Flórida, à escritora, 29 de outubro de 1984

. . . Jack e eu somos filhos de Ross e Gertrude Hunt Sype . . . Vovó era uma pregadora poderosa e dinâmica . . .

Mesmo aposentada, vovó sempre fazia algo para espalhar a verdade que amava. Quando vivia em St. Cloud, na Flórida, ela organizou um pequeno grupo em Kissimmee, cerca de doze' quilômetros de distância. Primeiro, eles se encontravam na casa de alguém nas tardes do sábado. Então me lembro de limpar uma loja antiga onde o grupo se reunia. Hoje há uma igreja adorável em Kissimmee . . .

Jack disse que se lembra de sua ilustração sobre o sábado. É como um prato. Se a borda estiver quebrada, o prato está quebrado . . .

Considerações,  
Minita Sype-Brown

Documentos Relativos à Vida e Obra de Lulu Wightman (Capítulo 3)

3.1 Carta de J. W. Raymond a P. Hinne, tesoureiro da associação, sobre o emprego de Lulu Wightman

Cuba, Allegany Co., N.Y., 16 de junho de 1996

Caro irmão Hinne: —

A parte mais difícil desta carta é dizer que eu gostaria de ter dez dólares. E se for mais do que um grão que tenha me sobrado, ou poupado, talvez eu deva dizer, do que para eu pedir, bem, então eu tenho pena de você . . .

Eu escrevi Lulu (ela e o marido agora estão em Hornellsville) sobre a situação, dando-lhe como termos de que ela receberá alguma remuneração por seu serviço, se ela for conosco, mas que se espera que ela cumpra as exigências do Comitê de Auditoria quanto ao valor, e, caso seu marido venha como esperado, não haverá remuneração para ele . . .

Com carinho,

J. W. Raymond

### 3.2 Carta de J. W. Raymond a P. Hinne citando carta de Lulu Wightman Rome, N.Y.

*[A seguir, uma carta de Lulu Wightman para J. W. Raymond, citada em sua carta a P. hinne:]*

Caro Irmão Raymond:—Recebemos sua carta. Respondemos prontamente. Ficaríamos muito felizes em visitar a sua tenda, mas preferimos não ir, a menos que meu marido pudesse ir junto. E é claro que ele não podia se dar ao luxo de ficar ocioso durante todo o verão e sem remuneração. O que eu receberia não nos sustentaria.

Tivemos uma reunião aqui no domingo à noite. Alguns dos líderes estavam presentes. Nós divulgamos nos jornais diários; foi bem anunciado.

Ficaríamos felizes em trabalhar na sua tenda, poderíamos ganhar a vida com isso. Mas estamos tendo uma inauguração aqui também.

*[Fim da citação; carta de J. W. Raymond a P. Hinne continua:]*

Então, parece que ela fez sua obra ministerial. Mas, de alguma forma, sinto uma propensão da adversidade a esse procedimento.

*[Uma parte anterior da mesma letra:]*

Esperamos o Sr. Stowe aqui amanhã. Quanto à associação com suas despesas de viagem de e para o evangelismo na tenda, estou de acordo, se for realmente possível. E onde for considerado necessário para a esposa de um ministro acompanhá-lo no interesse do trabalho, acho que a associação deve pelo menos custear suas despesas de viagem. A “regra de ouro” exigiria muito . . .

*[Esta carta, sem data, seguiu a carta de 16 de junho de 1896 acima].*

### 3.3 Artigo no New York Indicator, 12 de agosto de 1896, sobre o esforço dos Wightmans em Hornellsville

Hornellsville

Chegamos aqui em 4 de junho e começamos a trabalhar pela verdade em um campo que a princípio parecia pouco promissor. Não havia um único adventista do sétimo dia na cidade. O povo parecia estar apático e satisfeito

na forma como viviam; no entanto, continuamos trabalhando com fé e força. Sra. Wightman conversou com as pessoas em 20 ocasiões diferentes, e, finalmente, o interesse se tornou tão grande que os salões que alugamos estavam cheios. Três almas honestas começaram a guardar o sábado e outras estão interessadas . . .

John S. e Lulu Wightman.

### 3.4. Pauta de notícias de Lulu Wightman no Indicator, 12 de outubro de 1898

Começamos um novo esforço nesta semana na cidade de Silver Creek, no salão do G.A.R. [Grande Exército da República], no centro do local. É um cômodo carpeteado, que, com o calor e a luz incluídos, custavam U\$ 2 por semana. Enquanto trabalho aqui, meu marido colportará. Qualquer um dos irmãos que enviará nossos documentos e folhetos denominacionais a ele por correio, para distribuição gratuita para os interessados, ajudará na promulgação da verdade aqui, que será muito propício.

Irmãos e irmãs, em suas orações, lembrem-se da obra aqui.

Lulu Wightman.

### 3.5 Artigo no Indicator, 16 de novembro de 1898.

Resultante da doação para a mensagem em Silver Creek, quatro almas, dois irmãos e duas irmãs, começaram a guardar o sábado, e vários outros estão em uma condição promissora. Uma reunião da união foi realizada na maior igreja na noite de domingo e o homem metodista pregou contra o sábado. Eu participei e anunciei com permissão que revisaria o discurso na noite seguinte. Nosso salão estava lotado e muitos se afastaram, e foi o consenso de opinião expressa pelos presentes que a verdade havia conquistado uma vitória decidida. Apresentar-se-á agora o “Estado dos Mortos,” que também receberá oposição vigorosa, como já acontece. Que o Senhor conceda a aqueles quase convencidos a certeza de que estão em um bom caminho.

Sra. Lulu Wightman.

### 3.6 Carta de John Wightman, Avon, Nova York, para o Pastor S. H. Lane, Presidente da Associação, Roma, Nova York, 2 de setembro de 1904

(Ênfase no original) Querido Irmão:

Quando você estava no Eden Center, sugeriu à Sra. Wightman que ela voluntariamente reduzisse seu salário de U\$ 9 por semana para U\$ 7 por semana, não porque ela tinha algum dos U\$ 9 por mês, mas por você afirmar que eu também estava recebendo U\$ 7 por semana da associação e éramos da mesma família ou próxima. Sem saber, mas o que uma pessoa no comitê de auditoria de 1903 não está particularmente familiarizada com as circunstâncias pode se sentir justificada ao sugerir uma redução ainda mais reduzida de nossos salários, porque somos tão desafortunados (?) quanto outros, Desejo chamar sua atenção para alguns fatos para que, na época, se forem feitas, e não sinto que haverá, você pode colocar o assunto diante deles sob uma luz adequada.

O trabalho pessoal de Wightman foi considerado por três ou quatro comissões anteriores como sendo de um ministro ordenado inquestionavelmente; e, no entanto, em Oswego, eles sentiram (Irmão Daniels e Thompson, para o qual o Irmão Underwood e outros se decepcionaram enormemente) que uma mulher não podia ser adequadamente ordenada, não por enquanto, e para que eles consertassem sua compensação o mais próximo do salário de um “ordenado”. Como sua capacidade era reconhecida e a aptidão geral conhecida por todos, e a obra continuou, os U\$ 9 ainda são tão adequados nessas circunstâncias quanto antes; portanto, levando isso em consideração, você perceberá que, na realidade, estou recebendo, mas U\$ 5 por semana pelos meus serviços, bem desatualizados.

Não acho que alguém negue que estamos fazendo o trabalho de dois ministros ordenados. Certamente, trazemos as pessoas totalmente para a verdade e podemos fazer tudo, exceto o que o homem considera adequado a não privilegiar: o direito de organizar igrejas . . . Garantimos as seguintes igrejas: Gorham, Fredonia, Gas Springs, Wallace, Canandaigua e Avon e começamos a obra em Hornellsville em 1896 . . . Somente em um ano, além de todas as outras ofertas e doações, enviamos U\$ 600 ao mesmo tempo para evangelismo domésticos e estrangeiros . . .

Os esforços da Sra. Wightman são reconhecidos como U\$ 9 por semana como licenciada, equivalente ao de um ministro ordenado . . .

Estou certo de que você fará a coisa certa. Pois você aprecia o que está sendo feito, Deus te abençoe.

do seu irmão.”Seu irmão na fé  
John S. Wightman

3.7 Seleções de um artigo no Nebraska State Journal, 1 de março de 1909, p. 3.

#### ENCONTRO DE LIBERDADE RELIGIOSA

Grande Multidão Ouviu Os Oradores no Auditório

#### CONVERSA NO DOMINGO DE BEISEBOL

Sra. Lulu Wightman, de Kansas City, e E. T. Russell conversam no Seminário sobre Liberdade Religiosa

Uma multidão que testou a capacidade do auditório se reuniu para ouvir palestrantes importantes das fileiras das organizações da liberdade religiosa do país na noite passada, quando Sra. Lulu Wightman, de Kansas City, defensora pública de liberdade religiosa e E. T. Russell, presidente da Associação de Liberdade Religiosa dos Estados Centrais, falou sobre assuntos relacionados à liberdade religiosa . . .

Sra. Wightman lidou com os princípios do governo que caracterizaram os Estados Unidos. Ela se referiu em particular aos muitos casos em que os tribunais haviam revertido os decretos que a igreja havia estabelecido para o governo de certos entretenimentos no domingo . . . Ela disse que a igreja deveria passar mais tempo ensinando corretamente e não passar o tempo todo nas simples críticas ao domingo . . .

#### Documento sobre A Vida e A Obra de Anna Knight (Capítulo 4)

4.1 Citação de seu livro, Mississippi Girl, p. 223.

Desde 1911, mantive um registro detalhado do meu trabalho. Eu tinha que fazer relatórios mensais para a associação; portanto, me habituei a manter um registro diário. Pensando que seria interessante relatar, resumo quatro itens aqui: realizei 9.388 reuniões e fiz 11.744 visitas missionárias. Em minha obra escrevi 48.918 cartas e viajei 900.000 quilômetros em meus compromissos. Este relatório não inclui kilometragem de ou para o meu campo missionário, a Índia, nem inclui quilômetros cobertos em minha viagem para lá.

#### Documentos Relativos à Vida e Obra de Jessie Weiss (Capítulo 5)

5.1 Artigo de A Hazleton, Jornal da Pensilvânia, 1927

#### Kingston Girl Evangelizando próximo a Drums

Srta. Jessie M. Weiss, de Kingston, filha de um conhecido comerciante de Wilkes-Barre, está se destacando no interior nas proximidades de Drums, no condado de Luzerne, com uma campanha evangelística onde ela prega a maior parte do tempo.

Tocada com o desejo de apresentar o evangelho ao povo, a senhorita Weiss conseguiu uma tenda, e, com a ajuda de dois homens, ergueu-a na fazenda de C. A. Straw, onde centenas se reuniram para ouvi-la. Vindo de um raio de 32 quilômetros, chegou a ter 110 carros lotados em uma única reunião.

É a primeira campanha evangelística conduzida pela Srta. Weiss, e seu sucesso é evidente visto que as multidões vêm noite após noite, chegando a tempo de participar do serviço de música antiga e permanecer até que o serviço de pregação seja concluído.

Com a habilidade de um clérigo de longos anos de experiência, Srta. Weiss declara que ela não ensinará nenhuma doutrina que não esteja fundamentada na Palavra de Deus. O repertório de sermões dela abrange uma ampla variedade

Metodistas, batistas e luteranos, que têm igrejas na comunidade são frequentadores regulares.

5.2 Trechos de uma entrevista com Jack e Joan Davis pela escritora em sua casa em Monrovia, Maryland, 26 de agosto de 1984 (Sra. Curtis foi tia-avó de Jack).

Benton: Como Sra. Curtis, Jessie Weiss, se preparou para a obra ministerial?

Jack Davis: Ela estudou em Battle Creek. Ela foi a estudante mais jovem já matriculada na instituição. Mas eles ficaram impressionados com sua sinceridade, então a aceitaram. Ela 14 anos de idade. Ela queria ser uma enfermeira naquela época, mas depois mudou para ser uma obreira ministerial, uma obreira bíblica, como chamavam na época.

Benton: Eu me perguntava sobre dinheiro, se a igreja a pagou bem. Eu imagino que era pouco.

Jack Davis: A princípio, a igreja não lhe pagou porque ela tirou tudo do próprio bolso. Ela fez um evangelismo em 1927. Quando ela manteve o projeto em Drums, Pensilvânia, o fazendeiro que os deixou montar a tenda em sua propriedade doou a propriedade e eles construíram a igreja no mesmo lugar a montaram. A Igreja Adventista de Drums, Pensilvânia, continua no mesmo local até hoje.

Benton: Como ela fazia para manter os projetos? Você sabe como ela começou no ministério?

Jack Davis: Ela gostava de ser obreira bíblica, de levar a mensagem às pessoas. Assim que sentiu o desejo de evangelizar, ela orou trabalhou muito, dando ótimos resultados.

Benton: Drums foi seu primeiro evangelismo?

Jack Davis: Sim. Ela trouxe 80 pessoas.

Joan Davis: Ela era bem organizada, uma líder extremamente forte, de modo que, quando falava, as pessoas ouviam. Ela era convincente, conseguia atenção e respeito.

Jack Davis: Ela era um tanto imponente.

Benton: Você não achava estranho sua tia ser ministra?

Jack Davis: Eu achava a coisa mais normal do mundo.

Benton: Pessoas aceitavam—

Joan Davis: Ah, sim! As pessoas a respeitavam muito.

Jack Davis: Eu costumava dirigir para minha tia. Eu pendurava os cartazes, operava o estereótipo ou o outro tipo de máquina de slides quando fazíamos as reuniões.

BENTON: Foram em diferentes partes da Pensilvânia? Poderia citar alguns?

Jack Davis: Tunkhannock, Hazleton e Burwick. Ela fundou a igreja de Beaumont e de Montrose, foi até Wilkes-Barre e ajudou com Scranton.

Joan Davis: Olhe lá [na Bíblia da Sra. Curtis], está nas anotações dela. “setembro-outubro de 1964. Custo da tenda: U\$ 5000. Aluguel do local: U\$ 2000.” Ah isso foi em Kingston!

Benton: Você se tornou membro pela influência da Sra. Curtis?

Joan Davis: Sim. Eu tinha 12 anos quando meus pais e eu nos tornamos adventistas. Outro ministro começou os estudos bíblicos conosco e depois ela terminou. Ela vinha para nossa casa e esclarecia tudo. Era muito fácil entender o que ela estava explicando.

Benton: Onde aconteceram essas reuniões?

Joan Davis: Em Montrose.

Jack Davis: Ela fundou essa igreja.

Benton: Onde ela morava?

Jack Davis: doze quilômetros à noroeste de Wilkes-Barre, uma pequena cidade chamada Lehman.

Benton: Então, se ela viajasse a trabalho, continua com o mesmo endereço residencial?

Jack Davis: Sim.

Joan Davis: Estava sempre dentro de conduções para sua casa. Ela viajava muitos quilômetros, mas sempre voltava para casa à noite.

Benton: Ela nunca aprendeu a dirigir?

Jack Davis: Não, ela nunca aprendeu a dirigir. Bem, ela tinha uma empregada e um motorista quando se casou com o Sr. Curtis aos 50 anos.

Benton: E esse foi o primeiro casamento dela?

Jack Davis: Seu primeiro e único casamento. Ela foi casada por apenas cinco anos, quando seu esposo faleceu.

Joan Davis: Ela costumava ficar nas casas das pessoas em Montrose. Era cerca de 80 quilômetros andando de ônibus. Então, uma das famílias que morava na cidade a buscava e a hospedava na casa deles. As crianças a amavam.

Jack Davis: Eu ficava arrepiado ouvindo sua pregação. Ela pregava muito sobre os eventos finais. Ela

recebia recortes de jornais de terremotos, furacões ou coisas diferentes que estavam ocorrendo — naufrágios de trem ou acidentes de avião, e ela falava muito sobre as coisas que estavam acontecendo nos últimos dias — a chegada do Senhor. Eu achava que o Senhor viria no dia seguinte.

Ela nunca leu um sermão.

Benton: Ouvi dizer que jovens estagiários começaram com ela. De fato, acredito que o Pastor Dower, Ministerial da Conferência Geral —

Jack Davis: Sim, lembro-me do Pastor Dower! Ele era jovem e bonito. Lembro-me também de Kay, sua esposa. Muito adorável. Ah, muitos foram supervisionados sob a liderança da minha tia. Ministros que se afastam em algum ponto da doutrina ou dos escritos da irmã White eram enviados à minha tia para serem reabilitados. Alguns ela conseguia corrigir, outros não.

Joan Davis: Ela sempre queria as pessoas por perto, quanto mais, melhor. Ela tinha um bom senso de humor.

Benton: Parece que ela era muito equilibrada.

Joan Davis: Sim, essa é uma boa descrição dela.

Jack Davis: Ela se vestia bem, sempre usava roupas e chapéus bonitos; mas tudo voltado ao trabalho com as pessoas.

Joan Davis: Ela era uma mulher bonita. Ela se destacava na multidão.

Jack Davis: Ela era fisicamente forte.

Benton: Parece que ela soube viver a vida. Agora me diga um pouco mais sobre essa pregação que o emocionou.

Jack Davis: Ela não pregou para o intelecto de ninguém. Ela pregava ao coração das pessoas e as fazia perceber a proximidade da hora em que estamos vivendo. Isso transformou vidas. Minha tia alcançava todos.

5.3 Carta de Jay Milton Hoffman, Valley Center, Califórnia, à escritora, 4 de outubro de 1989

Cara Dra. Benton:

Sim, eu sou o homem que conhecia Jessie Weiss antes dela se tornar Jessie Weiss Curtis. Ela era uma exímia pregadora, e, na primeira vez que entrei na igreja, alguém lhe disse que um judeu estava na igreja com sua esposa. Ela mudou de assunto e pregou sobre as 70 semanas. Jessie Weiss Curtis era uma ótima pregadora e ele fundou a igreja em Drums, Pensilvânia, onde me tornei membro. Minha esposa, Trudie e eu fomos batizados ao mesmo tempo.

Cordialmente,

J. M. Hoffman, Ph.D.

P.S. Eu fui diretor e evangelista no Times Square Center em Nova York por 20 anos.

5.4 A anedota de tentativa de ordenação, relatada por Vanetta Weiss, entrevista com a escritora, Drums, Pensilvânia, 27 de julho de 1985.

[Resumo da escritora] Vanetta Weiss, cunhada de Jessie Weiss Curtis, contou sobre estar no acampamento do leste da Pensilvânia, no ano em que chegou a hora da ordenação anual de ministros e ouvir um pedido urgente de transmissão sobre os falantes de Jessie Curtis chegar ao mesmo tempo para a tenda dos ministros. Visto que a. Curtis não apareceu, Vanetta Weiss foi enviada para procurá-la. Vanetta soube que os irmãos queriam ordenar Jessie, mas que ela estava relutante. A busca por Jessie se mostrou malsucedida, e o serviço continuou sem ela.

Mais tarde, quando ela apareceu novamente, Jessie disse a Vanetta que não se importava em ser ordenada nem ter nenhuma responsabilidade maior do que já tinha. Ela disse que estava contente em preparar as pessoas para o batismo e deixar os ministros batizá-las.

## **Documentos Relativos à Vida e Obra de Ellen G. White (Capítulo 7)**

7.1 Uma experiência espiritual notável: seleções de Ellen White, *Vida e Ensinos de Ellen G. White* (Mountain View, Califórnia: Pacific Press, 1915), 69–71.

Pareceu impossível realizar tal obra tão importante conferida a mim. Tentar parecia um fracasso certo . . .

Eu desejei a morte como uma libertação das responsabilidades que se acumulavam diante de mim . . . Por fim, eu me senti forçada a estar presente em uma das reuniões em minha própria casa . . .

Enquanto oravam por mim, o Senhor me fortaleceu e me deu coragem para pregar a mensagem, a espessa escuridão que me cobriu foi dissipada por uma incrível luz em minha direção. Algo parecido com uma bola de fogo acertou meu coração . . . Senti estar na presença dos anjos. Um daqueles seres sagrados repetiu novamente as palavras: “Dê a conhecer aos outros o que eu revelei a você.”

Senhor Pearson, que não conseguia se ajoelhar por causa do reumatismo, testemunhou essa ocorrência . . . Ele se levantou da cadeira e disse: “Eu vi uma visão como nunca esperava ver. Uma bola de fogo desceu do céu e atingiu a irmã Ellen Harmon no coração. Eu vi! Eu vi! . . . Ajudá-la-emos, a partir de agora, não temas.”

7.2 Deixando o pequeno Henry aos cuidados de amigos, *Vida e Ensinos*, 120.

De novo fui chamada a sacrificar-me pelo bem das almas. Deveríamos privar-nos da companhia de nosso Henriquezinho, e sair a fim de nos entregarmos sem reservas à obra. Minha saúde estava quebrantada . . . Deixamos Henrique com a família do irmão Howland, em quem depositávamos toda a confiança. Eles estavam dispostos a aceitar esse encargo a fim de ficarmos tão livres quanto possível para trabalhar na causa de Deus . . .

Foi-me penosa a separação de meu filho . . .

Durante cinco anos a família do irmão Howland tomou inteiro cuidado de Henrique. Tratavam dele sem qualquer remuneração, provendo-lhe toda a roupa, exceto o presente que eu lhe levava uma vez ao ano, como Ana fazia para Samuel

7.3 O sacrifício de ter que deixar dois filhos temporariamente por causa do trabalho, *Vida e Ensinos*, 131–132.

A primeira noite após nossa chegada ao lugar da reunião, fui presa de desânimo. A lembrança de meus filhinhos oprimia-me o espírito. Deixáramos no Estado de Maine, um com a idade de dois anos e oito meses, e no de Nova Iorque, outro com nove meses. Acabáramos de fazer uma viagem enfadonha com grande sofrimento, e eu pensava naqueles que fruía a companhia de seus filhos, em lar próprio e tranquilo. Passei em revista nossa vida anterior, evocando expressões que tinham sido usadas por uma irmã, havia apenas poucos dias, a qual achava que deveria ser muito agradável andar viajando pelo país, sem coisa alguma para me incomodar. Era precisamente a vida que

ela gostaria de fruir. Naquela mesma ocasião meu coração ansiava por meus filhos, especialmente o menor que estava em Nova Iorque . . .

Nesse estado de espírito adormeci, e sonhei que um anjo alto estava ao meu lado e perguntava-me por que estava triste. Mencionei-lhe os pensamentos que me haviam perturbado, e disse: “Tão pouco bem posso eu fazer; por que não poderemos estar com nossos filhos, e desfrutar sua companhia?” Ele falou: “Deste ao Senhor duas belas flores, cujo aroma é perante Ele como o suave incenso, e à Sua vista é mais precioso do que o ouro e a prata, pois é uma dádiva do coração.”

#### 7.4 Trecho de uma carta de Ellen White para os "Irmãos Irwin, Evans, Smith e Jones," 21 de abril de 1898

Essas mulheres trabalham em tempo integral e ainda lhes dizem que não são remuneradas porque seus maridos são assalariados. Eu digo que precisam progredir e rever as suas decisões. A Palavra diz: “O trabalhador é digno do seu salário.” Quando decidirem algo dessa forma, em no nome do Senhor, vou protestar. Sinto que é meu dever criar um fundo a partir do meu dízimo para pagar essas mulheres que estão realizando a obra igualmente como os ministros, e esse dízimo reservarei para trabalhar na mesma linha que os ministros, caçando e pescando almas. Sei que as mulheres fiéis devem receber salários, considerados proporcionais ao salário recebido pelos ministros. Elas carregam o fardo das almas e não devem ser tratadas injustamente . . .

#### 7.5 Nota da autora sobre o credenciamento de Ellen White

Desde que os anuários começaram a ser publicados com suas listas de ministros credenciados em 1884 até o falecimento de Ellen White em 1915, ela foi listada como ministra ordenada.

Em conversas durante os anos antecederam a redação deste livro, alguns administradores da igreja explicaram que, embora Ellen White fosse credenciada como ministra ordenada, nunca houve um serviço de ordenação no qual ela foi separada para o ministério porque a liderança da igreja acreditava que ela havia sido ordenada por Deus e não precisava da afirmação terrena na forma de imposição de mãos. Foi sugerido que ela fosse credenciada como ministra ordenada, para que recebesse o mesmo salário de um ministro ordenado.

De qualquer modo, seu status durante anos foi ministra ordenada. A licença ministerial dela para 1885 tem a palavra “ordenada” levemente marcada, mas a licença para 1887 afirma: “Isso é para certificar que Sra. E. G. White em Healdsburg Califórnia é uma ministra ordenada em boa posição na Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.”

### **Apêndice B** **Lista Parcial de Ministras Adventistas do Sétimo Dia** **1884 a 1975**

Compilado pelos Arquivos da Associação Geral de Adventistas do Sétimo Dia e Josephine Benton

<b>1884<sup>8</sup></b>	<b>1885</b>
<b>Associação Geral</b>	<b>Associação Geral</b>
Ordenada Sra. E. G. White	Ordenada Sra. E. G. White
<b>Kansas</b>	<b>Kansas</b>

---

<sup>8</sup>Havia ministras adventistas do sétimo dia antes de 1884. Por exemplo, Sara A. Hallock Lindsey (ver capítulo 9) foi licenciada em 1872. No entanto, as listas de ministras disponíveis nos arquivos da Associação Geral para compilar esta lista começam em 1884. Ministros anteriores, homens e mulheres, devem ser pesquisados individualmente.

Licenciada Sra. R. Hill<sup>9</sup>  
Sra. H. Enoch

**Michigan**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. E. B. Lane  
Sra. G. K. Owen

**Minnesota**

Licenciada Anna M. Johnson  
Libbie Collins

**1886**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Illinois**

Licenciada Ida. W. Hibben

**Kansas**

Licenciada Hattie Enoch

**Michigan**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. E. B. Lane  
Sra. G. K. Owen

**1888**

**Alabama/Mississippi**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Califórnia**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. G. K. Owen

**Kansas**

Licenciada Hattie Enoch

Licenciada Sra. H. Enoch

**Michigan**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. E. S. Lane  
Sra. G. K. Owen

**1887**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Kansas**

Licenciada Hattie Enoch  
Ruie Hill

**Michigan**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. E. B. Lane  
Sra. G. K. Owen

**Vermont**

Licenciada Sra. S. E. Pierce

**1889**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Alabama/Mississippi**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Califórnia**

Licenciada Sra. G. K. Owen

---

<sup>9</sup>A terminologia usada nas primeiras listas oficiais foi "ministros" para aqueles com credenciais de ordenados e "licenciados" para aqueles que receberam licenças ministeriais. Posteriormente, as categorias correspondentes nos anuários se tornaram "ministros ordenados" e "ministros licenciados". Os últimos títulos são usados nessas listas para indicar as categorias sob as quais apareceram nomes das ministras.

**Michigan**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. E. S. Lane  
Sra. G. K. Owen

**Wisconsin**

Licenciada Hattie Enoch

**Campo Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
**1890**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. G. K. Owen

**Kansas**

Licenciada Sra. Ruie Hil  
**1892**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Kansas**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**1894**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

**Michigan**

Licenciada Sra. E. S. Lane

**1891**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. G. K. Owen

**Kansas**

Licenciada Sra. Ruie Hill  
**1893**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Iowa**

Licenciada Sra. Flora Plummer

**Kansas**

Licenciada Sra. Ruie Hill  
**1895**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Kansas**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. Margaret Caro

**1896**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. S. A. Lindsay

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. Margaret Caro

**1898**

**Associação Geral e União Australasiana**

Ordenada Sra. E. G. White

Licenciada Sra. S. M. I Henry

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. Margaret Caro

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. S. A. Lindsay

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. Margaret Caro

**1897**

**Associação Geral e União Australasiana**

Ordenada Sra. E. G. White

**Califórnia**

Licenciada Sra. J. A. Owen

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. Margaret Caro

**1899**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White

Licenciada Sra. S. M. I Henry

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. Ruie Hill

**Associação Britânica**

Licenciada Sra. Edith Bartlett

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. Ruie Hill  
**1900**

**Associação Geral e União Australasiana**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. Hetty H. Haskell

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Norte Columbia**

Licenciada Sra. R. Hill

**Associação Britânica**

Licenciada Mini Robinson

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. M. Caro  
**1902**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell Grande

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. S. N. Haskell

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins

**(Mich.) Missão Norte**

Licenciada Sra. E. R. Williams

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Oklahoma**

**Nova Zelândia**

Licenciada Sra. M. Caro  
**1901**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins

**Michigan**

Licenciada Sra. E. R. Williams

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Utah**

Licenciada Sra. Carrie V. Hansen  
**1904**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**Arizona**

Licenciada Sra. J. E. Bond

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins

**(Mich.) Missão Norte**

Licenciada Sra. E. R. Williams

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Oklahoma**

Licenciada Minnie Syp

Licenciada Sra. Minnie Syp<sup>10</sup>

**Dakota do Sul**

Licenciada Bertha E. Jorgensen

**Missão Finlandesa**

Licenciada Alma Bjdigg

**1906**

**1905**

**Associação Geral**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**União do Lago**

**União do Lago**

Licenciada Sra. E. R. Williams

Licenciada Sra. E. R. Williams

**Arizona**

**Arizona**

Licenciada Sra. J. E. Bond

Licenciada Sra. J. E. Bond

**Iowa**

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Nova Iorque**

**Oklahoma**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

Licenciada Sra. Minnie Syp

**Oklahoma**

**Wyoming**

Licenciada Sra. Minnie Syp

Licenciada Sra. G. R. Hawkins

**Dakota do Sul**

Licenciada Bertha E. Jorgensen

**Finlândia**

Licenciada Alma Bjdigg

**1907**

**1908**

**Associação Geral**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**Iowa**

**Califórnia**

---

<sup>10</sup>O sobrenome foi mais tarde alterado para Sype.

Licenciada Sra. Minnie Syp  
Sra. Emma Hawkins

**Nova Iorque**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**1909**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**União Central**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins  
Sra. Minnie Syp

**Dakota do Norte**

Licenciada Sra. Bertha Jorgensen

**1911**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**Califórnia**

Licenciada Sra. S. N. Haskell

**Iowa**

Licenciada Sra. Emma Hawkins  
Sra. Minnie Sype

Ordenada Sra. J. S. Wightman

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins  
Sra. Minnie Syp

**Dakota do Norte**

Licenciada Sra. Bertha Jorgensen  
**1910**

**Associação Geral**

Ordenada Sra. E. G. White  
Licenciada Sra. H. H. Haskell

**União Central**

Licenciada Sra. Lulu Wightman.

**Califórnia**

Licenciada Sra. S. N. Haskell

**Iowa**

Licenciada Sra. G. R. Hawkins  
Sra. Minnie Syp

**Nebraska**

Licenciada Sra. Ura Spring Campo Pearl

**Dakota do Norte**

Licenciada Sra. Bertha Jorgensen  
**1915**

**Associação Geral**

Licenciada Sra. H. H. Haskell

**Iowa**

Licenciada Sra. Minnie Sype

**Dakota do Norte**

Licenciada Sra. Bertha Jorgensen

**Colônia do Cabo**

Licenciada Sra. E. R. Williams  
**1920**

**Grande Nova York**

Licenciada Emme Wells

**Iowa**

Licenciada Sra. Minnie Sype

**Missouri**

Licenciada Sra. E. F. Hawkins

**Dakota do Norte**

Licenciada Mina Panasuk

**Norte da Califórnia**

Licenciada Sra. Ella H. Osborne  
**1930**

**Norte da Califórnia**

Licenciada Sra. Ella H. Osborne

**Oregon**

Licenciada Pearl Stafford

**Texas Norte**

Licenciada Sra. Beulah Langdon  
Sra. H. Eder  
**1940**

**União Sul**

Licenciada Sra. M. Sype-Atteberry

**1925**

**Illinois**

Licenciada Sra. E. Flo Hawkins

**Norte da Califórnia**

Licenciada Sra. Ella H. Osborne

**Washington Oeste**

Licenciada Sra. Minnie Sype

**União-Missão China Leste**

Licenciada Sra. B. Miller

**1935**

**União-Missão China Leste**

Licenciada Sra. B. Miller

**Missão Hopei (China)**

Licenciada Lucy Andrus

**1945**

**União Sul**

Licenciada Sra. M. Sype-Atteberry

**Pensilvânia Leste**

Licenciada Sra. Jessie Curtis

**1950**

**Pensilvânia Leste**

Licenciada Sra. Jessie W. Curtis

**1960**

**União Central**

Licenciada Sra. W. H. Andersen

**União do Pacífico**

Licenciada Mary E. Walsh

**Georgia-Cumberland**

Licenciada Sra. Marye Burdick  
Sra. Lucia H. Lee

**Kentucky-Tennessee**

Licenciada Sra. Freda Ford  
Sra. Emma Phillips  
Sra. J. W. Wilhelm

**Potomac**

Licenciada Sra. Edna J. Cadey  
Mary Saxton

**1970**

**União Columbia**

Licenciada Sra. Edna J. Cadey  
Sra. Jessie Curtis

**Kentucky-Tennessee**

Licenciada Sra. Harry Weckham  
Sra. Phil Neal

**Potomac**

Licenciada Sra. Lois Mays

**1955**

**União Pacífico Norte**

Licenciada Sra. Minnie Sype Crippin

**Pensilvânia Leste**

Licenciada Sra. Jessie W. Curtis  
**1965**

**União Central**

Licenciada Sra. W. H. Anderson

**União do Pacífico**

Licenciada Mary E. Walsh

**Potomac**

Licenciada Sra. Edna J. Cadey  
Sra. Lois Mays  
Sra. Julia Ross

1975<sup>11</sup>

**União Central**

Licenciada Sra. W. H. Anderson

**União do Pacífico**

Licenciada Mary E. Walsh

**Potomac**

Licenciada Sra. Josephine Benton

---

<sup>11</sup>Em 1990, não havia nenhuma lista de ministras nos anuários permitindo distinguir as diversas ocupações, exceto as poucas que ainda são licenciadas. Em vista disso, nenhuma lista foi atualizada desde 1975.

## Apêndice C

### ACÇÕES RELATIVAS À QUESTÃO DA ORDENAÇÃO DAS MULHERES AO MINISTÉRIO NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DESDE 1990

Resolução da Associação Geral Aprovando Ordenação das Mulheres ao Ministério discutido em 1881

#### *The Review and Herald*

Battle Creek, Michigan, 20 de dezembro de 1881

U. Smith, Editor-Chefe

J. N. Andrews, Editor Associado

#### **Precedimentos Administrativos da Associação Geral (continuação)**

Quinta Reunião, 5 de dezembro, 10 A.M. Oração feita pelo Pastor Loughborough. Atas da última reunião, lida e aprovada.

*Resolução: as mulheres que possuem as qualificações necessárias para preencher essa posição podem, com perfeita propriedade, ser separadas por ordenação à obra do ministério cristão.*

Isso foi discutido por J. O. Corliss, A. C. Bourdeau, E. R. Jones, D. H. Lamson, W. H. Littlejohn, A. S. Hutchins, D. M. Canright e J. N. Loughborough, e encaminhado ao Comitê da Associação Geral (O Comitê da Associação Geral nunca respondeu esta resolução).

#### **LV Sessão da Associação Geral, 1990**

#### **Ordenação de mulheres ao ministério do evangelho não aprovada**

*Votado: aceitar o seguinte relatório e recomendações do Papel da Comissão de Mulheres, conforme recomendado pelo Conselho Anual de 1989: . . .*

1. Embora a Comissão não tenha um consenso sobre se as escrituras e os escritos de Ellen G. White defendem ou neguem explicitamente a ordenação das mulheres ao ministério pastoral, conclui, por unanimidade, que essas fontes afirmam um ministério significativo, mais amplo e contínuo para as mulheres, que está sendo expresso e será evidenciado nos dons diversos e em expansão de acordo com o derramamento do Espírito Santo.

2. Além disso, tendo em vista a ampla falta de apoio à ordenação das mulheres ao ministério evangélico na Igreja Mundial, e, em vista do possível risco de desunião, dissensão e desvio da missão da Igreja, não aprovamos ordenação das mulheres ao ministério do evangelho (A votação foi de 1.173 apoiando a decisão e 377 contra).

—*Adventist Review*, 13 de julho de 1990, p. 15.

#### **A realização de casamentos permitidos a determinados ministros licenciados e comissionados em consonância com as divisões**

*Votado: alterar o manual da igreja, página 59, A Cerimônia de Casamento, para que se leia:*

A Cerimônia de Casamento: Na cerimônia de casamento, a acusação, os votos e a declaração do casamento são dados apenas por um ministro ordenado, exceto nas áreas em que os comitês de divisão tomaram medidas para aprovar que os ministros licenciados ou comissionados selecionados que foram ordenados como ministros locais podem realizar a

cerimônia de casamento.

—*Adventist Review*, 19 de julho de 1990, p. 10. (A ação do Conselho Anual permitindo que mulheres batizem permanece inalterada. Ver p. 135).

### **Proposta na Conferência Geral de 1995 Recusada**

Nas reuniões administrativas da Conferência Geral de 1995 em Utrecht, na Holanda, a Divisão Norte-americana apresentou uma proposta onde cada divisão poderia decidir em seu próprio território se a ordenação ao ministério evangélico poderia incluir pessoas de ambos os sexos. Em 5 de julho, a moção foi recusada.

Pastor Alfred C. McClure, presidente da Divisão Norte-americana, escreveu: "Embora eu estivesse orando por um resultado positivo, a moção foi recusada." Em uma carta enviada a todos os pastores e administradores da Divisão Sul-americana, em 3 de agosto de 1995, ele fez o seguinte apelo "oremos para que Deus nos ajude neste momento muito delicado. Por mais doloroso que seja para muitos, não devemos permitir que ele divida nossa unidade ou desvie a missão."

### **A União Colúmbia, em 2004, solicitou que a Associação Geral considerasse novamente a questão da ordenação de mulheres**

A União Colúmbia votou, em 17 de maio de 2004, solicitar que a Associação Geral considere novamente a questão da estender a ordenação total às mulheres no ministério. Uma resolução foi votada por unanimidade, reconhecendo a necessidade de mudança nesta questão.

### **Credenciação das Mulheres Ministras apresentadas no Capítulo 9**

O credenciamento da maioria das ministras apresentadas no capítulo 9 é a credencial de ministro comissionado, emitido pela associação ou união local e listado no anuário adventista do sétimo dia.

Uma capelã sob a tutela da Divisão Norte-americana também pode receber a Credencial de Ministro Comissionado.

Várias ministras do capítulo 9 participaram de serviços especiais de ordenação em igrejas locais e serviços de comissão-ordenação em associações locais (ver abaixo).

### **Serviços especiais de ordenação e comissão-ordenação conduzidos por igrejas e conferências locais**

#### **Serviços de ordenação em igrejas locais**

Após a Sessão Administrativa da Conferência Geral, em Utrecht, em 5 de julho de 1995, foi votado não permitir que a Divisão Norte-americana autorizasse a ordenação das mulheres ao ministério, as congregações locais com a aprovação da associação ordenaram várias mulheres ao ministério, sendo a ordenação que afeta o serviço das mulheres apenas nessa igreja em particular.

#### **Ordenação na Igreja Sligo SDA em 23 de setembro de 1995**

Em 23 de setembro de 1995, três mulheres foram ordenadas ao ministério dessa forma na Igreja Adventista de Sligo, na Associação Potomac: Kendra Haloviak (ver p. 118), Norma Osborn (ver p. 123) e Penny Shell (ver p. 126).

#### **Ordenações na Igreja de Loma Linda Victoria e na Igreja da *Universidade de La Sierra* em 2 de dezembro de 1995**

(Ambas as igrejas fazem parte da Associação Sudeste da Califórnia).

Sheryll McMillan, a única pastora da Igreja de Loma Linda Victoria com 200 membros, foi ordenada em 2 de dezembro de 1995, no Serviço de Adoração das 11h da Igreja, onde ela pastoreou.

Às 16:00, no mesmo dia, na Igreja da *Universidade de La Sierra*, Madelynn Haldemann e Halcyon Wilson foram ordenadas. Dan Smith, Pastor da Igreja da *Universidade de La Sierra* na época, disse que seus membros acreditavam que todos deveriam servir como iguais, e Halcyon Wilson já era membro da equipe pastoral de La Sierra há 15 anos na época. Os presentes responderam ovacionaram em pé.<sup>12</sup>

Dr. Lawrence Geraty apresentou Madelynn Jones-Haldeman para ordenação. Ele ressaltou que Madelynn era membro da Faculdade de Religião da *Universidade de La Sierra* há mais de 30 anos. Ela, em 1980, foi a segunda mulher a receber o diploma de Doutor em Teologia do Seminário Teológico da IASD em Michigan. Ministros ordenados e membros da congregação desceram os corredores para participar da oração de ordenação.<sup>13</sup>

### **Ordenação na igreja de Garden Grove, Califórnia, 1996**

As pastoras associadas Margo Pitrone e Jared Fulton foram ordenadas ao ministério na Igreja Adventista de Garden Grove, Califórnia, em julho de 1996.

### **Ordenação na Igreja da *Universidade de Loma Linda* em 1997**

Margaret (PEG) Hempe foi pastora pioneira na Igreja da *Universidade de Loma Linda* na década de 1970 sob a tutela do Pastor Bill Loveless. Peg serviu como pastora associada por muitos anos e foi ordenada ao ministério evangélico na Igreja da *Universidade de Loma Linda* em 1997. Com a ajuda de Deus para suportar as provações de uma mulher no ministério, Pastora Hempe serviu como referência para mulheres mais jovens chamadas ao ministério.

### **Credencial igual para homens e mulheres pastores adotados por Associações**

Após estudar o assunto por vários anos, a Associação Sudeste da Califórnia dos Adventistas do Sétimo Dia, em março de 2002, adotou uma credencial igual para homens e mulheres pastores, a Credencial Comissionado-Ordenado. Pouco depois, a Associação Arizona adotou a mesma credencial. Comissão Diretiva da Associação Norte Califórnia, em maio de 2002, aprovou uma moção solicitando à Associação Geral que reconsidere as mulheres ao ministério, com uma emenda pedindo que a associação adote uma credencial igual tanto mulheres quanto homens.

As mulheres receberam a credencial de comissionamento de ordenação, junto com homens no ministério em sua conferência. Os homens declararam que não querem um status que as ministras não possam ter. Diversas ministras incluídas no capítulo 9 (trabalhando em uma das associações mencionadas acima) têm a Credencial Comissionado-Ordenado.

---

<sup>12</sup> Hallie Wilson está oficialmente aposentada, mas ainda trabalha meio período como assistente ministerial na Associação Sudeste da Califórnia.

<sup>13</sup> Madelynn Jones-Haldeman faleceu em 28 de janeiro de 2005.